



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

CARLA DANIELLA TEIXEIRA GIRARD

MEMÓRIA E PRODUÇÃO CIENTÍFICA: a relação entre a coleção arqueológica e a produção acadêmica dos arqueólogos do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG)

JOÃO PESSOA

2016

CARLA DANIELLA TEIXEIRA GIRARD

MEMÓRIA E PRODUÇÃO CIENTÍFICA: a relação entre a coleção arqueológica e a produção acadêmica dos arqueólogos do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, linha de pesquisa - Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto

JOÃO PESSOA

2016

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)

Bibliotecária: Carla Girard

G517m
2016

Girard, Carla Daniella Teixeira

Memória e produção científica: a relação entre a coleção arqueológica e a produção acadêmica dos arqueólogos do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) / Carla Daniella Teixeira Girard. – João Pessoa, 2016.

159 f.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

Orientador: Profº. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto.

1. Memória. 2. Produção científica. 3. Coleções arqueológicas. 4. Documentação Museológica. 5. Museu Paraense Emílio Goeldi. I. Azevedo Netto, Carlos Xavier de, *orient.* II. Título.

CDU- 069.8(811.5)

CARLA DANIELLA TEIXEIRA GIRARD

MEMÓRIA E PRODUÇÃO CIENTÍFICA: a relação entre a coleção arqueológica e a produção acadêmica dos arqueólogos do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, linha de pesquisa - Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em: ____/____/____.

Profº. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto
Orientador (PPGCI/UFPB)

Profª. Dra. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
(PPGCI/UFPB)

Profª. Dra. Marcia Bezerra de Almeida
(PPGA/UFPB)

À Deus.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela sabedoria concedida para possibilitar a concretização de mais um sonho em minha vida;

Aos meus pais Emílio Girard e Euzete Girard pela educação, amor e confiança depositada em mim;

Às minhas irmãs Cássia Girard e Cristiane Girard, pelo apoio e companheirismo;

Ao Professor Dr. Carlos Xavier por sua dedicação, conhecimentos perpassados e paciência em me orientar;

À Banca Examinadora, composta pelas professoras Dra. Bernardina Freire e Dra. Márcia Bezerra, que foram preponderantes para consecução desta tarefa através de contribuições e sugestões em relação à pesquisa desenvolvida.

À arqueóloga e professora Dra. Maura Imazio da Silveira por ter contribuído em seus esclarecimentos a respeito da pesquisa e também, permitido o acesso a Documentação Museológica.

À servidora Camila Fernandes pela paciência e pelo acompanhamento diário ao “Acervo Arqueológico da Reserva Técnica Mário F. Simões do MPEG”.

Ao meu querido Ednélio Guimarães e sua digníssima esposa Margarete Pereira pela torcida, simplicidade, amizade e pelo companheirismo de sempre ficarem do meu lado nos momentos de dificuldades e alegrias do andamento desta pesquisa. Não esquecerei tal apoio. Por isto: “Vocês moram no meu coração sem pagar aluguel”.

Ao caro amigo Luiz Eduardo pelo acolhimento em sua terra, por sempre ouvir minhas aflições nos momentos difíceis e saber contornar cada dificuldade minha com sua simplicidade e sabedoria. Obrigada pela gratidão!

Ao amigo Zayr Cláudio pelos momentos de amizade, apoio, dedicação, companheirismo, discussões, aflições, dentre tantos outros motivos. Te agradeço imensamente!

Ao estimado Derek, por seu apoio incondicional e a possibilidade de discussões e conhecimentos transmitidos no decorrer do Mestrado. O meu eterno agradecimento, obrigada!

Ao meu “marido acadêmico” Sérgio Santana que foi alguém que me cativou imensamente neste Mestrado, principalmente com suas caretas e posicionamentos. Acredito que será um excelente profissional. Desejo a você muito sorte em sua caminhada e obrigada pelo acolhimento. Não se esqueça “de ter mais livros que sapatos”!

Ao estimado colega de profissão Rodrigo Paiva pelo apoio e confiança na minha pesquisa.

À todos os meus amigos (as) de turma do Mestrado, em especial Eliziana Sousa, Giulianne Monteiro e Walqueline Araujo, que me acompanharam nessa trajetória proporcionando muito incentivo e força, já que nos momentos de dificuldades, tarefas, alegrias, dentre vários momentos que vivemos, sabíamos sempre, nos ajudar reciprocamente.

Em especial, aos meus grandes amigos Anderson Alberto Saldanha Tavares, José Ribamar e Ellen Fonseca, que se prestaram a me ajudar nos momentos difíceis da execução desta Dissertação, a eles, o meu obrigado.

Por fim, agradeço do fundo do coração ao universo de amigos que participaram e participam do meu desenvolvimento acadêmico e profissional.

"A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecida".

Walter Benjamin

GIRARD, Carla Daniella Teixeira. **Memória e produção científica**: a relação entre a coleção arqueológica e a produção acadêmica dos arqueólogos do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG). 2016. 159 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

RESUMO

O presente trabalho demanda evidenciar um estudo tratando do alinhamento entre as coleções arqueológicas e a produção científica, *papers*, de quatro arqueólogos no decurso de tempo compreendido entre 2005 a 2014, por meio de seus *currículo lattes* e da Documentação Museológica que registra e controla a formação e desenvolvimento das coleções arqueológicas constituídas pelo Museu Paraense Emílio Goeldi. Neste sentido, objetiva-se evidenciar os principais componentes presentes nas duas fontes de informação analisadas, verificar a abrangência dos campos existentes na Documentação Museológica, mensurar a quantidade de coleções arqueológicas que foram desenvolvidas a partir das temáticas selecionadas nas duas fontes de informação e examinar a cronologia existente na Documentação Museológica que formam as coleções arqueológicas do Museu Paraense Emílio Goeldi. A metodologia utilizada para o desenvolvimento desta atividade é baseada em um estudo caracterizado como uma pesquisa que parte de um fundo bibliográfico, exploratório e documental. Além disso, utilizou-se a abordagem qualitativa e quantitativa já que busca verificar a relação entre as duas fontes de informação propostas. A partir dos achados da pesquisa, inferimos que as duas fontes de informações trabalhadas, por meio das relações nas temáticas iminentes, apresentam-se de forma relevante para o desenvolvimento da formação das coleções encontradas no Museu Paraense Emílio Goeldi. Sendo assim, verificou-se que tais coleções se entrelaçam no aspecto memorialístico que permeiam esses patrimônios encontrados pelos pesquisadores estudados.

Palavras-chave: Memória. Produção científica. Coleções arqueológicas. Documentação Museológica. Museu Paraense Emílio Goeldi.

GIRARD, Carla Daniella Teixeira. **Memory and scientific production:** the relationship between the archaeological collection and the academic production of the archaeologies of the Emílio Goeldi Museum (MPEG). 2016. 159 f. Dissertation (Masters in Information Science) - Federal University of Paraíba, João Pessoa, 2016.

ABSTRACT

The present paper aims to report a study on the adjustment between archaeological collections and the scientific production made by four archaeologists during the period from 2005 to 2014 by means of their Lattes Curricula Vitae and Museu Paraense Emílio Goeldi museum documentation, which records and supports the management of its archaeological collections. Our objectives are: to underline the main components in both information sources; to evaluate the thoroughness of the available fields in museum documentation; to measure the quantity of archaeological collections fostered by selected themes visible in both sources; and to exam the Museu Paraense Emílio Goeldi museum documentation chronology. The methodology used in this paper is based on a study characterized as a bibliographic, exploratory and documentalresearch. In addition, we used qualitative and quantitative approaches since we intend to demonstrate the relationship between the two proposedsources of information. From the research findings, we infer that these two sources of information are presented as a relevant way to help in the development of the creation of the collections found at Museu Paraense Emílio Goeldi. Thus, it was found that these collections are interwoven in memorialistic aspect that permeate these patrimonies found the researchers studied.

Keywords: Memory. Scientific production. Archaeological collections. Museum Documentation. Museu Paraense Emílio Goeldi.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Tipos de produção do <i>Currículo Lattes</i> de Edithe Pereira.....	71
Gráfico 2 – Ano de publicações do <i>Currículo Lattes</i> de Edithe Pereira.....	72
Gráfico 3 – Temáticas do <i>Currículo Lattes</i> de Edithe Pereira.....	73
Gráfico 4 – Tipos de produção do <i>Currículo Lattes</i> de Fernando Marques.....	75
Gráfico 5 – Ano de publicações do <i>Currículo Lattes</i> de Fernando Marques.....	76
Gráfico 6 – Temáticas do <i>Currículo Lattes</i> de Fernando Marques.....	77
Gráfico 7 – Tipos de produção do <i>Currículo Lattes</i> de Maura Imazio.....	79
Gráfico 8 – Ano de publicações do <i>Currículo Lattes</i> de Maura Imazio	80
Gráfico 9 – Temáticas do <i>Currículo Lattes</i> de Maura Imazio.....	81
Gráfico 10 – Tipos de produção do <i>Currículo Lattes</i> de Marcos Pereira.....	83
Gráfico 11 – Ano de publicações do <i>Currículo Lattes</i> de Marcos Pereira.....	84
Gráfico 12 – Temáticas do <i>Currículo Lattes</i> de Marcos Pereira.....	85
Gráfico 13 – Arqueólogo que possui maior produção no <i>Currículo Lattes</i>	87
Gráfico 14 – Tipos de Documentação Museológica.....	89
Gráfico 15 – Ano das Documentações Museológicas	90
Gráfico 16 – Arqueólogos responsáveis.....	91
Gráfico 17 – Temática da Documentação Museológica de Edithe Pereira.....	92
Gráfico 18 – Temática da Documentação Museológica de Fernando Marques.....	93
Gráfico 19 – Temática da Documentação Museológica de Maura Imazio.....	95
Gráfico 20 – Temática da Documentação Museológica de Marcos Pereira.....	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fases da Pesquisa.....	20
Quadro 2 – Explicações sobre os Museus de Ciência Técnica e de História Natural.....	36
Quadro 3 – Mudanças ocorridas na Gestão do Diretor Emílio Goeldi.....	49
Quadro 4 – Produção científica da área da arqueologia no MPEG.....	56
Quadro 5 – Produção científica dos estudantes universitários da área de arqueologia no MPEG.....	57
Quadro 6 – Produção científica dos estudantes por meio de estágio e bolsas de iniciação científica que ingressam em arqueologia.....	57
Quadro 7 – Formação da coleção arqueológica do MPEG.....	62
Quadro 8 – Três matrizes dimensionais dos objetos museológicos.....	66
Quadro 9 – Formação de coleções da Temática Pré-História na Amazônia.....	100
Quadro 10 – Formação de coleções da Temática Carta Arqueológica.....	102
Quadro 11 – Formação de coleções da Temática Arqueoturismo.....	108
Quadro 12 – Formação de coleções da Temática Engenhos de Maré.....	112
Quadro 13 – Formação de coleções da Temática Fortificações.....	114
Quadro 14 – Formação de coleções da Temática Arqueologia Amazônica.....	116
Quadro 15 – Formação de coleções da Temática Sudeste do Pará.....	125
Quadro 16 – Formação de coleções da Temática Salvamento Arqueológico.....	129
Quadro 17 – Formação de coleções da Temática Arqueologia do Litoral.....	139
Quadro 18 – Formação de coleções da Temática Arqueologia da Paisagem.....	143
Quadro 19 – Formação de coleções da Temática Projetos Arqueológicos.....	145

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
2.1 Caracterização da pesquisa	19
2.2 <i>Lócus</i> da pesquisa	19
2.3 Etapas da pesquisa	20
3 MEMÓRIA	22
3.1 Memória científica	30
4 MUSEUS COMO <i>LOCUS</i> DA MEMÓRIA.....	34
4.1 Cultura Material	38
4.2 Concepção sobre patrimônio	44
4.3 Memória do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG).....	47
4.3.1 Produção científica	53
4.3.2 Coleções	58
4.3.3 Documentação Museológica	63
5 ANÁLISE, RESULTADOS E DISCUSSÕES	69
5.1 <i>Currículo lattes</i>	69
5.2 Documentação Museológica.....	88
5.3 Currículo lattes x Documentação Museológica.....	99
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS	151

1 INTRODUÇÃO

A formação de coleções dentro dos museus é determinada pelo processo de entrada de objetos em seus acervos. No caso de museus que são Centros de Pesquisa/Unidade de Informação, o desenvolvimento principal dessas coleções tem vinculação direta com as pesquisas realizadas pela instituição. Assim, a temática a ser tratada no presente trabalho é a verificação da relação entre as coleções arqueológicas e a produção científica, *papers*, dos arqueólogos no período de 2005 a 2014, através dos seus *currículos lattes* e a Documentação Museológica, que registra e controla a formação dessas coleções constituídas pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), enquanto instituição pública de pesquisa.

Sabe-se que, a informação possui uma complexidade de definições, pois, essa depende do contexto da qual esteja inserida, já que está presente em todas as áreas, relacionando-se com os processos de busca, produção e comunicação do conhecimento. Como assevera Brigidi (2009, p. 12) a informação “está presente diariamente na vida das pessoas, pois todos a utilizam, a absorvem, a assimilam, a questionam, a manipulam, a produzem e a transmitem o tempo todo”. Ademais, é relevante destacar que a informação tem sua origem em uma fonte.

Em conformidade com Ferreira (1986, p. 797), a fonte é entendida como “[...] aquilo que se origina ou produz; origem, causa, procedência, proveniência, qualquer pessoa, documento, organismo ou instituição que transmite informação”. Pode-se, então, concluir que as fontes tornam possível a origem de toda e qualquer informação e conhecimento, já que fornecem subsídios para o que se pretende investigar, pesquisar e analisar. Mediante esta perspectiva, Beckman e Silva (1967 *apud* PASSOS; BARROS, 2009, p. 121) as fontes de informação “constituem o lugar de origem, donde a informação adequada é retirada e transmitida ao usuário [...]”.

Nesta acepção, acredita-se que os museus são considerados instituições-memórias (FRAGOSO, 2009), já que, assim como outras instituições, por exemplo, os Arquivos Públicos, possuem o caráter cultural e memorial que interligam-se à sociedade. Não obstante, esta mediação é possível devido a aspectos como guarda, conservação, pesquisa, divulgação e por último e principal, a exposição, a qual permite ao público compreender e representar o patrimônio, de acordo com sua percepção de mundo, ou seja, através da sua memória.

Desta maneira, essa memória permite no âmbito dos museus, um lugar de encontro, ou como aduz Pinto (2012) “espaços de encontros”, os quais permitem ressignificar os

patrimônios contidos nestas instituições, tanto com aqueles que se encontram ligados a nossa cultura como na cultura de outro. Por consequência, o encontro pode ser com o outro, com o objeto ou até mesmo com a minha própria cultura (PINTO, 2012). Complementando, Pinto (2012, p. 82), expõe que

[...] ainda que espaços de encontros, os museus também são desencadeadores de ausências. De certa maneira, os museus nos angustiam e, mesmo assim, abrigam o relicário de nossa humanidade e memórias que nos registram. É preciso abandonar a ingenuidade para entrar em contato com estes objetos, é necessário que haja uma apropriação deles. Deve-se aceitar os museus como campos de tensão.

Sob este aspecto, se pode destacar a dualidade (encontro/ausências) que o patrimônio evidencia em relação às sensações emanadas dos museus, assim como, a dualidade trabalhada pela memória, pois ao mesmo tempo em que se quer resguardá-la, quer esquecê-la. Neste ponto cabe enfatizar então, os chamados “campos de tensão”, onde se desencadeiam um processo cíclico entre “mudança e permanência, entre o perene e o volátil, entre a diferença e a identidade, entre o passado e o futuro, entre a memória e o esquecimento, entre o poder e a resistência” (CHAGAS; NASCIMENTO, 2008, p. 65).

Partindo desta premissa, os estudos de Fragoso (2009) apontam que as instituições-memórias têm como características fundamentais e que as distingue de outras instituições, a guarda e preservação de referenciais da memória. Também, acredita-se que o surgimento deste termo partiu da concepção de patrimônio, principalmente tendo como marco histórico o século XVIII, com a Revolução Francesa, devido à sociedade deste período sofrer sérios danos em seu patrimônio cultural, acarretando a necessidade de preservação. Neste caso, consoante Fragoso (2009, p. 69) as instituições-memórias são vistas como:

[...] órgãos públicos ou privados, instituídos social, cultural e politicamente, com o fim de preservar a memória, seja de um indivíduo, de um segmento social, de uma sociedade ou de uma nação; que tem funções de socialização, aprendizagem e comunicação, e disponibiliza informação patrimonial como fonte de pesquisa na formação de identidades, na construção da história e na produção de trabalhos científicos.

Igualmente, vários estudos como os de Soto (2009), Pinto (2012), Loureiro (1996, 1998), Ceravolo e Tálamo (2007) mostram a relevância que os museus possuem para a

sociedade, já que, contribuem diretamente na formação de repositórios de referências culturais, podendo ser vistos como patrimônio. Desse modo, a atividade do museu pode estar vinculada:

[...] a um propósito específico, explícito ou não e através dele, seja em sua forma material ou imaterial, os Homens constroem relações com os demais membros de sua cultura, com outras culturas ou com as gerações que os antecederam, desta forma desenvolvendo suas identidades [...] museus, como patrimônio que são, também têm a sua razão de ser e de existir e, por assim ser, são pensados para atingir a determinados objetivos, estabelecendo a partir daí sua função social, seu espaço de ação na sociedade (SOTO, 2009, p. 23).

Em outra vertente, Loureiro (1996) reconhece que os museus enquanto instituições são como espaços que se aproximam, e ao mesmo tempo, se distanciam das diversas possibilidades de representações de memória social, a qual compartilhada nestes espaços propicia, também, a presença de trocas e desenvolvimento de informações, que são geradas neles e divulgadas nas variadas exposições. Prova disso, são as formas como são processadas e documentadas no museu. Outrossim, cabe entender que cada museu possui seu caráter institucional (ciência, histórico, história natural, dentre outros), o qual faz-se necessário compreendê-lo.

Portanto, nosso estudo terá como *locus* de pesquisa o MPEG, por ser considerado uma instituição de grande renome no que é atinente aos estudos científicos dos ambientes naturais e antrópicos da Amazônia e na divulgação de conhecimentos e acervos relacionados à região. Enfatize-se que é a mais antiga instituição de pesquisa na Região Amazônica, obtendo reconhecimento internacional de ser uma das mais importantes instituições de investigação científica.

Sabe-se que o MPEG é uma instituição de pesquisa vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovação (MCTI). Foi criado em 1866, por Domingos Soares Ferreira Penna e só foi instalado oficialmente em 1871, fechando suas portas em 1889 e só reabrindo em 1891 (MPEG, 2013). Primeiramente, este museu tinha como missão original produzir e difundir conhecimentos e acervos científicos sobre sistemas naturais e socioeconômicos relacionados à Amazônia.

Subsequentemente, ao longo de sua trajetória memorialística foi peça fundamental para despertar o interesse da comunidade científica pela região Norte do País, ao estimular

visitas e coletas de materiais que, posteriormente, geraram as primeiras coleções zoológicas, botânicas, geológicas, etnográficas e arqueológicas. Também, promoveu as primeiras pesquisas sobre o ciclo reprodutivo e biológico das principais espécies de mosquitos causadores da febre amarela, malária e *filariose*. Atualmente, sua missão e objetivos são: realizar pesquisas, promover a inovação científica, formar recursos humanos, conservar acervos e comunicar conhecimentos nas áreas de ciências naturais e humanas relacionadas à Amazônia.

Ressalte-se que, o MPEG é considerado um *Museu de História Natural*, e, na concepção de Loureiro e Silva (2013, p. 1), este tipo de instituição “constitui em espaços de construção, exposição e divulgação de narrativas estruturantes da memória, do patrimônio cultural e da ‘ideia de nação’. Possui ainda, múltiplas significações e sentidos construídos a partir de diferentes campos disciplinares e perspectivas político-ideológicas”.

Por isto, enfatize-se que o MPEG abriga em seu âmbito várias coleções museológicas, dos mais diversos escopos disciplinares, das ciências da terra, passando pelas biológicas, até as humanas. O questionamento fundante deste trabalho está ligado a verificação da relação entre as coleções arqueológicas e a produção científica, *papers*, dos arqueólogos no período de 2005 a 2014, demonstrando o papel social desses patrimônios, na produção de parte do conhecimento arqueológico da Amazônia Brasileira, expressos nos registros dos *Currículos lattes* dos pesquisadores e na Documentação Museológica do MPEG.

Dessa forma, questiona-se: as coleções arqueológicas contribuíram para a produção de informação/conhecimento por parte dos arqueólogos desta instituição? Para responder adequadamente a esta indagação pretende-se: a) Levantar as possíveis temáticas que se encontram bastante presente no *Currículo lattes* dos pesquisadores e na Documentação Museológica; b) Verificar a abrangência dos campos existentes na Documentação Museológica; c) Mensurar a quantidade de coleções arqueológicas que foram desenvolvidas a partir das temáticas selecionadas no *Currículo lattes* dos pesquisadores e na Documentação Museológica e; d) Examinar a cronologia existente na documentação museológica que formam as coleções arqueológicas do MPEG.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objetivo específico deste capítulo é discorrer sobre os principais procedimentos metodológicos que envolvem a pesquisa propriamente dita tratando, neste caso, sobre a Caracterização da pesquisa, Universo da pesquisa Etapas da pesquisa.

Mediante a perspectiva de que a produção de conhecimento representa um avanço para o ser humano, Gil (2007, p. 17) afirma que a pesquisa é definida como o “[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. Portanto, a pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados”.

Dessa maneira, como coloca Becker (1993), “uma proposta metodológica deve estar atenta às peculiaridades que seu objeto coloca no decorrer da pesquisa, e estar em constante adaptação às realidades que se colocam”, portanto, o que se pretende apor no estudo são princípios gerais, podendo este ser alterado de acordo com o andamento da pesquisa.

Corroborando com a visão de Gil (2007), Marconi e Lakatos (2003, p. 15) expõem que a pesquisa é “um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”. Ou seja, se pode constatar que a pesquisa é uma atividade voltada para a solução de problemas, e que se realiza através de procedimentos científicos, os quais são: problema, método científico e resposta ou solução. Sobre o método científico, pode-se defini-lo como:

[...] conjunto de passos, procedimentos e etapas, todo método pressupõe a formulação de problemas, a introdução de recortes e a seleção de aspectos atinentes ao objeto a ser conhecido, podendo o foco e o parâmetro serem mais ou menos amplos, a depender da perspectiva e do ponto de vista do observador ou do sujeito (DOMINGUES, 2004, p. 20).

Logo, verifica-se que a vertente de Domingues (2004) remete a ponderação de que a pesquisa quando se estabelece no âmbito científico, necessita de uma sistematização de certos procedimentos para construção de métodos que auxiliem na exatidão do cumprimento dos objetivos propostos. Portanto, os tópicos a seguir auxiliaram nesta sistematização.

2.1 Caracterização da pesquisa

Para a execução do objetivo geral proposto torna-se imprescindível o estabelecimento de um conjunto de métodos e técnicas que deem conta das peculiaridades do objeto de estudo. Assim, o presente trabalho pode ser caracterizado como uma pesquisa que parte de um fundo bibliográfico, como foi definido por Gil (2010) e Fonseca (2002), como exploratória, no entender de Cervo, Bervian e Da Silva (2007) e complementado por Sampieri, Collado e Lucio (2006). Isto, a partir de recursos documentais, de acordo com Marconi e Lakatos (2011) e Fachin (2006), e de escopo qualitativo, como foi discutido por Goldenberg (1997).

Esses indicativos da abordagem qualitativa podem ser complementados também por Polit, Beck e Hungler (2004) e Minayo e Sanches (1993). Além disso, será utilizada da abordagem quantitativa definida por Rodrigues (2006), Severino (2007) e Minayo e Sanches (1993).

2.2 *Lócus* de pesquisa

Com relação ao universo da pesquisa, será delimitado e representado pelo MPEG, o qual é visto como uma instituição de pesquisa que possui como sede, a cidade de Belém, Estado do Pará, região Amazônica. Por conseguinte, sabe-se que desde sua fundação, em 1866, suas atividades concentram-se no estudo científico dos sistemas naturais e socioculturais da Amazônia, bem como na divulgação de conhecimento e acervos relacionados à região (MPEG, 2013).

Desta forma, o ponto central no âmbito do MPEG será na Coordenação de Ciências Humanas (CCH), a qual atualmente desenvolve pesquisa em três áreas: Antropologia, Arqueologia e Linguística. Todavia, nosso estudo se pautará nas Documentações Museológicas referentes ao âmbito da Arqueologia.

No que é concernente ao aspecto da produção científica foi realizada a análise do *currículo lattes* dos arqueólogos, a fim de se verificar a relação proposta nos objetivos deste estudo. Neste contexto, foi apurado que o MPEG, possui atualmente 6 (seis) arqueólogos efetivos, porém, foram estudados apenas 4 (quatro). Isso em razão de que uma arqueóloga

está em disponibilidade¹, no caso, cedida à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); e, a outra é recém-chegada², por isso, não presente no período dos anos determinados na pesquisa. Isso significa que a pesquisa embasou-se apenas nos arqueólogos possuem produções ao longo do decurso de tempo estabelecido na pesquisa (2005-2014), sendo eles:

- **Edithe da Silva Pereira:** <http://lattes.cnpq.br/7300782839552849>
- **Fernando Luiz Tavares Marques:** <http://lattes.cnpq.br/0365104813041022>
- **Marcos Pereira Magalhães:** <http://lattes.cnpq.br/0301054305534704>
- **Maura Imazio da Silveira:** <http://lattes.cnpq.br/1937795556101203>

2.3 Etapas da pesquisa

O Quadro 1 exibe de forma clara e objetiva as etapas que foram desenvolvidas nesta pesquisa:

Quadro 1 – Fases da Pesquisa

FASES	AÇÕES
Primeira	Levantamento Bibliográfico
Segunda	Coleta de dados do <i>Currículo Lattes</i> e da Documentação Museológica
Terceira	Análise do <i>Currículo Lattes</i> e da Documentação Museológica
Quarta	Interpretação dos dados coletados

Fonte: Adaptado de Eirão, 2011.

Na primeira fase, por meio de levantamento bibliográfico foi realizada a construção da fundamentação teórica para o alcance do objetivo, cujo é verificar a relação entre as coleções arqueológicas e a produção científica gerada pelos arqueólogos do MPEG. Em consequência, esta fase embasa-se via de leitura, análise e interpretação de diversos materiais,

¹ Vera Lúcia Calandrini Guapindaia: <http://lattes.cnpq.br/1170835316881310>.

² Helena Pinto Lima: <http://lattes.cnpq.br/4138407289238061>.

nas seguintes temáticas: memória, memória científica, museus em seu âmbito geral e também, na compreensão da memória do MPEG, cultura material, produção científica, coleções e Documentação Museológica.

No tocante à segunda fase, o *currículo lattes*, considerou três aspectos: tipo de publicação (projetos de pesquisa, projetos de extensão, artigos, capítulos de livros, dentre outros), ano de publicação e as temáticas que são pertinentes aos estudos destes atuais arqueólogos constituídos no decurso de dez anos de contribuição para o museu. Após, mensurar o arqueólogo que mais produziu durante estes dez anos trabalhados neste estudo.

Concernente à Documentação Museológica, foi considerada: tipos de Documentação Museológica, Ano destas documentações, arqueólogos responsáveis, além das temáticas pertinentes também no *Currículo Lattes* para realizar a relação durante o período da pesquisa. Da mesma maneira, foram levadas em conta outras informações relevantes para o discernimento da formação de coleções, porém, só serão abordadas na última fase.

Na terceira fase, levou-se em conta a aplicabilidade da análise documental no sentido de identificar, verificar e apreciar o *Currículo lattes* e a Documentação Museológica com uma finalidade específica, relacionando ambas para a construção das coleções arqueológicas formadas pela instituição estudada. Por isto, esta análise parte primordialmente da seleção tanto no *currículo lattes* dos atuais arqueólogos quanto na Documentação Museológica de informações pertinentes ao período de 2005 a 2014. Após estabelecido estes critérios na análise documental, a próxima etapa complementar o andamento desta pesquisa.

Na última fase, foi realizada a interpretação dos dados encontrados no *Currículo lattes* e na Documentação Museológica proposta nesta pesquisa com o intuito de verificar a formação das coleções arqueológicas constituídas pelo MPEG, o qual irá demonstrar se a produção científica destes pesquisadores estão refletidas nas informações arqueológicas disponibilizadas na Documentação Museológica da instituição, assim como se consta na Documentação Museológica a produção científica dos arqueólogos do museu.

Neste intento, foram construídos quadros sinóticos para atestar esta relação, a qual possui as seguintes informações: proveniência, natureza do material, situação do material, produtos (duas fontes de informação), datação, finalidade do material, volume, indicação/menção de extroversão e outras informações.

3 MEMÓRIA

Este capítulo tem como intento maior traçar a panorâmica que envolve todos os aspectos concernentes à Memória, particularizando o cenário da Memória Científica.

No aspecto da memória há diversas definições acerca desta terminologia. Uma delas é a preconizada por Bergson (1990), o qual a considera como aquela praticamente inseparável da percepção, já que intercala “o passado no presente, condensa também, numa intuição única, momentos múltiplos da duração e, assim, por sua dupla operação, faz com que de fato percebamos a matéria em nós, enquanto de direito a percebemos nela” (BERGSON, 1990, p. 77).

Essa matéria por ele identificada é a memória propriamente dita. Desta forma, o autor nos mostra a ideia de representar o meio no qual estamos inseridos, a partir de uma materialidade que inclui os mais diversos sentidos e sensações que nosso corpo permite, e de onde chega-se a um denominador comum, não seguindo uma cronologia linear, mas sim momentânea, remetendo-nos as mais variadas passagens de tempos existentes em nossa memória.

Adiante, partindo da mesma vertente proposta por Bergson, Atkinson (2007, p. 173) considera a memória como o “estudo de como integramos as informações sensoriais para perceber os objetos e como, então, utilizamos estes *perceptos* para nos movimentarmos no mundo (um *percepto* é o produto de um processo perceptivo)”. Quer dizer, o autor mostra a forma como organizamos as informações internamente, e as demonstramos e agimos externamente, cujo resultado final é representar e compreender o mundo no qual estamos inseridos.

Também, o autor supracitado aponta que a percepção possui duas principais características sendo elas: a localização e o reconhecimento. A primeira é aquela que irá determinar quais os objetos que são percebidos externamente aos sentidos, por isso, deve “igualmente saber onde estes objetos estão (ao alcance da mão à esquerda, a centenas de metros à frente e assim por diante)” (ATKINSON, 2007, p. 174).

Já a segunda, tem a ver com o significado que se submete ao objeto, isto é, “crucial para a sobrevivência porque muitas vezes temos que saber o que é o objeto para podermos deduzir algumas de suas características importantes” (ATKINSON, 2007, p. 174).

Podem-se destacar as contribuições dos estudos de Hering (1920 *apud* SCHACTER, 1991) acerca da memória, para quem tudo que realizamos ou temos (ideias, concepções,

percepção, pensamento, movimentos cotidianos, dentre outros) é devido à existência dela. Por isto, ele reafirma que a “memória reúne os inúmeros fenômenos de nossa existência em um todo único; e, assim como nossos corpos se dispersariam na nuvem de seus átomos componentes [...]” (HERING, 1920 *apud* SCHACTER, 1991, p. 684), é a memória que integra e unifica todos esses fragmentos tornando um só a partir dela. Assim, notamos que este autor compartilha das mesmas convicções trabalhadas por Bergson (1990).

Para Atkinson (2007), na atualidade os estudos apontam que a memória parte de três estágios os quais são: 1- codificação (colocar um fato na memória); 2- armazenamento (fato retido na memória); 3- recuperação (fato é resgatado do armazenamento) (ver Figura 1).

Figura 1 – Três estágios da memória.



Fonte: Adaptado por Atkinson, 2007.

Analisa-se a partir da Figura 1, que o primeiro estágio, a codificação, aponta que o colocar na memória, refere-se à transformação dos estímulos externos, como cheiro, som ou representações que a memória aceite e codifique. Já o segundo, o armazenamento, é a maneira como você retém esse estímulo ou representação codificada. Sobremaneira, esse estágio corresponde ao intervalo entre a codificação e a recuperação. E, por último, a recuperação, que ocorre quando é realizado o resgate do que está armazenado, a partir do momento em que ocorre a incitação em um segundo contato com os estímulos e representações que estão no segundo estágio.

Por isso, Bergson (1990) expõe que a memória então, precisa superar o seu dualismo (espírito e matéria). Destarte, propõe a sua função:

[...] evocar todas as percepções passadas análogas a uma percepção presente, recordar-nos o que procedeu e o que seguiu, sugerindo-nos assim a decisão mais útil. Mas não é tudo. Ao captar numa intuição única momentos múltiplos de duração, ela

nos liberta do movimento de transcorrer das coisas [...]. Quanto mais ela puder condensar esses momentos num único, tanto mais sólido será a apreensão que nos proporcionará da matéria [...] (BERGSON, 1990, p. 187).

Assim, se pode destacar que este conceito proposto por Bergson (1990) possibilita a percepção de que seu embasamento teórico parte do pressuposto da biologia e, até, da tradicional concepção materialista da Ciência da Metafísica. É por isso que ele busca se refletir sobre um aprofundamento maior, sempre na tentativa de superar o dualismo. Confronte este fato, Deleuze (1992, p. 63), diz que Bergson utilizou-se dos elementos da biologia, para “possíveis explicações do funcionamento do cerebral e seu movimento, a sua percepção, a lembrança, a matéria (conjunto de imagens) e a imagem para conseguir fundamentar a sua explicação sobre memória”.

Portanto, a memória por ele estudada é vista como a memória individual. Porém, ao compreender melhor o advento desta, nesta pesquisa, permite o entendimento da emergência da memória social, já que irá abordar o MPEG enquanto instituição que não apenas propicia um resgate da memória individual, mas também, de uma memória social.

Adentra-se que, as concepções de Dodebei (1997, p. 44-45) apontam que ao lado da “memória individual objeto da psicologia, psicofisiologia, entre outros, a memória pode se apresentar, ainda que de forma metafórica, como memória histórica e coletiva, portanto social”. Nota-se, então, que a memória assume um caráter vinculado aos processos estabelecidos no anseio da sociedade, ou, mais precisamente no surgimento das relações/representações sociais.

No que concerne à essas representações, Jardim (1994, p. 98) assevera que são como “concepções, imagens e visões de mundo que os atores produzem e consomem no âmbito de práticas sociais diversas em um tempo e espaços determinados”, por isto, denomina-se de memória social, a qual, por seu intermédio, compreende-se que tem sua abordagem neste estudo, visto que, o MPEG enquanto instituição-memória (FRAGOSO, 2009) acarreta primordialmente em seu caráter um universo de representações sociais da região Amazônica.

A respeito da memória social, Dodebei (1997, p. 20) discorre que:

[...] a memória de uma sociedade não é somente uma herança acabada, marcas tangíveis e ilações que delas a ciência pode derivar acerca da sua relação com o passado: é, em nosso entendimento, o próprio movimento de constituição identitária que permeia, viabilizando e atribuindo significação, as produções e as relações dos membros da sociedade em si.

Nos preceitos supracitados, percebe-se que a memória social não pode ser vista apenas como algo preso a um passado, mas que possa ter e ser considerado algo em constante movimento, que com o decorrer do tempo modifica-se com as relações sociais em sua conjuntura. Entretanto, esse passado nos auxilia no pertencimento de nosso caráter imanente e molda-nos em diversos significados que pareiam essas relações e possíveis representações.

Dodebei (1997), igualmente, na busca de uma construção de determinado conceito de memória, tendo em vista seu âmbito social, estabelece suas discussões mostrando que essa memória advém do tecido social, compreendido como:

[...] a teia das relações sociais constituída pelas ações do homem. Ao dirigirmos um olhar conceitual para as ações concretas deste tecido social nos deparamos com traços ou vestígios que de uma certa forma transitam pelas dimensões temporais, passando do passado ao presente, sempre tendo em vista o futuro (DODEBEI, 1997, p. 36).

A autora prossegue aduzindo que o conceito de memória suscita sua formação de maneira selecionada das diversas ações sociais, e, até, nos preâmbulos de uma semiologia, ao afirmar que:

[...] se apresentam como signos móveis, por outro essas ações [sociais] são preservadas por meio de representações que, ao transitarem pelos *locus*, adquirem novas propriedades, seja na redução semiótica (perda do sentido de produção original), seja na incorporação de novos atributos informacionais próprios de sua condição essencial de mobilidade (DODEBEI, 1997, p.74).

Nos estudos de Silva e Oliveira (2014, p. 135), a memória também assume importância no caráter social e, conseqüentemente, possibilitando as mais variadas formas de representações sociais. Portanto:

[...] a memória é enraizada a uma retórica de profundo questionamento acerca daquilo que podemos ‘revitalizar ou rememorar’. se configura em uma retrospectiva aproximativa entre o horizonte das representações relativas aos contornos dos atos de memória na conjuntura social.

Presentemente, Dodebei (2005) suscita a memória sob o prisma de circunstância e movimento a partir de uma memória social vinculada a um patrimônio, cujo é abrangido por Catroga (2001) como um monumento marcado por “traços do passado”. Logo, o patrimônio enquanto monumento dispõe de traços tanto de um “consciente ou involuntariamente deixado, a sua leitura só será ressuscitadora de memórias se não se limitar a perspectiva gnosiológica e ‘fria’, e se for mediada pela afetividade e pela partilha comunitária com outros” (CATROGA, 2001, p. 24-25).

Deste modo, os patrimônios que compõem o MPEG representam diversos significados embutidos nos grupos ou povos amazônicos por meio de “conjuntos de informações” (DODEBEI, 2005, p. 47) produzidas por eles.

A memória é um fator de ligação psíquica coletiva em uma sucessão que visa neutralizar os efeitos da interrupção de uma trama; só quando a memória se torna objeto de uma gestão cultural é que pode produzir a aparência de ordem. Instituir, portanto, é ordenar. Mas a memória possui também algo de acidental, de circunstancial, já que não é apenas um meio de consagrar a continuidade, a duração, ou ainda de criar vínculos” (DODEBEI, 2005, p. 48).

Face isto, pode-se constatar que a memória quando perpassa o coletivo apresenta indicativo de cultura, cuja passa a ser um mediadora fundamental quando institui-se esses patrimônios, como aqui representados pelo MPEG, enquanto instituição-memória (FRAGOSO, 2009). Entretanto, é necessário refutar que nem sempre esses patrimônios são estabelecidos em uma ordem, pois podem apresentar-se de maneira ocasional, mas mesmo assim permitem a criação de diversos significados ou ressignificações introduzidos.

Para Paul Ricoeur (2007, p. 40) a memória pode ser:

[...] encarada não somente como uma ferramenta de guardar dados mnemônicos, mas, sobretudo, como uma capacidade de (re) significação das coisas e de si mesmo trata-se de uma representação das coisas já apresentadas anteriormente para si, uma possível reconfiguração de tais dados guardados na memória que são despertados pela rememoração. Tal relembração exige um esforço – *ars memoriae* – que faz com que busquemos tal conhecimento obtido anteriormente que está agora guardado na memória.

Logo, o autor busca mostrar que a memória é como algo que não se encontra vinculada a imaginação, ou talvez meramente fantasia, mas sim no ato de remeter ao passado que estão “arquivados” na mente do homem e são evocados como forma de representação frente ao constante entrave com o esquecimento. De tal modo, Weinrich (2001) aponta uma contraposição entre memória e esquecimento, distinguindo inúmeros exemplos através de diversos autores, onde uns defendem artes *mneumônicas* e outros que a refutam. Como resultante, ele constrói a história por meio de clássicos da literatura, apesar da dificuldade em criar a história do esquecimento por meio desses clássicos. Ou seja, ele reafirma que:

[...] quando por exemplo a memória é descrita como uma paisagem clara, o esquecimento ocupa os lugares ermos, com terrenos arenosos, nos quais é desmanchado pelo vento aquilo que deve ser esquecido. O esquecimento pode ser dito de forma como um buraco na memória, dentro do qual algo cai, e ao lá cair, fica no esquecimento (WEINRICH, 2001, p. 21).

Como tal característica, a memória pode ser usada como um mecanismo de entrave às lembranças deletérias para nossa mente, o qual devemos usá-lo para produzir novos pensamentos, novas formas de viver o momento presente, como consequência, “o lembrar-se é uma experiência de (re)significação, (re)conhecimento, (re)criação das coisas e de si” (RICOEUR, 2007, p. 40).

Considerando tais percepções, nota-se a inserção e relevância da memória presente a todo e qualquer momento do indivíduo, essas percepções no presente estudo remeterão essa memória frente aos museus e patrimônios inseridos nestes. Nesta acepção, podemos afirmar e relacionar a memória e o patrimônio no aspecto do “eu”, a partir das concepções de Catroga (2001, p. 23), quando prolata que:

[...] a formação do eu de cada indivíduo será, assim, inseparável da maneira como ele se relaciona com os valores da(s) sociedade(s) e grupo(s) em que se situa e do modo como, à luz do seu passado, organiza o seu percurso como *projecto*. A personalidade se forma sempre dentro de “quadros sociais de memória”, pano de fundo que, porém, consente tanto a apropriação da *herança*, como as suas reinterpretações.

Em outra perspectiva, pode-se analisar a relação da memória com patrimônio observada por Candau (2012, p. 158) quando este afirma que a mesma funciona como um

“aparelho ideológico da memória”. Ou seja, permite que artefatos como: vestígios, relíquias, testemunhos, impressões, dentre outros possam ser conservados para outras sociedades que consigam interligar o passado no presente. Ademais, Candau (2012) assegura que o patrimônio no âmbito memorialístico ocorre como uma forma de

[...] efervescência patrimonial é uma expressão de um modo de pensar retromaniaco no qual o passado é valorizado e, inclusive, venerado frequentemente por aqueles que percebem seus laços com as origens como menos firmes: “peças anexadas” recentemente neorresidente vindo da cidade” ou ‘herdeiros urbano’ (CANDAU, 2012, p. 159).

Por conseguinte, pode-se entender que a memória é vista por Halbwachs (1990) como aquela que aborda os “contextos sociais da memória”, o que ela denominou de memória coletiva. Significa que, para que existam esses contextos expressos faz-se necessário possuir uma base comum que interligue a memória individual a memória de outros (memória coletiva). Não obstante, nota-se que os patrimônios podem ser considerados essa base que interliga as lembranças coletivas expressas por Halbwachs (1990), visto que, permite com que lembranças passadas possam ser reevocadas através do tempo. Porém, é relevante frisar que a memória coletiva e o ambiente material não serão os mesmos, pois a cada sociedade recorta seu espaço a sua maneira.

Partindo da premissa de discussões sobre memória individual e coletiva, Catroga (2001) influenciado pelas vertentes de diversos estudiosos dentro da sociologia, principalmente da sociologia de Durkheim, faz uma relação sobre ambas no sentido de deixar claro que a memória individual (ou privada) é aquela vista sobre a ótica exposta por Bergson (1990) no sentido perceptivo e fisiológico (interno), em que havendo interação exterior, forma as representações. Já a memória coletiva (ou pública), parte de um grupo social que comunga de uma mesma memória vivida no meio social. Por isto, Catroga (2001) conclui que estas duas memórias interagem e se formam simultaneamente.

Afirmando tal perspectiva, o autor referido aponta que:

A consciência do eu se constrói em correlação com camadas memoriais adquiridas, estas só se formam a partir de narrações contadas por outros, o que prova que a memória é um processo relacional e inter-subjetivo. Ainda que somente os indivíduos possam recordar, a interiorização da alteridade permite detectar a existência de uma analogia entre a estrutura subjectiva do tempo e a que passou a conferir sentido à vida colectiva (CATROGA, 2001, 13-14).

Outrossim, a aplicabilidade da definição do autor supracitado não encontra-se em desuso, pois apesar de ter sido evidenciado a partir da era moderna, não limitou-se apenas a este período, mas sim contemplando até os dias atuais, compreendida então como o que ele denominou de “produto da história”. Por isto, segundo ele:

a memória é instância construtora e solidificadora de identidades, a sua expressão *colectiva* também *actua* como instrumento e *objecto* de poder(es), quer mediante a *selecção* do que se recorda, quer do que, consciente ou inconscientemente, se silencia. Acentuar que, nas suas dimensões *colectivas*, sobretudo quando funciona como *metamemória*, a margem de manipulação e de uso político-ideológico aumenta (CATROGA, 2001, p.55).

Partindo desta concepção, Candau (2013, p.33), assevera que a memória é, então, “uma reconstrução e não uma reconstituição fiel do passado e está longe de ser uma nova ideia”. Compartilhando da mesma vertente, Halbwachs (1990) afirma que a memória, apesar da modificação temporal, não pode ser revivida da mesma forma que foi no passado, ela pode então, até permitir traços daquele período, porém, não será de forma constante. Portanto, Candau (2013, p. 60), complementa que:

[...] sem a memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece. Não produz mais do que um sucedâneo de pensamento, um pensamento sem duração sem lembrança de sua gênese que é a condição necessária para a consciência e o conhecimento de si.

Em vista do acima exposto, pode-se inferir a partir das ideias dos autores discutidos neste tópico, algumas concepções de memória, na busca de compreender sua importância substancial no desenvolvimento dos seres humanos, já que ela está presente em todos os momentos vividos e revividos por nós, como afirma Hering (1920 *apud* Schacter, 1991). Portanto, como discorre Candau (2013), sem a memória nós somos seres vagos, sem identidade e não temos o discernimento de possuir consciência ou tão pouco lembranças, pois o único espaço temporal vivido é o presente.

3.1 Memória científica

O conhecimento pode ser considerado uma associação ordenada de informações colhidas e organizadas, que possibilita ao ente humano entender a natureza. É por intermédio da percepção que o ser humano converte informação em conhecimento. Em meio à profusão de informações às quais se tem acesso, apenas o que se logra reter, apreender e entender é conhecimento.

A importância que assume a informação no contexto acima expresso é assim sintetizada por Le Coadic (1996, p. 27):

[...] as atividades científicas e técnicas são o manancial de onde surgem os conhecimentos científicos e técnicos que se transformarão, depois de registrados, em informações científicas e técnicas. Mas, de modo inverso, essas atividades só existem; só se concretizam, mediante essas informações. A informação é o sangue da ciência. Sem informação, a ciência não pode se desenvolver e viver. Sem informação a pesquisa seria inútil e não existiria o conhecimento. Fluido precioso, continuamente produzido e renovado, a informação só interessa se circula, e, sobretudo, se circula livremente.

E, é esse parâmetro da circulação acima explicito que se designa como comunicação. É ela que admite a permuta de informações, originando a inferência de que enquanto a informação é uma matéria-prima, um produto, um resultado, a comunicação é uma ação, uma estrutura, é o processo de intermediação que consente a interação de conceitos entre os seres humanos.

Pode se dizer que a comunicação é um acontecimento natural e próprio ao ente humano variando conforme suas particularidades dos grupos nos quais e entre os quais se insere interagindo de modo imanente. Nesta acepção, “o processo de comunicação implica um acervo compartilhado de componentes preexistentes – linguagem, expressões, códigos etc. -, fundamental para a acessibilidade funcional do fluxo informacional” (TARGINO, 2000, p.10).

Quer dizer, o universo dos cientistas não demanda bibliografias na definição abrangente do termo, porem literaturas específicas aos seus interesses e informações respeitantes às suas buscas mais individuais (TARGINO, 2000).

Quando a abordagem particulariza a comunicação científica, esse intercâmbio abarca apenas os membros da comunidade científica. Garvey *apud* Targino (2000, p.10) restringe a comunicação científica aos cientistas “que estão diretamente envolvidos com pesquisas na fronteira da ciência, abrangendo os contatos mais informais até o registro em veículos formais por excelência”.

Com base em tais ideias Gomes, (2013, p. 10) assegura que:

[...] cada comunidade científica, ainda, apresenta, por vezes, velocidades e processos díspares de pesquisa, partilha, recolha, utilização e preservação das informações, dados e do próprio conhecimento que são muitas vezes, também, acentuados por diferenças regionais e institucionais/acadêmicas e que impactam, além do desenvolvimento da própria Comunidade Científica, em maior ou menor grau, na aceitação ou recuo de certos artefatos tecnológicos ou nas transformações, de outra ordem, relacionadas ao sistema.

Esse fato é retratado no pensamento de Griffith (1989, p.600) que conceitua-a como:

[...] a comunicação que incorpora as atividades associadas à produção, disseminação e uso da informação, desde o momento em que o cientista concebe uma ideia para pesquisar até que a informação acerca dos resultados é aceita como constituinte do estoque universal de conhecimentos.

Esse enfoque demonstra que a comunicação científica torna-se imprescindível à atividade científica, já que torna plausível o aditamento de esforços individuais dos membros das comunidades científicas. Eles cruzam de modo continuado informações com seus iguais, enunciando-as para seus legatários e/ou auferindo-as de seus precursores.

Ressalve-se que é a comunicação científica que proporciona ao produto (produção científica) e aos produtores (pesquisadores) a imperativa visibilidade e possível confiabilidade no âmbito social em que produto e produtores se fazem presentes. (GRIFFITH, 1989)

Posteriormente, Garvey (1979, p. 280) circunscreve a comunicação científica “aos cientistas que estão diretamente envolvidos com pesquisas na fronteira da ciência, abrangendo os contatos mais informais até o registro em veículos formais por excelência”. Há de se reproduzir, contudo que, indubitavelmente, a comunicação científica assume papel de destaque para a totalidade dos pesquisadores.

Essas noções são direcionadas às funções da comunicação na ciência, ordenadas por Menzel, no decurso de 1958 (*apud* KAPLAN; STORER, 1968):

- a) Fornecer respostas a perguntas específicas;
- b) Concorrer para a atualização profissional do cientista no campo específico de sua atuação;
- c) Estimular a descoberta e a compreensão de novos campos de interesse;
- d) Divulgar as tendências de áreas emergentes, fornecendo aos cientistas idéia da relevância de seu trabalho;
- e) Testar a confiabilidade de novos conhecimentos, diante da possibilidade de testemunhos e verificações;
- f) Redirecionar ou ampliar o rol de interesse dos cientistas;
- g) Fornecer *feedback* para aperfeiçoamento da produção do pesquisador.

Um contexto a ser relevado diz respeito à importância que assume a comunicação científica em analogia à memória científica, pois comunicação científica ao gerar informações torna imprescindível que estas sejam guardadas, é, aí, que surge o imperativo da contextualização desta.

Ressalte-se, contudo, ser preciso existir no bojo do contexto da memória científica, a compreensão inerente ao significado desta, do arquivo científico e de ciência.

Isso porque se sopesa que a memória científica não se restringe à documentação produzida e acumulada no decurso da atividade científica gerada nos laboratórios. Ela se entranha nos arquivos gerados no delineamento de atividades que possibilita os fazeres científicos e, naqueles que são consequências de diligências essenciais à atividade científica. Neste sentido, tem-se a divulgação da ciência realizada pelos periódicos especializados e também, pela gama diversificada de bancos de dados que demandam alcançar a produção científica nacional e internacional.

Esse cenário admite ainda a inserção dos museus científicos e as inúmeras redes de comunicação, impressa, televisiva e eletrônica. O resultado deste panorama é de que a memória científica se estabelece nas instituições onde a ciência é concretizada, doutrinada, desenhada, gerida, custeada, exibida, divulgada e acessada.

Assumem um papel relevante neste panorama, os arquivos pessoais de cientistas, devido a que, além de conterem documentos figurativos do trajeto profissional destes pesquisadores, abrangem documentos que retratam sua vida social, familiar, afetiva e cultural, o que viabiliza um olhar mais expandido sobre ele, e do meio social onde se encontra presente. Esses arquivos são os mais demandados pelos pesquisadores.

Sobre esta questão Gomes (1998, p. 121) aponta que:

[...] a descoberta dos arquivos privados pelos historiadores é razoavelmente recente e, em geral, esteve associada à renovação teórica do campo historiográfico, do qual emergiram novos objetos e fontes para a pesquisa, além de novas metodologias. A autora ressalta a enorme importância que a história cultural teve neste movimento de renovação do fazer histórico que, igualmente fruto das novas abordagens teórico metodológicas, colocou o indivíduo no centro de sua reflexão e promoveu um fecundo diálogo com outras áreas de conhecimento.

Isso significa aludir que, devido às diversificadas causas, a atividade de pesquisa tem uma atinente autonomia, os pesquisadores, de algum modo, determinam conexões muito particulares com sua produção, em geral, devido à em alguns momentos, os recursos que viabilizam o desenvolvimento de inúmeras pesquisas serem apreendidos por eles de maneira individual.

Ainda que a instituição ofereça infraestrutura básica para que a pesquisa possa se desenvolver e, da mesma forma, a importância de sua marca, a analogia do pesquisador com seu trabalho e algumas especificidades do método científico contribuem para que qualquer iniciativa orientada à preservação desta memória e mais nomeadamente dos arquivos científicos considere estes fatores.

Ou seja, além de responsáveis diretos pela construção da memória científica, os pesquisadores incorporam, como obrigação, o contexto hodierno e futuro do cenário arquivístico/informacional de uma instituição.

4 MUSEUS COMO *LOCUS* DA MEMÓRIA

Este capítulo evidenciou como propósito específico descrever os principais elementos constitutivos dos MUSEUS COMO *LOCUS* DA MEMÓRIA, demandando-se explicar a Cultura Material; a Concepção sobre patrimônio; a Memória do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) explanando sobre a Produção científica; Coleções; Documentação Museológica.

No que é inerente os museus como *locus* de memória, primeiramente se pretende compreender a formação da instituição Museu em âmbito internacional e nacional e também estabelecer como ela vem se configurando no contexto atual. Entendendo tal perspectiva, em seguida iremos abordar como se configurou e se configura o MPEG na sua importância enquanto instituição-memória (FRAGOSO, 2009).

Neste caso, entende-se que o termo museu origina-se na Grécia Antiga e remonta do *Mouseion*, o qual de acordo com Julião (2002, p. 16) “denominava o templo das nove musas, ligadas a diferentes ramos das artes e das ciências, filhas de Zeus com *Mnemosine*, divindade da memória”.

Sequencialmente, pode-se verificar que na Idade Média o termo foi pouco utilizado, e seu reaparecimento se deu por volta do século XV, devido o papel de destaque que assume o chamado “coleccionismo” como moda em toda a Europa. Sobre este “coleccionismo”, destacam-se as coleções principescas, pois se vivenciava

[...] uma verdadeira revolução do olhar, resultado do espírito científico e humanista do Renascimento e da expansão marítima, que revelou à Europa um novo mundo. Estas coleções passaram a ser enriquecidas ao longo dos séculos XV e XVI, de objetos e obras de arte da antiguidade, de tesouros e curiosidades provenientes da América e da Ásia e da produção de artistas da época, financiados pelas famílias nobres (JULIÃO, 2002, p. 16).

Além dessas coleções pontuadas, nesse período proliferaram os chamados Gabinetes de Curiosidade e as coleções científicas, muitas chamadas de museus, com suas coleções eram formadas por estudiosos que tinham como intuito reunir grande quantidade de espécies variadas, porém, com o tempo, tais coleções se especializaram e “passaram a ser organizadas a partir de critérios que obedeciam a uma ordem atribuída à natureza, acompanhando os progressos das concepções científicas nos séculos XVII e XVIII” (JULIÃO, 2002, p. 16).

Muitas dessas coleções, que se formaram entre os séculos XV e XVIII, se transformaram posteriormente em museus, tal como hoje são concebidos. Entretanto, a sua origem, elas não estavam abertas ao público e destinavam-se à fruição exclusiva de seus proprietários e de pessoas que lhes eram próximas. Somente no final do século XVIII, foi franqueado, de fato, o acesso do público às coleções, marcando o surgimento dos grandes museus nacionais (JULIÃO, 2002, p. 16).

Em sua obra *Alegoria do Patrimônio*, Françoise Choay (2000), destaca que a concepção atual que se tem sobre os museus, surgiu mais precisamente na conjuntura da Revolução Francesa. A autora alude que tal fato resultou de dois processos distintos:

[...] o primeiro, cronologicamente, é a transferência dos bens do clero, da Coroa e dos emigrados para a nação. O segundo é a destruição ideológica de que foi objeto uma parte desses bens, a partir de 1792, particularmente sob o Terror e o governo do Comitê de Salvação Pública. Esse processo destruidor suscita uma reação de defesa imediata [...] (CHOAY, 2000, p. 97).

Pode-se afirmar que a Revolução Francesa permitiu uma nova concepção social, e não poderia ser diferente no âmbito dos museus, pois estes foram se configurando de outra forma e permitindo a preservação de seu patrimônio nacionalizado. Em razão disto, foram “desenvolvidos métodos para proceder ao seu inventário e gestão. Também foram concebidas formas de compatibilizar esses bens ‘recuperados pela Nação’ com as demandas de seus novos usuários, ou seja, o povo, o que, às vezes, implicava atribuir-lhes novas funções” (JULIÃO, 2002, p. 16-17).

Conforme Choay (2000, p. 95), os museus “reuniram acervos expressivos do domínio colonial das nações europeias no século XIX”. Assim, permitiram que fossem realizadas diversas expedições científicas nos territórios colonizados, inclusive o Brasil.

Portanto, tais expedições tinham como objetivo primordial “estudar seus recursos naturais e sua gente, e de formar coleções referentes à botânica, zoologia, mineralogia, etnografia e arqueologia, que seriam enviadas para os principais museus europeus” (JULIÃO, 2002, p. 17).

O surgimento das primeiras instituições museológicas no Brasil também data do século XIX. Entre as iniciativas culturais de D. João VI está a criação, em 1818, do Museu Real, atual Museu Nacional, cujo acervo inicial se compunha de uma pequena coleção de história natural doada pelo monarca. Por longo período, o Museu manteve uma atuação modesta, adquirindo, de fato, seu caráter científico somente no final do século XIX. Na segunda metade do oitocentos, foram criados os

museus do Exército (1864), da Marinha (1868), o Paranaense (1876), do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia (1894), destacando-se, nesse cenário, dois museus etnográficos: o **Paraense Emílio Goeldi** [Grifo nosso], constituído em 1866, por iniciativa de uma instituição privada, transferido para o Estado em 1871 e reinaugurado em 1891, e o **Paulista** [Grifo nosso], conhecido como Museu do Ipiranga, surgido em 1894 (JULIAO, 2002, p. 17).

Já na perspectiva de Schwarcz (2013, p. 113) esse período é denominado de “A era dos museus no Brasil”, período este que marca a consolidação dos chamados museus científicos brasileiros nos anos de 1870 e 1930. Por isto, que com o passar do tempo, estes museus foram classificados pelo *International Council of Museums* (ICOM) em *Museus de História Natural* e *Museus de Ciência e Técnica*.

Sobre estes dois tipos de museus, Bragança Gil (1988), indica que apesar de ambos apresentarem muitas semelhanças, há especificidades que dizem “respeito às preocupações de cada um, quanto à obtenção e organização dos acervos e à investigação científica. Tais características, porém não são excludentes e é necessário entender as origens e evolução destes museus para melhor identificar suas diferenças” (BRAGANÇA GIL, 1988, p. 74).

O Quadro 2 expressa as diferenças e semelhanças estabelecidas nestes dois tipos de museus, além de afirmarem as assertivas de Bragança Gil (1988).

Quadro 2 – Explicações sobre os Museus de Ciência Técnica e de História Natural.

Museus de Ciência e Técnica	Museus de História Natural
Preocupação dominante: aspecto educativo e divulgador no que respeita às aquisições no domínio de suas especificidades, fornecendo os meios de as tornar compreensíveis, por elas próprias, como elementos essenciais da cultura, bem como pela sua importância dentro da sociedade contemporânea.	Preocupação dominante: é a mesma dos museus de ciência e técnica, porém, é diferente a atitude pela qual os objetos ou coleções foram inseridos num ou noutro, quando se estabeleceram os respectivos planos de exibição.
Investigação da natureza: baseada nas explorações que promove e nas coleções que reúne, porém não se trata de investigação no domínio das Ciências e das Técnicas que procura exhibir e explicar, não podendo então ser considerados institutos de pesquisa nessas áreas. E, também, respeitam a Museologia dos seus campos específicos, aos problemas pedagógicos e didáticos ligados à divulgação correta e inteligível das Ciências e das técnicas para públicos de diversos graus de instrução e níveis etários; dizem respeito, ainda, à História das Ciências das Técnicas.	Investigação da natureza: baseada nas explorações que promove e nas coleções que reúne.

Preocupação com os aspectos pedagógicos e didáticos em suas exposições.	Preocupação com os aspectos pedagógicos e didáticos em suas exposições.
--	--

Fonte: Adaptado de Bragança Gil, 1988.

No que é atinente à museologia, Sampaio e Oliveira (2013, p. 38) afirmam que esta área enquanto campo do saber “articula-se como geradora de conhecimento a partir dos pressupostos históricos da constituição dos Museus, dotados de acervos estabelecidos sócio culturalmente, ao longo dos anos”. Isto significa dizer que, a perspectiva da museologia vem assumindo o caráter heterogêneo, já que esse seus acervos vêm acrescentando na disseminação da informação e permitindo a colaboração da memória coletiva, como abordam as autoras supracitadas.

Posteriormente, a concepção de museu é renovada, pois várias questões são discutidas, principalmente no Brasil, no que tange o aspecto do patrimônio cultural, o qual permitiu diversas reuniões e convenções para que se estabelecesse de fato a democratização da cultura nesta instituição. Nesta ótica, Loureiro (2003, p. 88) aponta que o fenômeno museu configura-se como “espaço institucionalizado de memória, o qual se inter-relaciona com o indivíduo e a sociedade por meio do processamento de exposições dos bens culturais concretos e simbólicos que originam o patrimônio cultural”. E, ainda complementa que:

[...] o fenômeno museológico resgataria para o indivíduo o passado, de modo a prover um campo de significações que permita a ele e à sociedade uma contínua redefinição de sua experiência histórica e sociocultural. Não importando sua tipologia, o museu, enquanto espaço de memória social, vincula-se sempre à criação de princípios de identidade por meio de instrumentalizações técnicas e teóricas exercidas sobre os elementos culturais e naturais com que, ao menos em tese, indivíduo e sociedade se identificam e/ou concebem como próprios (LOUREIRO, 2003, p. 88).

Porém, é relevante frisar que nos anos de 1970 se intensificam os debates em torno do papel dos museus na sociedade contemporânea e a busca de uma nova museologia. A respeito dessa nova museologia, Teixeira Coelho (1999, p. 157) mostra que deve partir do público, ou seja,

[...] de dois tipos de usuários: a sociedade e o indivíduo. Em lugar de estar a serviço dos objetos, o museu deveria estar a serviço dos homens. Em vez do museu “de alguma coisa”, o museu “para alguma coisa”: para educação, a identificação, a confrontação, a conscientização, enfim, museu para uma comunidade, função dessa mesma comunidade.

Sob o prisma do supracitado verifica-se que o museu encontra-se com uma nova “roupagem” em relação à cultura, a partir então de uma visão antropológica, permitindo diversas formas frente às atividades sociais. Por isto, Julião (2002, p. 25), afirma que as “mudanças do significado de museu através dos tempos talvez possam ser compreendidas como uma trajetória entre a abertura de coleções privadas a visitação pública ao surgimento dos museus na acepção moderna, como instituições de serviço público”.

Por fim, Stránský (1985, p. 95) diz que os museus são “uma instituição documentária que acumula, preserva e comunica testemunhos autênticos da realidade objetiva”. Ou seja, os museus são responsáveis por vários documentos, cabendo a eles preservá-los para sociedades futuras, além de participar das divulgações científicas produzidas por eles.

4.1 Cultura material

Para a abordagem da temática sobre cultura material, acredita-se que se faz conexo primeiramente compreender uma percepção sobre o conceito de cultura. Tal pertinência está voltada ao caráter polissêmico que o conceito de cultura abarca, em função da diversidade de noções e visões de mundo que os variados grupos humanos constroem, o que denota uma multiplicidade de sentidos embutidos no conceito. Sobre isto, Canedo (2009, p. 1) reporta que

[...] a cultura evoca interesses multidisciplinares, sendo estudada em áreas como sociologia, antropologia, história, comunicação, administração, economia, entre outras. Em cada uma dessas áreas, é trabalhada a partir de distintos enfoques e usos. Tal realidade concerne ao próprio caráter transversal da cultura, que perpassa diferentes campos da vida cotidiana.

Nas concepções Cuche (2012), a cultura está associada às ciências sociais, pois segundo ele, pensamos na terminologia cultura de maneira unitária, no que está relacionado a humanidade e, de forma diversificada, quando atrela-se às reflexões acerca do seu caráter biológico. Assim, ele demonstra que a cultura é a resposta suficiente a diversidade entre os povos da humanidade.

Reafirmando sua assertiva, Cuche (2012, p. 10-11) afirma que:

A cultura torna possível a transformação da natureza [...], tornando-se um instrumento contra explicações *naturalizantes* dos comportamentos humanos. Desse modo, pode-se dizer que nada é puramente natural no homem [...], já que mesmo as funções humanas ligadas às suas necessidades fisiológicas são informadas pela cultura.

Inicialmente, o termo cultura vem associado a uma ideia de derivação pela ação do homem. Essa associação com elementos relacionados à natureza que sofreram intervenção humana está na raiz etimológica *colere*, que significa cultivar, lavoura, habitar. Desse modo, percebe-se que desde sua origem, o termo cultura está intimamente associado à ação humana.

Em uma visão antropológica de cultura, deve ser relevado dois autores de grande renome: o primeiro, Clifford Geertz (2008), antropólogo estadunidense, tendo como obra “A interpretação das culturas” e o segundo, Roy Wagner (2010), antropólogo cultural, especialista em antropologia simbólica tendo como referência a obra “A invenção da cultura”.

A partir deste pressuposto, Geertz (2008) discorre que a cultura tem de ser compreendida em seu sentido etnográfico amplo, enquanto um fenômeno semiótico, comparando-a com o termo civilização, ou seja, partindo do conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, o costume e toda a demais capacidade ou hábito adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade. Além disso, ele complementa que

[...] o conceito de cultura que [ele defende], e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assume a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura do significado. (GEERTZ, 2008, p. 4).

Interpretando o enfoque supracitado por Geertz (2008) nota-se sua compreensão direcionada a questão de que a cultura parte da perspectiva de construções simbólicas, já que estabelece sua definição pautada no comportamento, no pensamento e na comunicação, via símbolos que se encontram no ambiente proposto pela antropologia, e, esta é definida como a ciência, que tem como objeto o estudo sobre o homem e a humanidade, abrangendo estes nos seus diversos aspectos. Por isto, ele parte de uma teoria interpretativa de cultura.

No que diz respeito ao conceito de cultura fixado por Roy Wagner (2010), esta é vista como uma invenção que é criada na sociedade. Além disso, em sua obra, ele trata a cultura do ponto de vista da antropologia e do ofício do antropólogo, contudo, deixa claro que todo ser humano é um “antropólogo” (WAGNER, 2010, p. 76) e pontua que todos os seres humanos são “inventores de cultura” (WAGNER, 2010, p. 76), de modo que todas as pessoas necessitam de um conjunto de convenções compartilhadas, de certa forma similar às suas próprias, para compreender então, suas próprias experiências.

Entende como invenção a própria natureza estruturante e estruturada da cultura, onde os grupos humanos criam e recriam suas formas de conduta e de interação com o mundo. O autor infere que:

[...] a cultura é uma maneira de descrever outros como descreveríamos a nós mesmos. [...] Enquanto nossa invenção de outras culturas não puder reproduzir o modo como as culturas inventam a si mesmas, a antropologia não se ajustará à sua base mediadora e a seus objetos professos”. Estudamos a cultura por meio da cultura. Invenção, portanto é *cultura*, [...] o aspecto mais crucial de nosso entendimento de outras culturas (WAGNER, 2010, p. 64).

Outro ponto abordado refere-se ao momento em que o “antropólogo” (WAGNER, 2010, p. 76) tem contato com outra cultura que não seja a sua, pois se permite colocá-lo

[...] em pé de igualdade com seus objetos de estudo. [...] uma vez que toda cultura pode ser entendida como manifestação específica ou um caso do fenômeno humano, e uma vez que jamais se descobriu um método infalível de ‘classificar’ culturas diferentes e ordena-las em seus tipos naturais, presumimos que cada cultura, como tal é equivalente a qualquer outra (WAGNER, 2010, p.29).

Assim, percebe-se que as colocações de Wagner (2010), suscitam que as culturas em seus diversos aspectos diferenciados, não podem ser mensuradas quando se parte do preceito comparativo da qualidade. Por isto, é necessário apenas compreendê-las a partir de uma relação entre duas ou mais variáveis inseridas no fenômeno humano, ou seja, uma relatividade cultural, já que essa relação torna-se imprescindível, devido os diversos significados envolvidos. .

A respeito do relativismo cultural, Meneses (1999), assevera que seus significados partem de três perspectivas, sendo eles:

- Todo elemento de uma cultura é relativo aos demais elementos dela – só ganham sentido em um contexto cultural específico;
- As culturas são relativas – não há cultura —perfeita – noções do que é certo e errado variam; não há um padrão apriorístico para se julgar certo e errado, belo e feio entre as culturas ou mesmo no interior de uma dada sociedade ou cultura. Mesmo no interior de uma sociedade há visões conflitantes a respeito de vários assuntos – a cultura deve ser vista como algo dinâmico e plural, não como algo estático e único – noção de que a vida social não é desprovida de relações de poder;
- Não se pode hierarquizar as culturas, dizer que uma seja melhor ou pior do que a outra. Não se pode — ‘dar notas’ para as culturas (MENESES, 1999, p. 22).

Em outra vertente, baseiam-se nos estudos de Hoebel e Frost (1999), suas convicções partem do pressuposto de que a terminologia “Relativismo Cultural” justifica-se pela verificação da pluralidade humana, cuja evidenciada a partir de que cada cultura possui características gerais, comuns com outras. Porém, é relevante frisar que todas as culturas detêm características especificamente suas e algumas peculiaridades que as tornam uma cultura diferente das outras.

Dessa maneira, Hoebel e Frost (1999, p. 22) afirmam que o conceito de relatividade cultural parte da seguinte hipótese:

[...] os padrões de certo e errado (valores) e dos usos e atividades (costumes) são relativos são relativos à cultura da qual fazem parte. Na sua forma extrema, esse conceito afirma que cada costume é válido em termos de seu próprio ambiente cultural.

Wagner (2010), aponta ainda, que quando se depara com uma cultura local, ela primeiramente se manifesta através da inadequação, passando assim, por um período de estranhamento e adaptação para com o novo ambiente, o que o faz tornar visível, caracterizando o que ele denomina de “choque cultural”. Sobre este choque o autor diz que ele parte do pressuposto da observação, criação de significado, relação e comparação.

A relação que um antropólogo constrói entre duas culturas emerge precisamente do seu ato de ‘invenção’, do uso que faz dos significados por ele conhecidos ao construir uma representação compreensível de seu objeto de estudo. O resultado é um conjunto de analogias que ‘traduz’ um grupo de significados básicos em um outro e [...] essas analogias participam ao mesmo tempo de ambos os sistemas de significados. Desta forma o antropólogo não pode simplesmente ‘aprender’ uma nova cultura [...] deve antes ‘assumi-la’ de modo a experimentar uma transformação do seu próprio universo (WAGNER, 2010, p.37).

Depois de entendido o emaranhado referente à cultura, adentra-se à perspectiva da cultura material, para uma melhor apreensão de sua contribuição à vida humana. Portanto, diz-se ser ela “tudo aquilo que é produzido ou modificado pelo ser humano, ou seja, tudo aquilo que faz parte do cotidiano da humanidade, independente do tempo ou mesmo do espaço” (FUNARI; CARVALHO, 2009, p. 3). Compreende-se, então, que esta definição abarca que essa produção ou modificação, em âmbito arqueológico, é considerada como vestígios que os homens constroem. Por isso, eles são denominados como artefatos.

Tais artefatos são entendidos conforme a visão de Azevedo Netto (2008, p. 7) como “fontes de informação do comportamento de grupos que os utilizaram”, onde a recuperação da informação é realizada por meio dos dados disponibilizados por estes artefatos, além, também da possibilidade de descrevê-los e entendê-los através do comportamento humano, assim:

[...] cada atributo observado nos artefatos equivale a uma expressão fóssil de uma ação ou conjunto de ações, que acaba por expor uma determinada forma de comportamento, o que leva a considerar um sistema cultural, onde há a transferência da informação de condutas, crenças, valores e modos de fazer. Assim, o conjunto de objetos recuperados pelo arqueólogo, parte da cultura material, é um segmento significativo de um sistema cultural mais amplo (AZEVEDO NETTO, 2008, p. 7-8).

Por conseguinte, os artefatos e seus contextos, no âmbito da cultura material, partem do aspecto da essência semiótica, pois são considerados signos que disponibilizam representação, a partir dos diversos comportamentos culturais (AZEVEDO NETTO, 2008).

Neste aspecto, declara-se que os elementos que compõem a cultura material são todos os artefatos, objetos e até mesmo utensílios que os grupos humanos utilizaram em sua trajetória e evidenciadas em determinada paisagem (AZEVEDO NETTO, 2004).

A respeito dos estudos hodiernos sobre a noção de paisagem, Azevedo Netto (2011) traz à tona questionamentos acerca da relação do homem com meio ambiente, porém, destacando não apenas os aspectos físico-biológicos, mas até, que devem ser trabalhados os aspectos culturais e também, o conceito de paisagem de maneira instrumental. Por isto, ele considera que o espaço deve ser “manipulado e significado pelo homem enquanto paisagem” (AZEVEDO NETTO, 2011, p. 105). Isto, por considerar a vertente de que a paisagem é:

[...] aquela parcela do espaço, entendida a partir da equivalência dos diversos elementos e atributos, físicos e simbólicos, que compõe e significam o espaço enquanto paisagem, que perpassa pelo território, dentro de uma perspectiva dada por

cada marco cultural que reconhece e define a paisagem, que transcende o tempo, e por isso mediada pela informação (AZEVEDO NETTO, 2011, p. 110-111).

Neste nexos se verifica que:

[...] a chamada “cultura material” participa decisivamente na produção e reprodução social. No entanto, disso temos consciência superficial e descontínua. Os artefatos, por exemplo, são não apenas produtos, mas vetores de relações sociais. Que percepção temos desses mecanismos? Não se trata, apenas, portanto, de identificar quadros matérias de vida, listando de objetos móveis, passando por estruturas, espaços e configurações naturais, a ‘obras de arte’. Trata-se, isto sim, de entender o fenômeno complexo da apropriação social de segmentos da natureza física – e, mais ainda, de aprender a dimensão material da vida social (MENESES, 2005, p. 18).

É resultante das reflexões acima expostas, discernir sua preocupação sobre a relevância dos estudos históricos referentes à cultura material, o qual retrata como uma superação entre os aspectos de oposição material e imaterial, ou melhor, fenômenos sociais materiais e não materiais. Até mesmo, acredita-se que as colocações trabalhadas pelo autor expressam que a cultura material no âmbito das ciências humanas e sociais, começaram a se fazer presentes a partir da segunda metade do século XIX. Esse fato é corroborado por Funari e Carvalho (2009), através dos estudos de artefatos e seus contextos que passaram a ser considerados como fontes de informação para comportamentos históricos e culturais.

Na concepção de Azevedo Netto (2007, p. 10), a cultura material é “entendida pelos mecanismos de representação que são atribuídos aos objetos que fazem parte de um mesmo marco cultural”.

Portanto, o autor assevera a partir do pensamento de Dolores Newton que a cultura material é caracterizada como:

[...] único fenômeno cultural codificado duas vezes: uma vez na mente do artesão e a outra na forma física do objeto. Essa dupla codificação permite comparar três fenômenos culturais, ou seja, o artefato bem como seus aspectos cognitivos e comportamentais. Constitui ao mesmo tempo, o único meio de se inferir algo sobre formas culturais do passado (AZEVEDO NETTO, 2007, p. 10).

No caso, relacionando-se a cultura material, no que tange ao aspecto informacional, pode-se atestar o ponto de vista de Clarke (1984) de que os estudos referentes à cultura material permeiam os sistemas culturais, os quais transmitem de forma contínua, informações. Essas informações são:

[...] adquirida [s] e acumulada [s], que completam o comportamento instintivo do homem, e onde intervêm signos e símbolos particularmente úteis frente a seleção natural [...] Em qualquer caso, a eficácia de um sistema cultural determinado depende claramente da quantidade de informação que pode armazenar ou difundir por qualquer meio ou nível consciente ou inconsciente (CLARKE, 1984, p.75).

A partir das concepções discutidas neste tópico, compreende-se que a cultura material, de acordo com Certau (2001) permite a composição de diversos elementos que disponibilizam suas representações por meio de condutas, gestos e ideias, tanto no aspecto material quanto imaterial, o qual é refletido na vida cotidiana, os quais os indivíduos estão condicionados pelas suas culturas (AZEVEDO NETTO, 2005).

Conclusivamente se verifica que a cultura material é um suporte de informação sobre o comportamento humano, e, quando inserida dentro do universo museológico, passa a ser um referente de memória.

4.2 Concepção sobre Patrimônio

Dentre as formas de se compreender o patrimônio temos o seguinte conceito:

“Patrimônio” está entre as palavras que usamos com mais frequência no cotidiano. Falamos dos patrimônios econômicos e financeiros, dos patrimônios imobiliários; referimo-nos ao patrimônio econômico e financeiro de uma empresa, de um país, de uma família, de um indivíduo; usamos também a noção de patrimônios culturais, arquitetônicos, históricos, artísticos, etnográficos, ecológicos, genéticos; sem falar nos chamados patrimônios intangíveis, de recente e oportuna formulação no Brasil. Parece não haver limite para o processo de qualificação dessa palavra (GONÇALVES, 2003, p. 21-22).

Neste sentido, a noção de patrimônio encontra-se presente constantemente em nosso dia-a-dia. Além disso, tanta habitualidade permitiu que o patrimônio, assim como o termo cultura, se tornasse polissêmico, e pudesse acarretar diversas áreas como uma palavra composta, como exemplo: patrimônio cultural. Ele também constata que no Brasil, emerge nova categoria, a do patrimônio intangível.

Ferreira (2006) compara o termo patrimônio com o de memória, pois ambos possuem léxico de traços contemporâneos com expressões que têm como característica principal, diversos sentidos e definições que lhes são atribuídas. Por isto, a definição de patrimônio entrelaça-se à de memória, quando se diz que o “sentido evocado é o da permanência do passado, a necessidade de resguardar algo significativo no campo das identidades, do desaparecimento” (FERREIRA, 2006, p. 79). Igualmente:

[...] noções de tempo e identidade operam em conjunto para o reconhecimento de algo como patrimônio, e, mais do que reconstruir o passado supostamente conservado ou retido, a preocupação subliminar é garantir o presente e projetá-lo em um devir. Daí o porquê de, conforme Sibony, patrimônio não ser somente esse lugar de identidade, de passado contido, mas um apelo ao presente e ao futuro, uma resignificação do mesmo (FERREIRA, 2006, p. 80).

Sob este enfoque, podemos entender que seu contexto histórico permite salientar que deriva de vocábulos latinos *pater* e *monium*, originando *patrimonium*, onde o primeiro vocábulo designa de pai, “não apenas no sentido de paternidade física, mas também social e religiosa, como algo que é transmitido e herdado dos antepassados” (SOUZA; CRIPPA, 2011, p. 245).

Já o segundo “indica condição, estado, função” (SOUZA; CRIPPA, 2011, p. 245). Mais adiante, outras iniciativas foram tomadas para reverter essa noção de patrimônio, porém ela ainda encontra-se atrelada a ideia de propriedade (GONÇALVES, 2003).

O patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir. Essa categoria faz a mediação sensível entre seres humanos e divindades, entre mortos e vivos, entre passado e presente, entre o céu e terra e entre outras oposições. Não existe apenas para representar idéias e valores abstratos e para ser contemplado. O patrimônio, de certo modo, constrói, forma as pessoas (GONÇALVES, 2003, p. 27).

No âmbito da Antropologia, os estudos referentes ao patrimônio são vistos com destaque à mesma, sobretudo “porque proporciona conhecimento de linguagens diferenciadas e remete à memória social, através da qual se constroem e se reconstróem as identidades de grupos, de sociedades, de nações e de povos” (BELTRÃO; CAROSO, 2007, p. 45).

Ou seja, a área da Antropologia e os antropólogos em si, em suas diversas pesquisas de campo preocupam-se nos estudos no que se refere ao patrimônio, por perceber que os grupos em seus diversos estratos sociais tendem cada vez mais em preservar aquilo que lhe é construído no presente e que possa ser perpassado para o futuro e não deixe de lado sua identidade, por mais que ela perca alguns traços e renove-se com o passar do tempo, porém que mantenha o real sentido daquele grupo.

Nos estudos da antropóloga Elsa Peralta da Silva (2000a) o patrimônio é visto sobre a ótica da cultura em explicar a relevância dela no desenvolvimento daquilo que “herdamos do passado e transmitidos a gerações futuras, [de] todas as manifestações materiais de cultura criadas pelo homem” (SILVA, 2000a, p. 218). Contudo, é importante mostrar o âmbito dessas manifestações, as quais, muitas delas destroem-se, e, até desaparecem ou mesmo sobrevivem, mas essa sobrevivência permite acumular diversas formas que são expressas na materialidade.

No entanto, nem todos os vestígios do passado podem ser considerados patrimônio. O patrimônio não é só o legado que é herdado, mas o legado que, através de uma seleção consciente, um grupo significativo da população deseja legar ao futuro. [...] e existe também uma noção de posse por parte de um determinado grupo relativamente ao legado que é *colectivamente* [Grifo nosso] herdado (SILVA, 2000a, p. 218).

A autora supracitada, evidencia que o patrimônio encontra-se atrelado ao valor que o indivíduo ou o grupo estabelece aos bens, por isto ele é considerado uma construção social ou cultural. Desse modo, saber compreender o que é ou não patrimônio irá depender tanto do grupo quanto do tempo que estes o possam considerar o mesmo para sociedades futuras. Por fim, complementa que os estudos referentes ao patrimônio são considerados “um processo simbólico de legitimação social e cultural de determinados objetos que conferem a um grupo um sentimento *colectivo* [Grifo nosso] de identidade” (SILVA, 2000a, p. 219).

O elemento determinante que define o conceito de patrimônio é a sua capacidade de representar simbolicamente uma identidade. [...] e sendo os símbolos um veículo privilegiado de transmissão cultural, os seres humanos mantêm através destes,

escritos vínculos com o passado. É através desta identidade passado-presente que nos reconhecemos *colectivamente* [Grifo nosso] como iguais, que nos identificamos com os restantes elementos do nosso grupo e que nos diferenciamos dos demais (SILVA, 2000a, p. 219).

Por fim, deve ser enfatizada a importância que os estudos referentes ao patrimônio nos proporcionam ao melhor entendimento do funcionamento do que nos é perpassado de outras sociedades humanas e que influenciam nos dias atuais. Saber compreender o que nos cerca e o que nós consideramos relevantes de forma direta para que nossas raízes sejam valorizadas como tal. E compreender também, que todo patrimônio tem seu caráter material e imaterial em sincronismo, pois o primeiro só existe a partir de uma demanda simbólica, sendo ela, imaterial, e o segundo é percebido por meio de suas manifestações, englobando assim, a materialidade. Essa junção de sincronismo é o que se entende por memória.

4.3 Memória do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG)

O Museu Paraense Emílio Goeldi é hoje considerado um centro de referência de produção do conhecimento científico sobre a Amazônia, seu meio ambiente e sua diversidade cultural. Sua longa, oscilante, mais vigorosa e vibrante história de quase 140 anos vem sendo construída por fundamentos acadêmicos e comprometimento com o rigor científico, na busca constante da descoberta dos saberes sobre a natureza e das populações humanas, do seu passado e do presente (CRISPINO; BASTOS; TOLEDO, 2006, p. 15).

Partindo das palavras colocadas pelos autores supraditos, é relevante discorrer que todo esse percurso histórico do MPEG não foi em vão, pois é uma instituição que por um longo período e, ainda hoje, busca incessantemente cultivar e preservar sua memória científica e regional, como forma de mostrar tanto nacionalmente quanto internacionalmente a sua importância no meio científico.

Este cenário retrata que o museu presentemente é

[...] uma instituição que nasceu de uma vontade coletiva, com fins de valorizar as especificidades regionais, e que se tornou um marco de resistência em prol da preservação da memória e do conhecimento amazônico, independentemente da distância geográfica da cidade de Belém de outros, importantes centros científicos, nacionais e internacionais, causado em função de uma região com singularidade planetária do encontro de um rio com a Hiléia, o Museu Goeldi sempre cultivou o

respeito e a administração do meio acadêmico. Um museu com foco nos estudos de história natural e etnografia, inserido no espaço de seu próprio objeto de estudo, mas que mesmo assim se manter aberto ao diálogo e à cooperação com o mundo da ciência (CRISPINO; BASTOS; TOLEDO, 2006, p. 15).

Dessa maneira, as pesquisas realizadas a respeito da real concepção histórica da institucionalização do MPEG a partir dos estudos de Crispino, Bastos e Toledo (2006) apontam que a implementação parte do período de 1860 a 1866. É relevante ressaltar que o museu neste período era carente de infra-estrutura e pessoal científico (SANJAD, 2006).

Não obstante, esta criação foi denominada de *Museu de História Natural* na Capital do Pará. Tal movimento surgiu devido ao fluxo de naturalistas estrangeiros que, ao retornarem em Belém, de volta de suas expedições à Amazônia, preparavam coleções recolhidas e as despachavam para seus países de origem, para ocupar lugar de destaque nos diversos museus espalhados pelas principais capitais do mundo (CRISPINO; BASTOS; TOLEDO, 2006).

Um ponto a ser destacado sobre as pesquisas desenvolvidas na província do Pará é que estas não ficavam nela, pois, os materiais coletados eram enviados a outros países ou ao Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Daí surge à ideia de um museu local para guarda desses materiais. Assim, em 1861, é estabelecida uma lei com este intuito.

A respeito das expedições, uma ganhou destaque, sendo ela chamada de “Expedição Thayer”, que contribuiu para pesquisas na região e implementação do *Museu de História Natural* no Pará.

Sobre ela, Crispino, Bastos e Toledo (2006, p. 37-45), apontam que:

[...] o retorno da expedição Thayer a Belém, no início de 1866, liderada pelo naturalista Suíço Jean Louis Rodolphe Agassiz (1807-1873), após os quase seis meses de exploração no Pará e no Amazonas, certamente voltou a atenção dos habitantes da cidade para a riqueza natural da região, e para sua importância no desenvolvimento da história natural. [...] os acontecimentos relacionados à passagem da expedição Thayer por Belém devem ter influenciado definitivamente Domingos Soares Ferreira Penna, que novamente ocupava o cargo de secretário da presidência da província do Pará, para que, liderando um grupo de intelectuais e políticos da província paraense, pouco mais de seis meses depois, criasse a Associação Filomática, uma entidade particular com o objetivo de fundar e instalar o Museu Paraense, de acordo com um estatuto elaborado com este intuito.

Inerente à Associação Filomática ressalte-se que as primeiras reuniões pelos membros que a compunham permitiram unir algumas coleções e, também, fixar um espaço físico como sede. Mas, a abertura do Museu Paraense ao público só ocorreu no ano de 1871.

Após este período, outras expedições ocorreram e intensificaram cada vez mais a institucionalização do Museu Paraense. Além disso, cabe destacar a dissolução da Associação Filomática antes da instalação efetiva deste museu, ocorrida apenas em março de 1871.

Embasado em Crispino, Bastos e Toledo (2006, p. 123), “no final do ano de 1887, o governo da província, determinou a anexação do Museu Paraense à Biblioteca Pública”. Subsequentemente, o museu ficou um longo período esquecido, até o advento da República ressurgiu e então viveu momentos de reorganização e mudança de espaço físico.

Na obra intitulada “A coruja de Minerva”, o autor Sanjad (2010) contempla sua pesquisa na maneira como se deu a configuração institucional do MPEG, tendo como aparato dois períodos (Império e República) marcantes que o construíram como uma instituição de grande renome não apenas regionalmente, mas nacional e internacionalmente.

Esses dois períodos para ele marcam uma evolução institucional, já que nos primeiros instantes a proposta de um Museu para capital paraense consolidou-se na chamada fase “pré-científica”, onde vivenciava-se consideravelmente as desigualdades entre as regiões do país, principalmente com relação ao apoio financeiro e político (regime imperial). Já na fase científica, ou como ele mesmo denomina “ciência pura” (regime republicano), estabelece-se o fortalecimento de tais apoios encontrados na fase anterior. Mormente, a mudança de período, contribuiu para que o Museu não fechasse as portas definitivamente.

Em janeiro de 1894, é autorizado o contrato com o naturalista Dr. Emilio Augusto Goeldi para o cargo de Diretor do Museu Paraense. Ao assumir o cargo, de acordo com Sanjad (2006, p. 18) ele estabeleceu “um novo regimento e uma nova denominação, [sendo ela], *Museu Paraense de História Natural e Etnografia* [Grifo nosso]”. Neste mesmo ano, o diretor criou e começou a publicar o “*Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia* [Grifo nosso] (atual Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi)” (SANJAD, 2006, p. 19).

Na concepção de Sanjad (2010, p. 183), Emílio Goeldi, deu ao “Museu um perfil claramente definido, conservando estritamente o caráter de estabelecimento para a cultura das ciências naturais e da etnologia amazônicas”. Sobretudo, outras mudanças foram estabelecidas por Goeldi, sendo elas expostas no Quadro 3:

Quadro 3 – Mudanças ocorridas na Gestão do Diretor Emílio Goeldi.

Direção de Emílio Goeldi
- Em 1895, inaugurou a nova sede do museu, implantada numa Antiga Rocinha construída em 1879.

- Estabeleceu uma equipe de cientistas, o qual incluía nomes que fixaram como primeiros estudos botânicos, zoológicos e geológicos na Amazônia; foram os casos do botânico Suíço Jaques Huber, um dos precursores dos estudos ecológicos do país; do geólogo austríaco Friedrich Katzer, autor do primeiro mapa geológico do Estado do Pará; também o austríaco Adolpho Ducke, entomólogo que “migrou” para a botânica e acabou como uma referência para toda uma geração de botânicos brasileiros; e da ornitóloga alemã Emilia Snethlage, uma das mais importantes do país.
- A produção científica cresceu e se diversificou no Museu Paraense. Destacou-se, sobretudo, os estudos de aves e mamíferos, mas seu interesse também recaiu sobre os peixes, anfíbios, répteis e alguns grupos de invertebrados, especialmente os mosquitos, estudados do ponto de vista da sistemática e da entomologia médica.
- Manifestou particular interesse pela cultura material dos povos ameríndios. Organizou expedições arqueológicas à Costa do Amapá e ao Marajó, as quais resultaram na formação de importantes coleções e na publicação de alguns trabalhos.

Fonte: Adaptado de Sanjad, 2006.

Essas mudanças permitiram que o Museu se engrandecesse enquanto instituição de pesquisa e, não obstante, possibilitaram que os pesquisadores que ali se encontravam desenvolvessem diversas investigações no âmbito da ciência. Tais investigações, segundo Sanjad (2009, p. 56) “em quantidade e qualidade inéditas no norte do país, além de projetar a instituição para além dos estreitos círculos provinciais”. Sobre Emílio Goeldi e sua saída da administração do Museu, Sanjad (2009, p. 70) aponta que:

[...] foi homenageado emprestando seu nome à instituição que dirigia. O governador José Paes de Carvalho assinou um decreto no dia 31 de dezembro de 1900 alterando o nome do Museu Paraense para ‘Museu Goeldi’. [...] fortalecido politicamente e livre dos pesados compromissos que o tinham ocupado durante dois anos, Goeldi pôde dar continuidade à ampliação do Museu Paraense. A partir de 1901, envolveu-se intensamente com as providências para a construção de outra sede do museu, anunciada desde 1899 como um “edifício monumental”. O prédio não chegou a ser construído, embora Montenegro tenha desapropriado, entre 1901 e 1903, os terrenos que lhe dariam lugar [...]. A versão oficial para a demissão de Goeldi, elaborada pelo zoólogo e divulgada na forma de carta circular, no boletim do museu e no relatório administrativo de Augusto Montenegro. [...] Goeldi, cortou relações com o Museu Paraense, como informa Jacques Huber, seu amigo e sucessor no cargo, em uma carta de 1913.

A Revolução de 1930 e o período posterior, no Pará, nomeou o pernambucano Carlos Estevão de Oliveira para a direção do Museu Goeldi, onde este recuperou as dependências do Parque Zoobotânico (ver Fotografia 1), a principal área de lazer da população, e alterou novamente o nome da instituição, para Museu Paraense Emílio Goeldi (LINHA..., 2013).

Fotografia 1– Parque Zoobotânico.



Fonte: Registro da autora, 2016.

Na década de 1970, a limitação do espaço do Parque Zoobotânico, no centro de Belém, impedia o crescimento do Museu Goeldi. Esse foi o principal motivo para a aquisição de um Campus de pesquisa, durante a administração de Luís Miguel Scaff no Museu.

Em 1978, na periferia da cidade seriam construídos, ao longo dos anos, os departamentos de pesquisa, biblioteca e administração. O Campus de Pesquisa (ver Fotografia 2) já é o local principal da realização dos experimentos científicos e da guarda das coleções do Museu.

O Parque Zoobotânico permanece como uma mostra viva da natureza amazônica e ponto de referência para o programa de educação científica do Museu Goeldi (LINHA..., 2013).

Fotografia 2 – Campus de Pesquisa.



Fonte: Registro da autora, 2016.

Em 1988, teve início a Pós-Graduação no Museu Goeldi, através de um convênio assinado com a Universidade Federal do Pará (UFPA) para a implantação do Curso de Mestrado em Zoologia (atual Programa de Pós-Graduação em Zoologia). Desde então, outros cursos foram abertos e a instituição pôde garantir, pela primeira vez em sua história, a formação de recursos humanos de alto nível na própria região amazônica (LINHA..., 2013).

Mais adiante, em 2001, a instituição abriu mais um curso de pós-graduação, na área de Botânica, em convênio com a Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). Já em 2002, consolidaram-se os programas científicos institucionais e foi lançado o Programa Biodiversidade da Amazônia, em conjunto com a Conservação Internacional (CI-Brasil).

Nesse mesmo período, o Museu Goeldi também ingressou em importantes redes científicas e tecnológicas, como a Rede Nacional de Pesquisas (RNP), o Sistema de Proteção da Amazônia (SIPAM), o *Tropical Ecology Assessment and Monitoring* (TEAM), o Experimento de Grande Escala da Biosfera-Atmosfera na Amazônia (LBA) e a Rede Temática de Pesquisa em Modelagem Ambiental da Amazônia (GEOMA). Assim, o Museu

Goeldi vai se configurando dependendo do contexto ao qual é vivenciado a cada administração colocada a frente da instituição (LINHA..., 2013).

4.3.1 Produção científica

A possibilidade de interpretar a produção científica como parte de uma relação comunal ou como um espaço de tensão a partir de um campo de disputas não é algo que necessariamente possa ser interpretado como um paradoxo. Isso porque o ato de fazer ciência é uma atividade social que se configura através do respeito ao instituído. O pesquisador por mais solitário que seja e que desenvolva os seus estudos, faz parte da chamada comunidade científica, devendo respeito a forma como a comunidade científica funciona (LOPES, 2013, p. 16).

A partir deste panorama, compreende-se que a produção científica faz parte do âmbito da ciência e tudo o que é produzido/instituído pela comunidade científica. Portanto, de maneira geral quando esta produção científica encontra-se vinculada a um País, envolve outros aspectos, tais como: econômicos ou até científico-tecnológico. Por isto, na concepção de Meadows (1999, p. 18) “quem produz Ciência e Tecnologia é que mais avança no processo de desenvolvimento global”.

A contribuição de Lopes (2013, p. 20) explicita que a produção científica é um “processo ininterrupto e inesgotável, visto que o mundo está em constante inovação e evolução. É através da pesquisa que são possíveis avanços científicos e as implicações sociais”. Nesta definição, pode-se vislumbrar a produção científica de maneira infinita, pois sempre está em constante devir, já que passa por diversas transformações ao longo do tempo, porém está sempre presente e modificando tanto os avanços da ciência quanto as estruturas sociais.

Nesta panorâmica, Ziman (1979) discorre que para se ter produção científica é necessário possibilitar pesquisa científica. Sobre esta, ele afirma que:

É uma atividade social. O esforço científico é corporativo e coletivo. A ciência não é apenas conhecimento publicado. Qualquer pessoa com recursos financeiros para publicação é capaz de redigir suas ideias e observações e distribuir o texto para que outros o leiam. O conhecimento científico vai além. Pesquisadores devem ser submetidos a análise crítica de outros cientistas, a fim de que seus resultados se tornem universalmente aceitos (ZIMAN, 1979, p. 25).

Esclarecida essa questão, é relevante observar a concepção de Alves (2009), ao afirmar a dificuldade de precisão com relação à definição da produção científica. Ademais, ele a considera bastante presente no âmbito da literatura e meio científico, já que está ligada sempre a um texto científico.

Assim, apesar da dificuldade exposta, Alves (2009, p. 104) representa a produção científica como algo “tangível, que pode ser avaliado e contado, pois, a atividade científica que, após sua criação, não é escrita e comunicada, perde o sentido, já que as instituições de pesquisa e os pesquisadores são julgados pelo que conseguem publicar”.

A produção científica, segundo Lopes (2013), possui duas características, sendo elas: o quanto você comunica (comunicação científica) e a qualidade dessa literatura produzida (literatura científica).

Referente à primeira característica, Dias (1999), afirma que a comunicação científica tem como principal função contribuir para uma extensão do conhecimento e possibilitar novos campos de estudos, isto é, tudo que já foi produzido no âmbito científico pode gerar novos questionamentos e ideias, ocasionando novas pesquisas que complementem algo que não ficou evidenciado ou até mesmo opondo-se a determinado resultado. Complementando:

[...] a comunicação na ciência é denominada científica e por seu intermédio que os pesquisadores revelam a seus pares e à sociedade em geral suas descobertas, [...] eles recebem estímulos e/ou críticas, o que torna possível uma retroalimentação contínua, permitindo um aprimoramento maior e avanços de suas pesquisas (SILVA, 2000b, p. 19).

Já no atinente à segunda característica, Mueller (2000) define a literatura científica como diversas publicações produzidas no decorrer de toda pesquisa científica. Tais literaturas podem vir representadas de diversas formas, sendo elas: relatórios, trabalhos apresentados em congressos, palestras, artigos de periódicos, livros (suporte papel, meio eletrônico e outros).

Continuando, no que é respeitante à produção científica do MPEG remete-se esta pesquisa à produção referente à área da arqueologia inserida nesta instituição. A arqueologia, segundo Amorim (2010, p. 21) significa:

[...] uma prática científica diversificada, que atua no estudo das pinturas e gravuras rupestres, vasilhas de cerâmica, entre outros vestígios arqueológicos repletos de simbolismo, que oferecem pistas sobre a vida e a cultura ancestrais. Ela é uma ciência que rompe a barreira do tempo para reconstruir o passado da humanidade

com vistas ao entendimento da sociedade atual, usando como fonte de pesquisa objetos concretos produzidos pelas mãos do homem, deslocados do seu tempo e de sua utilização.

Logo, é relevante ressaltar que a Arqueologia no museu, desenvolve pesquisas voltadas principalmente a região Amazônica, abordando assim, a Arqueologia Pré-Histórica e Arqueologia Histórica. Para Amorim (2010, p. 22), além das “pesquisas acadêmicas, o MPEG tem se envolvido na execução de salvamento de sítios arqueológicos”.

Por isso, no período de direção do Zoólogo Emilio Goeldi, tanto a área da antropologia quanto da arqueologia “não chegavam a 0,4% da produção” (SCHWARCZ, 2013, p. 138).

Porém, se faz pertinente abordar segundo Van Velthem e Guapindaia (2006, p. 34) que com a direção de Emílio Goeldi frente ao Museu Paraense:

[...] as pesquisas arqueológicas alcançaram grande destaque no meio científico, pois foi implementado o que se pode considerar como a primeira política institucional para o desenvolvimento dessas pesquisas. Os seus propósitos visavam ir além do simples aumento do acervo institucional, pois propunham, principalmente, o engajamento do Museu na discussão sobre a antiguidade da ocupação humana na Amazônia.

Conforme Barreto (1992), as primeiras pesquisas científicas no âmbito da arqueologia começaram com Ferreira Penna, depois, com a reorganização do museu se destaca as pesquisas de Emilio Goeldi e de Aureliano Guedes. Logo em seguida, nos anos 50 mais precisamente as investigações científicas nessa área retomaram com Peter Hilbert e nos anos de 1962 as contribuições de Mario F. Simões, o qual organizou e consolidou a atual área da arqueologia.

A partir de 1990, de acordo com Barreto (1992, p. 273-274) as pesquisas do MPEG:

[...] passou a enfrentar uma série de dificuldades em decorrência da nova situação criada pela reforma administrativa do governo federal. A política de diminuição nos gastos do setor público, limitou ao mínimo os recursos orçamentários da Instituição, obrigando-a a uma maior contenção de despesas. Com poucos recursos para o desenvolvimento de projetos, ficou prejudicada a produção científica. No que concerne à área de Arqueologia – que nos últimos três anos já vinha se ressentindo com os cortes e suspensões nos financiamentos dos programas de salvamento em áreas de impacto ambiental – os projetos sofreram uma desaceleração em suas

atividades e as expedições de campo tiveram uma diminuição gradual: enquanto em 1989 foram efetuadas três e em 1991 apenas duas.

Partindo das concepções acerca da problemática financeira exposta pelo autor supracitado com relação à pesquisa científica da arqueologia no MPEG, outros acontecimentos marcantes podem ser destacados como fatos que contribuíram significativamente para a composição da produção científica atual da arqueologia na instituição.

O Quadro 4, aponta a produção científica (temática) desenvolvida pelo MPEG ao longo do período de 150 anos de existência possibilitando sua contribuição memorialística para a região amazônica e aqueles que compartilham das pesquisas desenvolvidas pela instituição.

Quadro 4 – Produção científica da área da arqueologia no MPEG.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA ÁREA DA ARQUEOLOGIA
TEMÁTICA
- Os engenhos movidos à maré (Arqueologia Histórica)
- As fortificações militares (Arqueologia Histórica)
- As construções religiosas (Arqueologia Histórica)
- As missões religiosas da Amazônia (Arqueologia Histórica)
- Estudos sobre períodos muito antigos da ocupação humana (Arqueologia Histórica)
- Projeto sobre cerâmica da cultura Maracá e Igarapé do Lago, elaborado por Ana Machado e Mauro Barreto, e, posteriormente, executado por Guapindaia e Machado entre 1994 e 2002
- Estudos sobre práticas funerárias da cultura Maracá
- Estudos sobre iconografia, gênero, organização social e práticas funerárias da cultura marajoara
- Estudos sobre o Sambaqui sobre dieta alimentar dos grupos pescadores-coletores-caçadores que habitam a Costa Atlântica do Pará
- Projeto de objetivo caracterizar as potencialidades arqueológicas dos municípios de Barcarena e Abaetetuba (mais 20 sítios históricos e pré-históricos) e contribuição sobre o conhecimento de processos arqueológicos históricos
- Estudos de restos esqueléticos oriundos de sítios arqueológicos da Amazônia, destacam-se os trabalhos realizados na região de Maracá, no sul do Amapá
- Estudos em Canãa dos Carajás
- Estudos dos restos faunísticos encontrados em sítios arqueológicos no âmbito da zooarqueologia ou arqueozologia
- Pesquisas de arqueologia de contrato em sítios em áreas arqueologicamente já conhecidas
- Estudos sobre platôs e vales

- Projetos de contrato
- Produção científica associada às pesquisas de contrato

Fonte: Adaptado de Pereira, 2009.

O Quadro 5, mostra a produção científica (temática) dos estudantes universitários da área da Arqueologia que auxiliaram os pesquisadores propostos nesta pesquisa ao longo de sua trajetória enquanto instituição-memória (FRAGOSO, 2009).

Quadro 5 – Produção científica dos estudantes universitários da área da arqueologia no MPEG.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS BOLSISTAS (ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS) EM ARQUEOLOGIA
TEMÁTICA
- Urnas funerárias da região de Maracá (AP)
- Cerâmica arqueológica da região de Caxiuanã (PA)
- Mudanças paisagísticas e os vestígios arquitetônicos remanescentes do final do século XVII em Santo Antônio do Gurupá (PA)
- História dos ídolos de pedra amazônicos
- Material cerâmico do sítio Bitoca 2
- Relações entre os arqueólogos e as comunidades

Fonte: Adaptado de Pereira, 2009.

O Quadro 6, demonstra a produção científica (temática) dos estudantes por meio de estágio e bolsas de iniciação científica que ingressam na área Arqueologia para auxiliarem os pesquisadores propostos na pesquisa arqueológica da instituição.

Quadro 6 – Produção científica dos estudantes por meio de estágio e bolsas de iniciação científica que ingressam em arqueologia.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS ESTUDANTES POR MEIO DE ESTÁGIO E BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA QUE INGRESSAM EM ARQUEOLOGIA
TEMÁTICA
- Cerâmica Tapajônica das coleções Townsend e Frederico Barata, pertencentes ao MPEG

- Transformações urbanas e paisagísticas da antiga missão religiosa de Caiá, na Ilha do Marajó
- Peças lascadas de hematita provenientes da Serra Norte de Carajás

Fonte: Adaptado de Pereira, 2009.

Assim, os quadros acima permitem mostrar algumas contribuições por meio das temáticas expostas, apesar das dificuldades encontradas no decorrer do percurso da produção científica da Arqueologia na instituição. Sobre esta ideia, Barreto (1992) compartilha da perspectiva histórica de que essas produções enfrentaram sim dificuldades em sua constituição, e o reflexo disso é o número reduzido referente ao assunto, que em grande maioria são editadas no exterior, o qual inexistia na Biblioteca do Museu. Diante disso, na instituição constam praticamente de relatórios de viagens exploratórias.

Por fim Pereira (2009), na atualidade a área da Arqueologia permitiu um crescimento de suas produções acadêmicas (destaque para a Arqueologia Histórica), principalmente as relacionadas à Arqueologia de Contrato e firmar parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Outros dois fatos relevantes, são: a Arte Rupestre que foi um tema deixado de lado por um certo período na instituição e retomou suas pesquisas a partir de 1990, porém estudados de forma sistemática. O outro ponto de destaque é a parceria do Museu com o IPHAN do salvamento de diversos Sítios Arqueológicos pela região, principalmente no Estado do Pará.

4.3.2 Coleções

Para Loureiro (2007, p. 353), a terminologia coleção, “entre outros significados, designa um conjunto ou reunião de objetos da mesma natureza ou que têm qualquer relação entre si”. Outrossim, estabelece a visão sobre os acervos, mostrando como as coleções são vistas na instituição Museu e, também, expõe que muitas vezes não se percebe a recolocação dos artefatos em outros contextos, os quais dependeram dos objetivos do Museu, além de permitir uma ressignificação das funções e valores dessas coleções. Portanto, segundo ela:

[o] termo acervo, remete à idéia de quantidade e designa, de modo geral, o conjunto de bens que integram um patrimônio. Nos museus, o termo é empregado em referência ao conjunto de objetos que integram suas coleções. Em virtude de sua característica de artefato, no entanto, as noções de conjunto ou acumulação não dão conta da idéia de “coleção”, que resulta de ação humana intencional, por meio da qual alguns elementos materiais são selecionados, removidos de seus contextos originais e reunidos em um conjunto artificial. Em uma coleção museológica, deve ser ressaltado ainda o ingresso dos objetos em um espaço institucionalizado, gerador de processos informacionais que lhes agregam novos valores e conferem novos papéis e funções provenientes de sua re-contextualização (LOUREIRO, 2007, p. 353).

Em outra ótica, Maroevic (2004, p. 26) discorre também sobre a perspectiva das coleções relacionadas ao Museu, o qual a define como:

[...] um conjunto multidimensional de objetos de museu. Mais frequentemente, funciona como uma unidade composta por objetos individuais, acumulando e transferindo o valor documentário do objeto de museu para um nível mais alto. A coleção não é a mera soma de objetos de museu, porque por sua própria natureza pode ser ampliada ou mesmo reduzida em escopo. É um organismo vivo que, em certas situações, [...] pode desempenhar o papel de um objeto de museu e, vista como um todo, tem o significado e o valor de um documento. Nesse caso, os valores documentários dos objetos individuais são somados ao valor da coleção como um todo [tradução nossa].

Partindo destas premissas, os estudos de Pomian (1984) apontam que a grande contribuição para a formação do Museu, parte de três meios, sendo eles: coleções de estudo, gabinetes de curiosidade e o Museu Moderno. Ele ainda complementa que a coleção possibilita ao ser humano a ligação com o invisível ao visível, o qual o visível é os objetos/artefatos expostos e o invisível permite interpretarmos estes a partir dos significados embutidos neles. Por isto, um complementa o outro.

Assim, ele define as coleções como o “[...] conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito de atividades econômicas, sujeitas a uma proteção especial, num local fechado preparado para esse fim e exposto ao olhar do público [...]” (POMIAN, 1984, p. 53).

Um fator relevante a ser abordado sobre coleções, diz respeito às funções que as coleções desempenham ao seu usuário, principalmente em locais que permeiam a disseminação da informação, como os Museus. Partindo deste âmbito, Loureiro e Loureiro (2013) destacam três principais funções que as coleções possuem, sendo elas: conservação, acesso e identificação/descoberta.

A primeira traz a perspectiva do fazer necessário conservar ou preservar os objetos que compõem as coleções dos museus (aspecto tangível). Igualmente, não é apenas conservar o que é materializado no museu, mas também, o imaterial, como imagens, sons, dentre outros que são registrados e materializados (aspecto intangível).

A segunda por possibilitar que os objetos ou dos patrimônios intangíveis após ser preservado, permitam o acesso ou ao menos facilitem este. Já a última, tem como intuito verificar a localização do usuário perante a coleção, como por exemplo, esse patrimônio exposto nela pode ser construído por este usuário ou então pela frequência que ele chega até essa coleção e busca informações sobre ela ou até mesmo o acesso do patrimônio não percebido por ele, o qual em algum momento é notado.

Por isto se expõe sobre identificação/descoberta. Assim, de acordo com Metzger (2006, p. 9), discorrem que uma das questões que envolvem a gestão de coleções, seria a “busca do justo equilíbrio entre boa conservação e boa acessibilidade. Pois, quanto maior o acesso à coleção, mais rápida é sua degradação. É por isso que, as coleções patrimoniais são de acesso muito mais limitado que outras”.

Outro aspecto a ser considerado, pode ser entendido a partir da definição dos objetos, pois segundo Murguia (2009, p. 88) eles:

[...] existem porque [...] respondem à necessidade do ser humano de poder agir na natureza. Eles respondem sempre a um vazio prévio, a algo que deva ser preenchido e aparecem quanto a potência das capacidades humanas é vencida. Daí que também sejam vistos como alongamento das faculdades do homem, quando não de próteses.

Dessa maneira, esta perspectiva dos objetos nos mostra a partir dos estudos de Pedrão e Murguia (2013) que as coleções em seu aspecto tangível são compostas por objetos, porém nos remetem também ao aspecto intangível, já que ambos se complementam. Sendo assim, os autores apontam que os objetos que compõem as variadas coleções possuem um valor, o qual esse valor pode ser representativo, estético, ou até do poder de representar um sentimento ou ideia.

Sobre este valor eles afirmam que “cada peça dentro da coleção pode ter perdido seu valor monetário ou utilitário, mas foi acrescida de um valor sentimental e pessoal que apenas o dono da coleção pode lhe dar: valores que representam memórias, momentos específicos da vida [...]” (PEDRÃO; MURGUIA, 2013, p. 397).

A coleção é um conjunto de registros, seja de lugares passados, momentos ou pessoas que constituem a história do colecionador, levando em conta que esses objetos são carregados de história. Assim, os objetos são selecionados como uma resposta às afecções que o colecionador possa ter tido durante o encontro de ambos, levando em conta a história que os compõe. É assim que o colecionismo se instaura (OLIVEIRA; SIEGMANN; COELHO, 2005, p. 117).

Por conseguinte, os autores Oliveira, Siegmann e Coelho (2005) mostram a presença valorativa do colecionador e, por conseguinte, o valor histórico que compõe as coleções e os objetos inseridos nelas. Os objetos destas coleções nos remetem ao que Pierre Nora denomina de “lugares de memória”.

Sobre esta afirmação Jeudy (1990, p.2) aponta que o “homem sente necessidade de coletar o passado, pois isso permite a criação de sua memória, construindo sua identidade, individual ou coletiva, permitindo que se estabeleça a crença do conhecimento, fundamenta nas necessidades presentes”.

Ribeiro (1998) exprime sua perspectiva relacionada ao ato de colecionar, que segundo ele é;

[...] o desejo de perpetuar-se, mas, mais que isso, o de constituir a própria identidade pelos tempos adiante, responde ao anseio de forjar uma glória.”. A coleção se torna muito mais que o mero acúmulo, se torna o legado de uma vida, uma história que é constituída juntamente com a do próprio ser, é inseparável. [...] também diz que [...] é o meio mais direto de preservar-se (RIBEIRO, 1998, p. 35).

Assim, o autor supracitado reporta sobre as coleções inerente ao caráter identitário da sociedade, que transpassa a materialidade dos objetos em razão dos aspectos históricos embutidos neles, e, que possibilitam a preservação dos mesmos para futuras ressignificações, dependendo do contexto em que foram encontrados.

As coleções representam o conjunto desse indicador representam o conjunto desse indicador de memória, pois, os objetos carregam significados ligados diretamente aos contextos sócio-político-econômico-cultural, vividos pelo colecionador (PEDROCHI; MURGUIA, 2007, p. 4).

Anciães (2005 *apud* PEDRÃO; MURGIA, 2013) faz uma associação com coleção e colecionar, e afirma que as coleções necessitam serem ordenadas para permitirem ao usuário expor informações de maneira lógica, sem essa ordenação as coleções estariam sem um propósito fim.

[...] colecionar implica ordem, seriação, sistematização e conservação. Ele diz que as coleções são como embarcações sem rumo e que colecionar é reviver o passado ou se projetar no futuro através de objetos ou suas representações. O autor ainda diz que colecionar incorpora diversos valores, que podem ou não ter ordem de prioridade (ANCIÃES, 2005 *apud* PEDRÃO; MURGUIA, 2013, p. 399) .

Logo, o ato de colecionar permite revogar o passado e para o futuro ressignificar estes objetos. Confronte isso complementa que este ato de colecionar irá depender do valor atribuído nessas coleções, fixando, assim, uma prioridade. Desse modo, essa vinculação para Crippa (2005 p. 30) aponta que as coleções são como “[...] representações simbólicas do longínquo, do não revelado, da ausência de lugares e pessoas, em uma palavra: memória”.

No que tange ao aspecto das coleções arqueológicas do MPEG, o Quadro 7 expõe em dados sua evolução:

Quadro 7 – Formação da coleção arqueológica do MPEG.

COLEÇÃO ARQUEOLÓGICA DO MPEG	
ANO/INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES	QUANTIDADE/INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES
- 1921 (primeira lista das coleções pertencentes à Seção Etnográfica e Arqueológica)	2.662 peças (procediam de 56 povos indígenas da Amazônia Brasileira e Peruana)
- 1955 (primeiro inventário do acervo arqueológico que se tem registro)	34.282 objetos, sendo 34.000 fragmentos e 282 objetos inteiros, ou em condições de fácil restauração (objetos procedentes do Amapá, da ilha do Marajó, de Porto de Moz, de Santarém, de Miracanguera e de Manaus)
- 2006	110.800 itens já registrados, além de aproximadamente 1.800.000 que se encontram em fase de cadastramento e estudo, para posterior registro Obs.: esses objetos incluem uma grande variedade de peças inteiras, incompletas e fragmentos, sendo que os fragmentos cerâmicos constituem a maioria absoluta dos objetos que compõem o acervo. Os objetos

	<p>inteiros e incompletos compreendem uma grande variedade de peças, confeccionadas em diversas matérias-primas, principalmente argila, rocha, madeira, osso e carapaça de moluscos, entre as quais pode-se destacar: vasos diversos, urnas funerárias, tigelas, pratos, assadores, alguidares, bancos, tangas, estatuetas, cachimbos, tortuais de fusos, apitos, carimbos, contas de colares, tembetás, botoques, muiraquitãs, pingentes, inaladores, suportes-de-panels, lâminas-de-machados, polidores, raspadores, quebra-coquinhos, pontas-de-projéteis, bolas, cavadores, cunhas, lâminas-de-enxós, mãos-de-mó, percutores, pesos-de-redes e furadores. O acervo inclui, ainda, raros exemplares de “arte rupestre” originais e em reproduções gráficas.</p>
--	--

Fonte: Adaptado de Van Velthem e Guapindaia, 2006.

Inferindo, nota-se a partir do quadro acima que o MPEG, mesmo com diferentes administrações, vem, consideravelmente, diminuindo o esquecimento da arqueologia, uma vez que é disponibilizada até os dias atuais no museu uma seção para a coleção de acervos arqueológicos. Desse modo, fazendo com que esta coleção seja um importante elemento aos projetos relacionados à memória arqueológica e mais precisamente a memória científica da região.

4.3.3 Documentação Museológica

Os estudos referentes à documentação têm suas origens no conceito otletiano e seu desenvolvimento a partir dele. Nesse caso, ele considerou que “como documentos não somente livros e manuscritos, mas também arquivos, mapas, esquemas, ideogramas, diagramas, desenhos e reproduções dos mesmos, fotografias de objetos reais, dentre outros” (OTLET, 1934, p. 4).

Prosseguindo, este conceito foi analisado de outra forma, o qual tinha como intuito “designar a atividade específica de coletar, processar, buscar e disseminar documentos” (OTLET, 1934, p. 4). Nesta perspectiva, passou a considerar como documentação:

[...] a da necessidade de tornar acessível a quantidade de informação publicada, produzindo “[...] um todo homogêneo destas massas incoerentes [...], para o que seriam necessários novos procedimentos, distintos da Biblioteconomia, conforme eram aplicados até aquele momento (OTLET, 1934, p.6).

De tal modo, com o passar do tempo, outras definições foram surgindo, como a de Woledge (1983), onde ele vê a documentação como

[...] qualquer coisa em que conhecimento é registrado é um documento, e documentação é todo processo que serve para tornar um documento disponível para alguém que busca conhecimento. Biblioteconomia e organização de serviços de informação, bibliografia e catalogação, resumo e indexação, classificação e arquivamento, métodos fotográficos e mecânicos de reprodução; todos eles e muitos outros são canais de documentação que guiam o conhecimento até quem o solicita (WOLEDGE, 1983, p. 270).

Observa-se nas definições acima que a concepção sobre a documentação veio sofrendo evoluções de um caráter restrito para outro mais amplo, então pode-se dizer que tudo que registra-se, é um documento e que este documento possibilite a disponibilização para um usuário que busque informação e consequentemente produza conhecimento, ou seja, é considerado um processo cíclico.

Mediante a compreensão sobre a documentação, iremos de forma restrita, estabelecer como essa documentação é entendida nos museus. A partir dessa fundamentação conceitual trabalharemos sobre a Documentação Museológica, o qual esta é entendida como a que representa um dos aspectos da gestão dos museus destinada ao tratamento da informação em todos os âmbitos, desde a entrada do objeto no museu até a exposição (YASSUDA, 2009).

Para Ferrez (1994, p. 1), a Documentação Museológica é entendida como o “conjunto de informações sobre cada um dos itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia)”.

Outrossim, o autor expõe que esta documentação é considerada também um sistema de informação por ser capaz de transformar, como ocorria antes, “as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão do conhecimento” (FERREZ, 1994, p. 1).

De acordo Loureiro (1998, p. 46), a documentação em museu serve não apenas como “[...] ferramenta de grande utilidade para a localização de itens da coleção e o controle de seus deslocamentos internos e externos, como também fonte de pesquisa e auxiliar indispensável

ao desenvolvimento de exposições e outras atividades do museu”, ou seja, esse tipo de documentação é relevante fonte de informação e por isto ela não é vista como apenas um registro e controle de coleções, mas sim permitir o advento da pesquisa científica.

A documentação de museus percorre a trajetória do objeto desde a sua entrada no museu até a exposição, trajeto que é acompanhado por profissionais de diferentes áreas, como historiador, o museólogo, o conservador, o documentalista, entre outros. Portanto, podemos definir o território museológico como um espaço multidisciplinar, onde especialistas de diferentes áreas se encontram para que as leituras do objeto sejam feitas, sejam elas do ponto de vista morfológico ou temático, a fim de que todas as informações venham à tona, dando sequência ao processo documental (YASSUDA, 2009, p. 25).

Torna-se explícito, que a Documentação Museológica necessita de diversos profissionais para a coleta de diversas informações que auxiliem na melhor compreensão do objeto que irá em exposição ou até mesmo fique guardado no museu. Assim, a autora complementa que este tipo de documentação “é um processo que engloba o registro de dados sobre os itens do acervo para futura recuperação” (YASSUDA, 2009, p. 25).

É importante salientar que essa conexão entre o objeto e o registro deve ser realizada no início do tratamento descritivo, ou seja, quando da entrada do objeto no museu. O vínculo, do ponto de vista administrativo, que o objeto terá com a sua documentação será mantido por meio de um número de identificação. A entrada do objeto do museu também aponta outros sentidos e valores, como o interesse do museu em recebe-lo ou o interesse do doador em mantê-lo no museu; além disso, parte de sua biografia configura-se neste momento. [...] Entendemos que o princípio básico da documentação de museus é fomentar o processo de comunicação entre o item e o usuário, com o objetivo final da geração de conhecimento (YASSUDA, 2009, p. 25-26).

Para Chagas (1996), é relevante frisar as concepções de Peter Van Mensch, professor de Teoria Museológica, o qual identifica três matrizes dimensionais para a abordagem dos objetos museológicos como portadores de informações necessárias para ações de preservação, pesquisa e comunicação, as quais redimensionam o papel da documentação dentro dos museus. São elas: propriedades físicas, funções e significados e história. Tais matrizes podem ser melhor expressas e particularizadas no Quadro 8.

Quadro 8 – Três matrizes dimensionais dos objetos museológicos.

TRES MATRIZES DIMENSIONAIS DOS OBJETOS MUSEOLOGICOS								
PROPRIEDADES FISICAS			FUNÇÕES E SIGNIFICADOS		HISTORIA			
Composição o material	Construção o técnica	Morfologia	Significado primário	Significado secundário	Gênese	Uso	<u>Deteriorização</u>	Conservação, restauração
-	-	- forma espacial e dimensões; - estrutura de superfície; - cor; - padrões de cor e imagens; - texto, se existente.	Significado funcional	Significado secundário	Processo de criação do objeto (<u>ideia+matéria- prima</u>)	Uso inicial	Fatores endógenos	-
-	-	-	Significado expressivo (valor emocional)	-significado simbólico; -significado metafisico.	-	Reutilização	Fatores exógenos	-

Fonte: Adaptado de Chagas, 1996.

Sobremaneira, é importante ressaltar que a Documentação Museológica é uma atividade que geralmente é atribuída à curadoria, por isto em parceria com profissionais de diversas áreas, “constitui um trabalho interdisciplinar de pesquisa e resgate de informações que contribuirão para a geração de conhecimento, e também para a preservação da memória social” (YASSUDA, 2009, p. 16-17). Ou seja, as atividades relacionadas à curadoria abrangem um campo extenso, pois abarcam os planos culturais, artístico e comercial, tendo como função cuidar dessa documentação e a partir dela atuar como um mediador cultural, exercendo então, uma função social.

Consoante Bravo (2011, não paginado), a curadoria pode ser compreendida como a “pessoa (curador) ou grupo de pessoas capacitadas, diretoria, que tem como objetivo chegar a um denominador comum sobre determinado assunto, pois são capacitados para tanto”. E, ainda, quando estes se encontram relacionados à descrição do objeto museológico:

[...] podem inferir que ela ocorre sob duas perspectivas: o objeto enquanto estrutura física e enquanto valor simbólico. O primeiro aspecto denota as características morfológicas do objeto, também denominado de aspectos intrínsecos, já o segundo decorre da razão de sua existência em uma relação espaço-temporal, são os aspectos extrínsecos. [...] o objeto deve ser analisado de acordo com a seguinte matriz tridimensional: propriedades físicas, função e significado, e história. Neste sentido as propriedades físicas seriam os atributos intrínsecos e a função, significado e história, atributos extrínsecos do objeto (YASSUDA, 2009, p. 17).

A partir dessas colocações sobre a curadoria, podemos relacioná-las aos acervos e coleções no âmbito do museu, ressaltando que seus estudos são pautados em organizar dossiês sobre cada uma delas, porém ele não cria sistemas organizados para essas informações contidas nesses acervos ou coleções.

Sendo assim, podemos constatar que o desafio principal do curador sobre os acervos de cultura material, “é compreender os artefatos sob seus cuidados (e propiciar sua compreensão por terceiros), já que isto exige um profundo trabalho de decodificação” (BARBUY, 2008, p. 37).

Além disso, é relevante ressaltar também, que ele propicia um extenso “rastreamento de informações tanto no que diz respeito à própria materialidade do objeto como às realidades orgânicas de que ele originalmente participou, mas que lhe são extrínsecas” (BARBUY, 2008, p. 37).

Conforme Barbuy, Carvalho e Lima (2002, p. 71), a curadoria de acervos e coleções, pode ser entendida como:

[...] o estudo para determinar a seleção e coleta de objetos e, depois de sua agregação aos museus, as pesquisas de diversas naturezas desenvolvidas em torno desses mesmos objetos, para melhor compreender seus significados intrínsecos e seus significados inferidos, isto é, aqueles apreensíveis a partir de sua morfologia e aqueles que, associados a outros elementos, possam levar a uma compreensão mais clara das sociedades que os produziram e utilizaram; o desenvolvimento de técnicas para sua boa conservação e eventual restauração sem prejuízo de sua capacidade informativa; diferentes concepções, estratégias e articulações para expô-los ao grande público; o desenvolvimento de sistemas que estimulem o público a explorar as muitas possibilidades de uma exposição e de um acervo são as metas buscadas pelos museólogos e por todos aqueles que exercem a curadoria de acervos e de exposições nos museus, em suas diferentes facetas.

Portanto, para Cândido (2002, p. 32) a Documentação Museológica “é procedimento essencial dentro de um museu, representando o conjunto de informações sobre os objetos por meio da palavra (documentação textual) e da imagem (documentação iconográfica)”. Assim, podemos verificar que a Documentação Museológica encontra-se em constante processo de estruturação, pois precisa adaptar-se às tecnologias que se modificam constantemente, e em especial as vigentes do mundo globalizado.

5 ANÁLISE, RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo irá concretizar a proposta deste estudo, mediante a análise realizada nas duas fontes de informação, cujas são entendidas, na visão de Arruda (2002, p. 99), como as que “designam todos os tipos de meios (suportes) que contêm informações suscetíveis de serem comunicadas”, já que possibilitou a verificação, de como são desenvolvidas a formação das coleções arqueológicas no MPEG. Por isto, ele encontra-se estruturado da seguinte forma: *Currículo Lattes*, Documentação Museológica e *Currículo Lattes x* Documentação Museológica.

5.1 *Currículo lattes*

A autora Muller (2000), ao evidenciar o significado de literatura científica reproduz que esta é a geração de um conjunto de publicações tanto na fase inicial da pesquisa quanto no término desta. Por esta razão, permitem que este conjunto possam gerar ainda produções como: relatórios, trabalhos apresentados em congressos, palestras, artigos de periódicos, livros, dentre outros. Respalando esta assertiva, Witter (1996, p.22), coloca que a produção científica

[...] tem um produtor e um consumidor e, evidentemente, todo produtor é também consumidor, quanto melhor consumidor ele for, melhor será como produtor, refere-se à importância da produção científica do docente com relação à formação dos alunos e, também, à necessidade de sua atuação como pesquisadores, que buscam saber como fazer dos alunos consumidores e futuros produtores de pesquisa de informação.

Isso quer dizer que essa produção necessita ser organizada em algum momento para que seja mostrada a sua relevância. Pode-se dizer então que um dos instrumentos empregados para tal organização possa ser o *Currículo Lattes*. Sabe-se que este componente foi criado em 1999, com o intuito de organizar e padronizar os diversos currículos em uma base de dados única e nacional. Ao mesmo tempo, é um currículo utilizado na Plataforma Lattes do CNPq

que está subordinado ao MCT. Referindo-se a este currículo, o CNPq (2007, não paginado) explicita que:

O currículo Lattes coleciona dados sobre identificação, formação acadêmica, atividades profissionais atuais e pregressas, artigos, livros e trabalhos publicados, conhecimento de idiomas, orientações a dissertações e teses, participação em bancas examinadoras, produção técnica, obtenção de patentes, participação em eventos, grupos e linhas de pesquisa. É real a possibilidade de se estudar cada um desses itens à procura de paradigmas para as políticas públicas. O currículo Lattes é elemento indispensável à análise de mérito e competência de instituições de fomento, universidades e institutos de pesquisa do país.

Partindo desta concepção, o presente tópico discorre sobre a análise realizada no *currículo lattes* dos atuais 4 (quatro) arqueólogos estabelecidos nesta pesquisa e que compõem o quadro institucional do MPEG no período de 2005 a 2014.

No que é inerente à primeira pesquisadora a ser analisada **Edithe da Silva Pereira**³, as informações encontradas nessa fonte mostram que ela possui formação em História pela UFPA (1982), com Mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) (1990) e Doutorado em Geografia e História pela Universidade de Valencia, Espanha (1996).

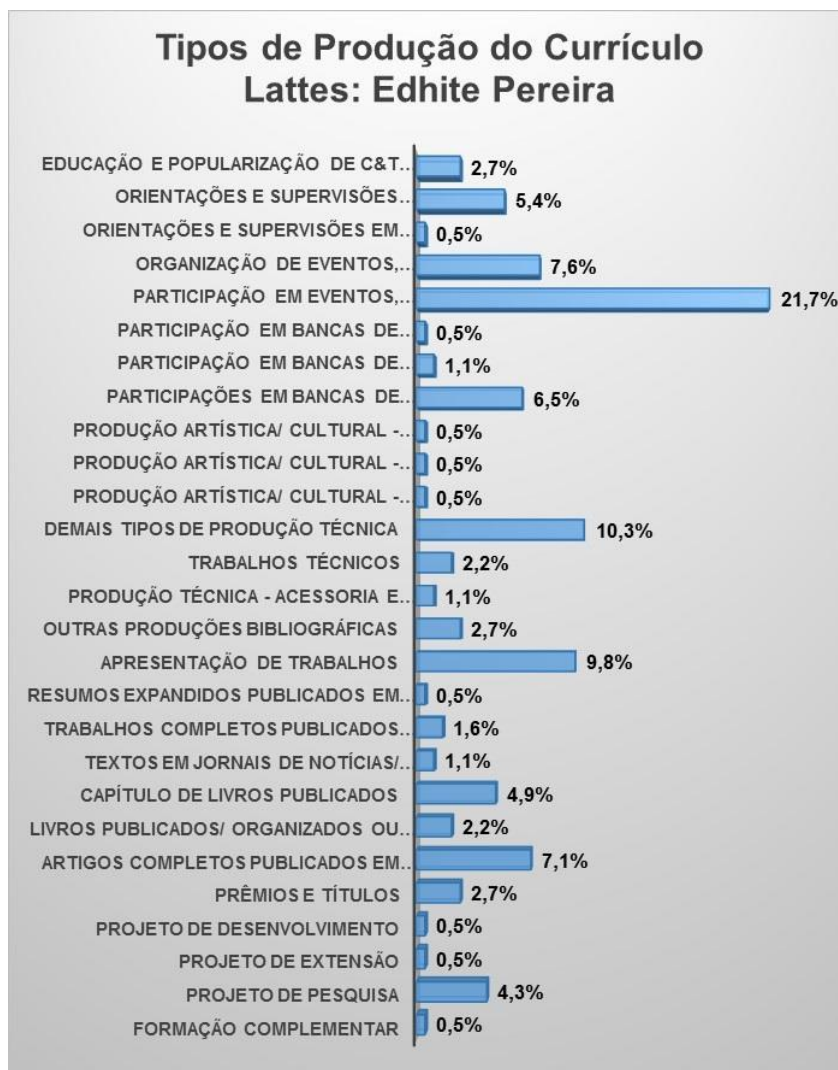
Atualmente, ela é pesquisadora Titular III do MPEG e Bolsista de produtividade do CNPq – Nível 2 – CACS – Antrop., Arqueol., C. Política, Direito, Rel. Internacionais e Sociologia.

Além disso, é relevante mostrar que sua identificação nas citações bibliográficas é encontrada assim: **PEREIRA, E. S.**

Portanto, essas informações permitem evidenciar que durante esse período de atuação profissional a pesquisadora contribuiu de forma significativa com diversas pesquisas. No Gráfico 1, abaixo tem-se os tipos de produção desenvolvidas por ela no período de 2005 a 2014.

³ Última atualização do *Currículo lattes* em 16/03/2016.

Gráfico 1 – Tipos de Produção do *Currículo Lattes* de Edithe Pereira.

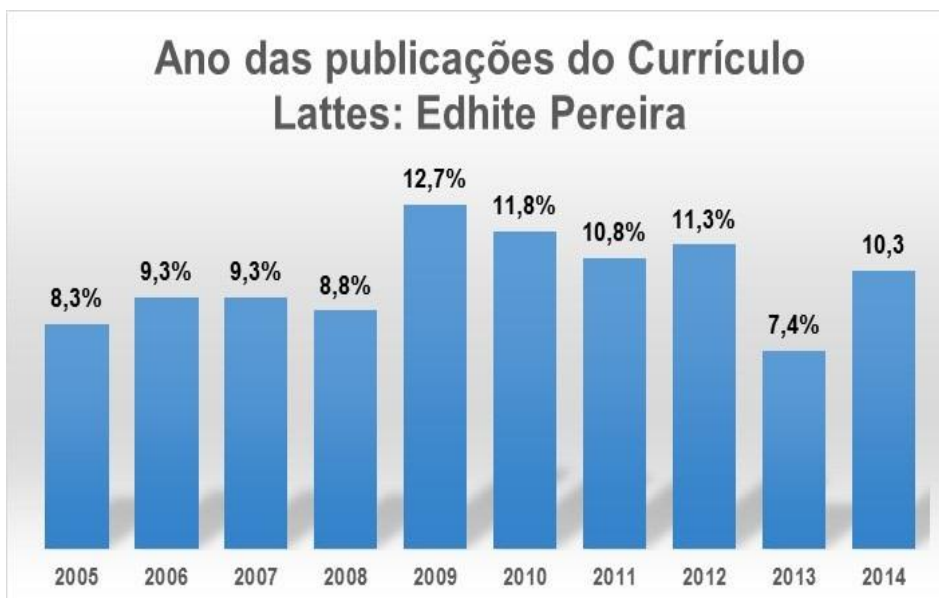


Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

Nota-se a partir do gráfico, que o tipo de pesquisa com maior quantidade de produção são aquelas desenvolvidas por meio de participação de eventos, congressos, exposições e feiras, apresentando 21,7% dos dados obtidos. E, em segundo lugar, os demais tipos de produção técnica, com a estimativa de 10,3%.

Em relação ao Gráfico 2, este pauta-se, primordialmente, em evidenciar o decurso de tempo de dez anos estabelecidos nesta pesquisa (2005-2014) em qual deles a pesquisadora produziu em maior número.

Gráfico 2 – Ano de publicações do *Currículo Lattes* de Edithe Pereira.

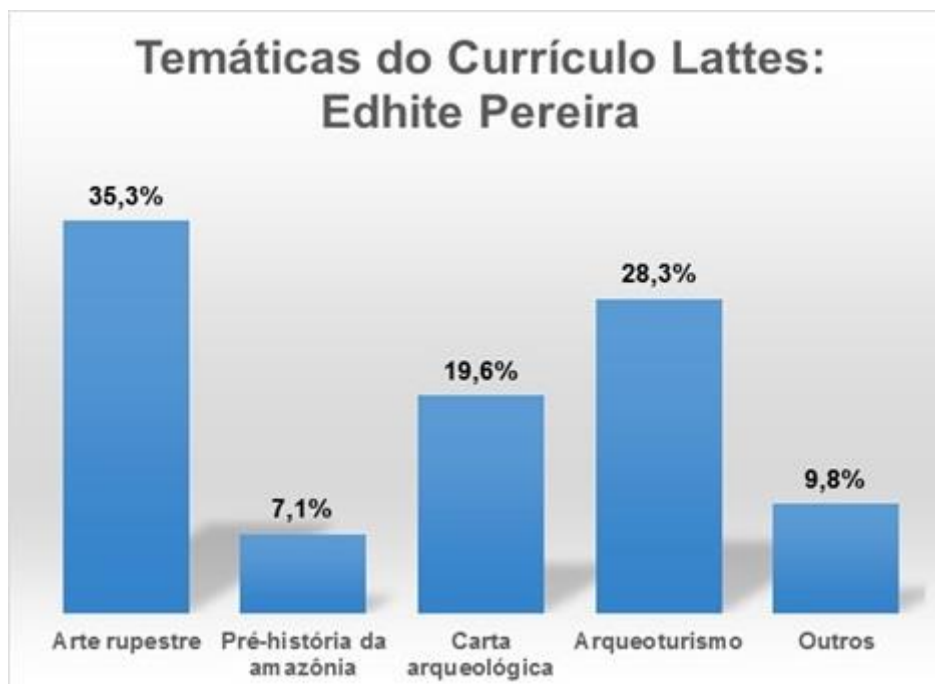


Fonte: Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

Portanto, o gráfico acima permite se constatar que o período em que a arqueóloga Edithe Pereira produziu em maior quantidade foi o ano de 2009, apresentando 12, 7%. E, o ano em que menos produziu foi em 2013, com 7,4 % dos dados obtidos.

Mediante a sua experiência na área da Arqueologia desenvolvida na instituição, se pode observar ainda que no âmbito geral, suas pesquisas possuem ênfase em Arqueologia Pré-Histórica, voltadas principalmente aos seguintes temas: Arte Rupestre, Pré-História da Amazônia, Carta Arqueológica e Arqueoturismo.

Gráfico 3 – Temáticas do *Currículo Lattes* de Edithe Pereira.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

A partir dos temas determinados no âmbito de pesquisa da arqueóloga, se pode ver no Gráfico 3, que no transcorrer destes dez anos de produções, a temática mais representativa é a Arte Rupestre, com 35, 3% dos dados obtidos. Seguida do Arqueoturismo com 28, 3%. Em terceiro, com a Carta Arqueológica com 19, 6%. Em quarto, outros tipos (9,8%), como: produção artística (Miriti), prêmios e títulos, outras produções bibliográfica, participação em bancas (comissões julgadoras de concurso) e algumas sem identificação. E por último, com assuntos pertinentes a Pré-História da Amazônia com 7,1%.

Sobre estas temáticas mais estudadas por **Edithe Pereira**, foi visto suas particularidades de estudo, das quais qual se constata que:

- 1- **Arte Rupestre:** estudos referentes a região Oeste (Óbidos, Oriximiná, Juruti, Almeirim, Prainha, Monte Alegre, Alenquer e Curuá), Sudeste e Sul do Pará; Rio Araguaia; Itacoatiara (AM); Beditinos e Antônio Almeida (PI), Presidente Médice (RO); Rio Urubu e Negro (AM); Rio Trombetas (PA); Macapá; Santarém e assuntos referentes a Reserva Técnica do MPEG;

- 2- **Arqueoturismo:** região Oeste e do Carajás (PA); Amapá; Amazonas; região Sudeste do Pará; Monte Alegre (PA); Serra de Andorinhas, região Sul do Pará; Canaã dos Carajás; Parque Estadual – Serra de Andorinhas (Sul do Pará);
- 3- **Carta Arqueológica:** Canaã dos Carajás – Sudeste do Pará; região do Trombetas; Serra das Andorinhas (Sul do Pará); Mato Grosso; MPEG; Monte Alegre (PA); Pacoval do Curuá e Prainha (PA) – região Oeste; Pacajá – Sudoeste do Pará; Goiás; Piauí; Portugal e Espanha; Coleção Protássio Friel;
- 4- **Pré-História da Amazônia:** Monte Alegre (PA); Canaã dos Carajás – Sudeste do Pará; Serra das Andorinhas (Sul do Pará).

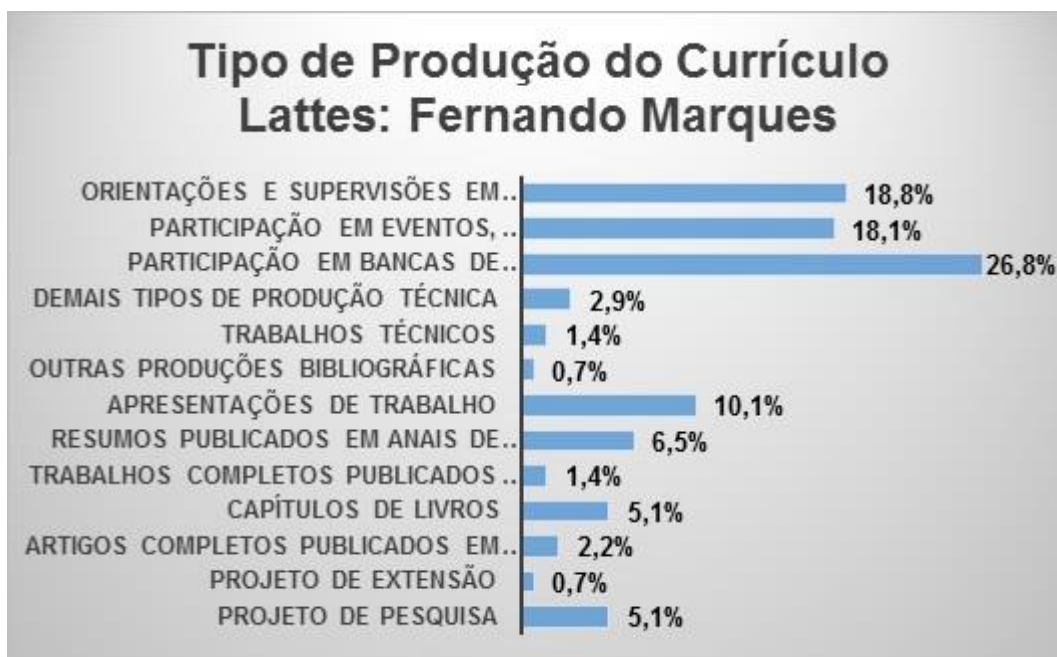
No que é concernente ao segundo pesquisador a ser analisado através do *currículo lattes* **Fernando Luiz Tavares Marques**⁴, este possui formação em Arquitetura pela UFPA (1982), Mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) (1993) e Doutorado em História pela mesma instituição do Mestrado (2004). Atualmente é pesquisador da área de Arqueologia do MPEG.

Aliás, é relevante mostrar que sua identificação nas citações bibliográficas é encontrada assim: **MARQUES, F.L.T.**

Embasado no supracitado nota-se que o pesquisador vem desenvolvendo diversas pesquisas ao longo destes dez anos (2005 a 2014), cujas são vistas no Gráfico 4, em que são encontrados os tipos de produção desenvolvidas por ele.

⁴ Última atualização do *Currículo lattes* em 07/12/2015.

Gráfico 4 – Tipos de Produção do *Currículo Lattes* de Fernando Marques.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

Vê-se a partir do Gráfico 4, que o tipo de pesquisa com maior quantidade de produção é aquele desenvolvido por meio de participação em bancas de Graduação, Especialização, Mestrado, Doutorado e Banca de Concursos – Comissões julgadoras, com 26,8% dos dados apurados. Em segundo plano, as orientações e supervisões em andamento (Iniciação científica, Mestrado, Especialização e Graduação), com 18,8%. Em último lugar, verifica-se um empate com relação aos projetos de extensão (0,7%) e outras produções bibliográficas com o mesmo percentual.

No Gráfico 5, comprova-se o decurso de tempo de dez anos estabelecidos nesta pesquisa (2005-2014) em qual deles o pesquisador produziu em maior número.

Gráfico 5 – Ano de publicações do *Currículo Lattes* de Fernando Marques.

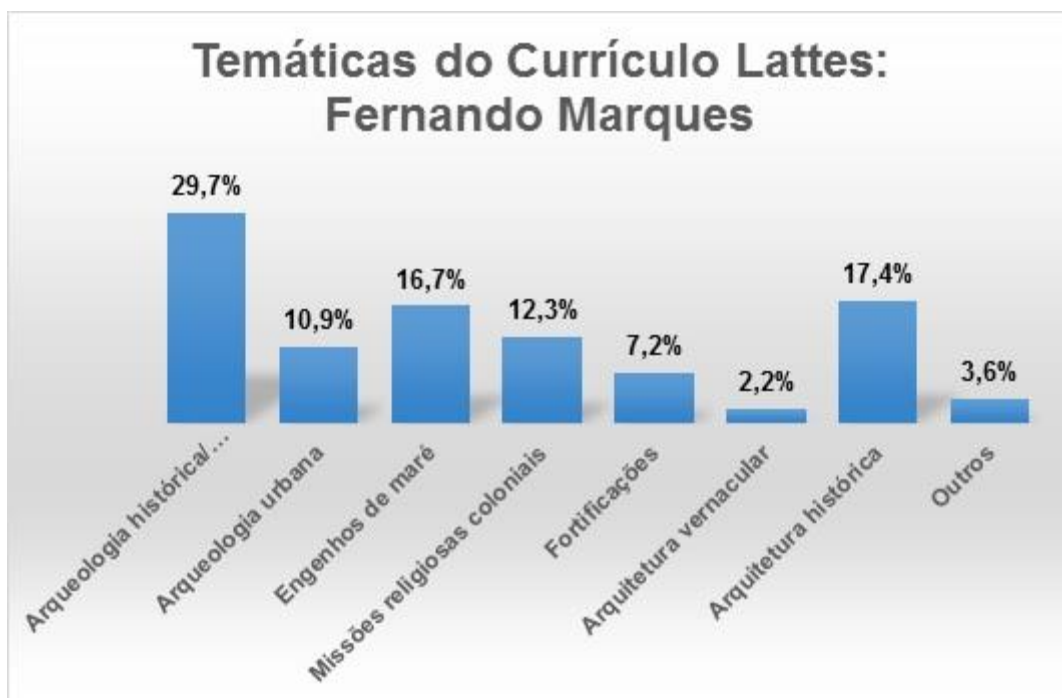


Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

Portanto, o Gráfico 5, retrata que o período em que o arqueólogo Fernando Luiz produziu em maior quantidade foi no ano de 2008, com 18,5%. Em segundo lugar, o ano de 2013, com 17,2%. E, em último lugar, o ano de 2011, com apenas 2,6% dos dados apurados.

Por intermédio da sua experiência na área da Arqueologia desenvolvida na instituição, certifica-se que no âmbito geral, suas pesquisas possuem ênfase em História do Brasil, desenvolvendo principalmente os seguintes temas: Arqueologia histórica e industrial, Arqueologia urbana, Engenhos de maré, Missões religiosas coloniais, Fortificações, Arquitetura histórica, Arquitetura vernacular.

Gráfico 6 – Temáticas do *Currículo Lattes* de Fernando Marques.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

A partir dos temas estabelecidos no âmbito de pesquisa do arqueólogo, confere-se no Gráfico 6, que durante estes dez anos de produções, a temática mais representativa é a Arqueologia Histórica e Industrial, com 29,7%. Seguida da Arquitetura Histórica com 17,4%. Em terceiro, com Engenhos de Maré, com 16,7% dos dados. Em quarto, com as Missões Religiosas e Coloniais, apresentando 12,3% dos dados. Em quinto, a Arqueologia Urbana com 10,9%. Em sexto, as Fortificações com 7,2%. Em sétimo lugar, os estudos referentes à temática da Arquitetura Vernacular com 2,2%. E por último, outros tipos de temáticas (3,6%) como: resumos publicados em anais de eventos, relacionados à geofísica e também gradiometria magnética e GPR. Além, de participação de bancas de comissões julgadoras de concurso público.

Sobre estas temáticas mais estudadas por **Fernando Marques**, testifica-se as particularidades de estudo, representada pela:

- 1- **Arqueologia Histórica e Industrial:** Sítio Histórico de Joanes – Ilha do Marajó; Ilha de Mosqueiro; Baixa Bacia do Amazonas; Pará e Rondônia; Fronteira Rondônia; Amazônia Colonial; Museu da UFPA; Museu Goeldi; Marau – Ilha de

Mosqueiro; Igreja de Santana do Bujaru; Rios Acre e Iquiri; Ilha de Soure e Ilha do Marajó (PA); Almeirim (PA); Sítio Samaúma, Moju (PA); Centro de Memória da Amazônia; Sítio Jaguari, Moju-PA; Ordem de Nossa Senhora das Mercês no Grão Pará; Estuário Amazônico; Sítio Salina dos Roque, Bragança (PA) – região do Salgado – nordeste paraense – Amazônia Oriental; Vila de Santo Antônio (Porto Velho – RO); Juruti (PA); Sítio Moju I;

- 2- **Arquitetura Histórica:** Quilombolas do Aproaga, Vale do Rio Capim; Patrimônio Artístico de Antonio José Landi; Rua Dr. Assis – Cidade Velha – Belém, PA; Casas Nobres do Antigo Regime – Belém, PA; Casarões Históricos – Santarém, PA; Mosaicos de Belém; Engenho Murutucu – Belém, PA;
- 3- **Engenhos de Maré:** Estuário Amazônico – Engenhos Jesuítas; Hidrelétricas Santo Antônio e Jirau, no alto rio Madeira, Rondônia; Engenho Real Ibirajuba; Maranhão e Grão-Pará; Engenho Murutucu – Belém, PA; Amazônia Colonial; Engenhos de Igarapé-Miri e Abaetetuba; Engenho açucareiros (Estuário Amazônico);
- 4- **Missões Religiosas Coloniais:** Vila de Joanes, Ilha do Marajó; Colégio Santo Alexandre; Fazenda Jaguari e do Engenho Real Ibirajuba; Vila de Guajaraúna, Barcarena, PA; Colégio e igreja dos jesuítas – Belém, PA; Sítio Porto de Santarém – Baixo Amazonas; Região do Amapari; Vila Operária e oficinas – Marituba, PA;
- 5- **Arqueologia Urbana:** Casa Rosada – Belém, PA; Cemitério da Soledade – Belém, PA; Praça Frei Caetano Brandão – Belém-PA; Sítio Indígena sob a Feliz Lusitânea; Palácio Episcopal de Belém; Feliz Lusitânea – Centro Histórico de Belém; Belém, PA: Sítio arqueológico em contexto urbano amazônico; Baixo Tapajós – Periferia do Domínio Tapajônico; Largo da Sé; Solar do Barão de Guajará;
- 6- **Fortificações:** Forte Príncipe da Beira; Forte do Castelo e Fortim São Pedro Nolasco; Forte Cumaú; Fortificações na Amazônia;
- 7- **Arquitetura Vernacular:** Pedras da Arquitetura Mortuária do Cemitério Nossa Senhora da Soledade; Indígenas Apurinã da Terra Indígena Caititu – Lábrea, AM; Edifícios históricos – Belém, PA.

No tocante à terceira pesquisadora a ser analisada através do *currículo lattes* **Maura Imazio da Silveira**⁵, esta possui formação em Arqueologia pela Universidade Estácio de Sá (1979), Mestrado em Arqueologia (1994) e Doutorado em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP) (2001). Atualmente é representante da arqueologia no Programa de Estudos Costeiros (PEC), Pesquisador Titular e Curadora da Reserva Técnica de Arqueologia do CCH do MPEG e atua em cursos de Pós-Graduação.

Como aditamento, é relevante mostrar que sua identificação nas citações bibliográficas é encontrada assim: **SILVEIRA, M. I. ou IMAZIO da SILVEIRA, M.**

Clarifica-se, a partir das colocações acima, que a pesquisadora vem desenvolvendo diversas pesquisas ao longo destes dez anos (2005 a 2014). No Gráfico 7, é apontado os tipos de produção desenvolvidos por ela.

Gráfico 7 – Tipos de Produção do *Currículo Lattes* de Maura Imazio.



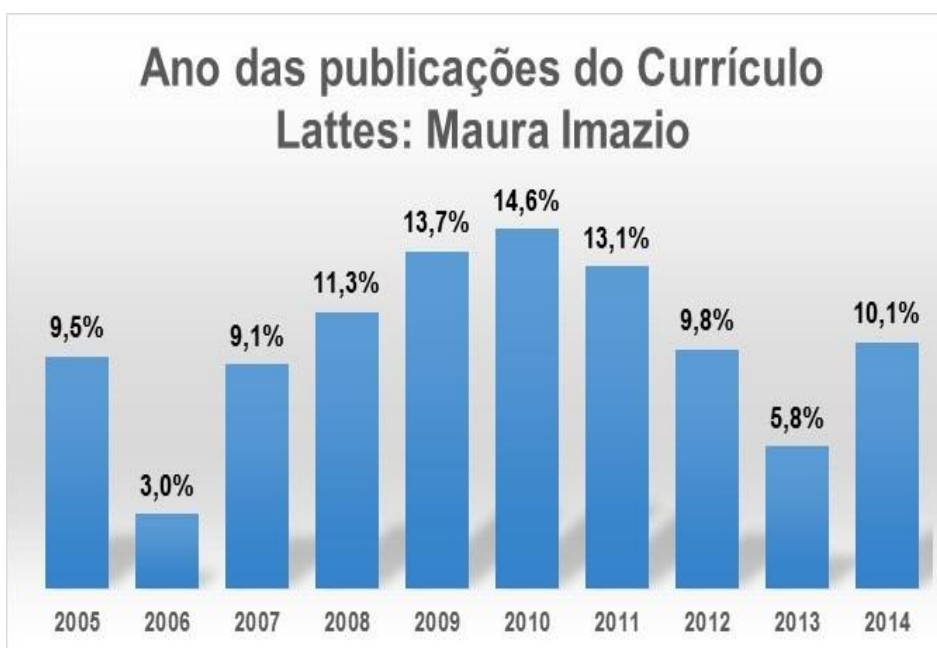
Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

⁵ Última atualização do *Currículo lattes* em 14/12/2014.

Atente-se a partir do Gráfico 7, que o tipo de pesquisa com maior quantidade de produção são aqueles desenvolvidos em participação de eventos, congressos, exposições e feiras, com 15, 7%. Em segundo lugar e empatados com 10, 9%, a organização de eventos, congressos, exposições e feiras e demais produções técnicas. Em último lugar e empatados também com 0,4%, as orientações e supervisões em andamento (Mestrado), trabalhos completos publicados em anais de congressos, textos em jornais de notícias/revistas, membro de corpo editorial e outros projetos.

O Gráfico 8, demonstra que durante esses dez anos estabelecidos nesta pesquisa (2005-2014) a pesquisadora produziu em maior número de publicações.

Gráfico 8 – Ano das publicações do *Currículo Lattes* de Maura Imazio.

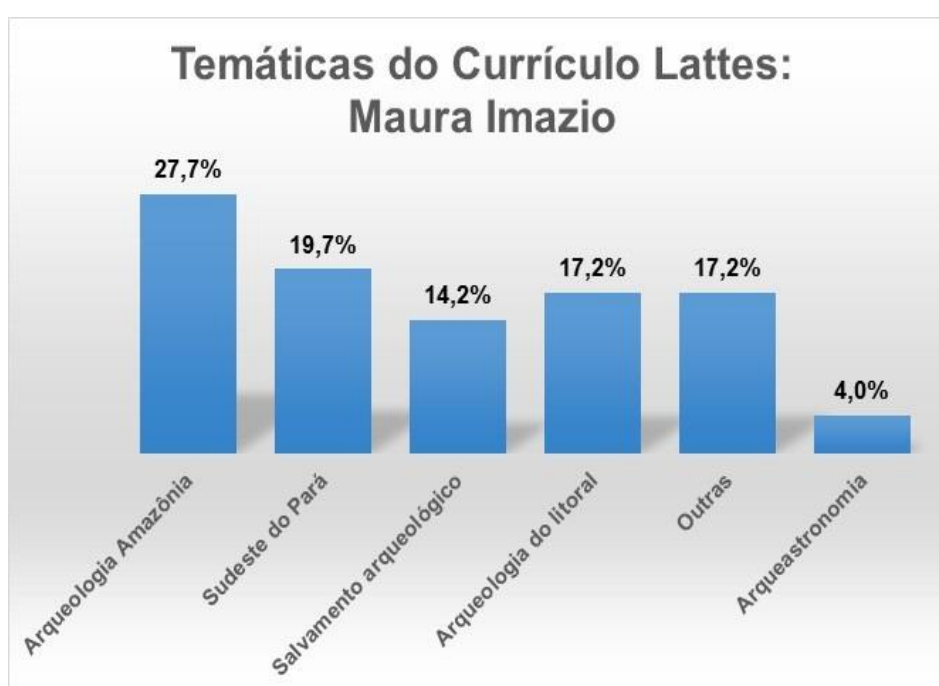


Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

Logo, o Gráfico 8, permite constatar que o período em que a arqueóloga Maura Imazio produziu em maior quantidade foi no ano de 2010, com 14, 6%. Em segundo lugar, o ano de 2009, com 13, 7%. E, em último lugar, o ano de 2006, com apenas 3,0 % dos dados obtidos.

Por meio de sua experiência na área da Arqueologia desenvolvida na instituição, se divisa que, no âmbito geral, sua pesquisa assume papel destacado em Arqueologia Pré-Histórica, produzindo essencialmente os seguintes temas: Arqueologia amazônica, Sudeste do Pará, Salvamento arqueológico e Arqueologia do litoral. Porém, na análise foi apresentada uma nova categoria, sendo ela a Arqueoastronomia (ver Gráfico 9).

Gráfico 9 – Temáticas do *Currículo Lattes* de Maura Imazio.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

A partir dos temas fixados no âmbito de pesquisa da arqueóloga, tem-se no Gráfico 9, que durante estes dez anos de produções, a temática mais representativa é a Arqueologia Amazônica com 27, 7%. Em segundo lugar, a temática Sudeste do Pará com 19,7%. Em terceiro, nota-se o empate com 17, 2% entre a Arqueologia do Litoral e Outras categorias, que incluem: projetos de pesquisas referentes a sambaquis do Moa (Rio de Janeiro), palestras, outras produções bibliográficas, orientações e supervisões concluídas (orientações de outra natureza), cursos, demais tipos de produções técnicas, membro de corpo editorial, revisor de periódicos, revisor de projeto de fomento, dentre outros aspectos. Em quarto, com 14,2%

temas referentes a Salvamento arqueológico. E, por último, a temática da Arqueoastronomia com 4%.

Atinentes às temáticas mais estudadas por **Maura Imazio**, encontra-se como particularidades de seus estudos na:

- 1- **Arqueologia Amazônica:** Tailândia (PA); Barcarena (PA) – Sítio PA-BA-84: Alunorte; Sítio MMX09 e MMX11 (Oeste do Amapá); Maracá (Cultura) – Amapá; Projeto Salobo; Sambaquis do Pará; Amazônia Oriental; Sítio Terra Preta 2, região do Baixo Amazonas; Sul do Pará; Juruti, Baixo Amazonas; Porto de Santarém, Baixo Amazonas; Sítio arqueológico Laranjal, do Jarilológicas do Extremo Sul do Amapá; Comunidade de Cinco Chagas do Matapi, município de Santana, AP; Cartas SAO: Bacia da Foz do Amazonas – Pará;
- 2- **Sudeste do Pará:** Tapirapé – Aquiri (PA); Flonata (Bacia do Salobo, PA); Sítio Bitoca 1 e 2 (região de Carajás); 4 ALFA e P32 (Indústria cerâmica); Área do Projeto Salobo; Linha de Transmissão 230kv e Mineroduto; Serra Norte de Carajás no Holoceno tardio; Sítio Ourilândia 1;
- 3- **Arqueologia do Litoral:** Sítio Jabuti – Bragança, PA; Piatam Mar; Sambaquis – Costa Amazônica; Zona Costeira – Amazônia; Ilha de Mosqueiro; Ilha do Norte, Ilhas do sul – Sítio Marahá; cerâmica arqueológica Aruã - Ilha do Marajó; Maraú – Gamboas; Primavera, PA; Rio Goiapi, Ilha do Marajó; Ilha da Trambioca – Sambaquis - Sítio Jacarequera;
- 4- **Salvamento arqueológico:** Projeto Salobo/PA; Santarém, PA; Sítios BF2 e Bitoca 1 – área do Projeto Salobo e Sítios Pau Preto, P32, 4Alfa e Araras; Barfi e Bitoca 2;
- 5- **Arqueoastronomia:** Núcleo da Terra as Igrejas do Pelourinho.

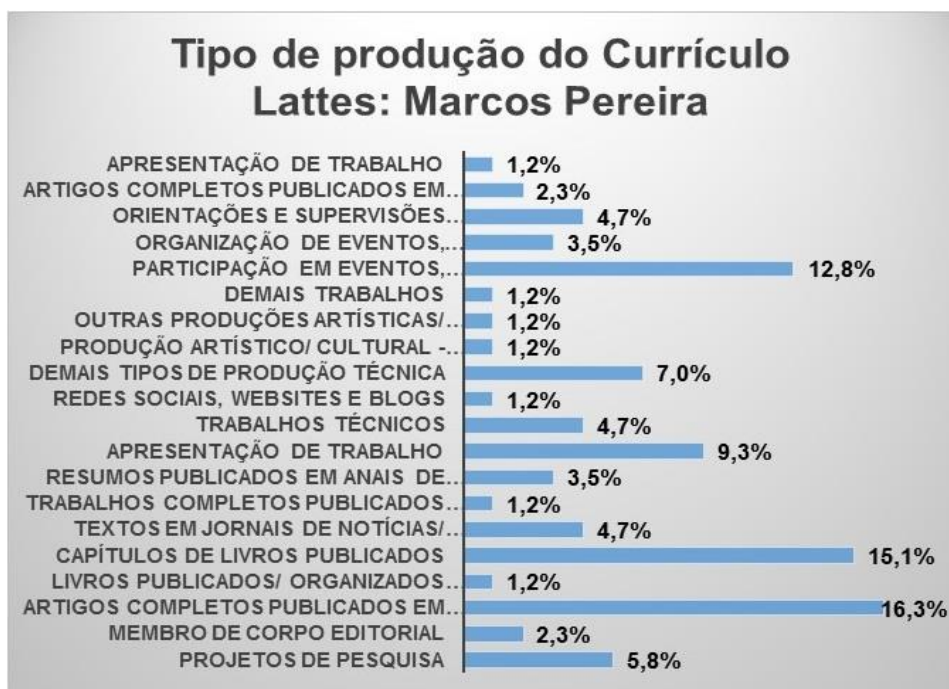
No que é pertinente ao último pesquisador a ser analisado através do *currículo lattes* **Marcos Pereira Magalhães**⁶, este é formado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) (1981), possui Mestrado em História Antiga e Medieval e Doutorado em História Social pela mesma universidade da Graduação (1998). Atualmente é pesquisador associado do MMPEG.

Interessante reportar que sua identificação nas citações bibliográficas é encontrada assim: **MAGALHÃES, M.P.; Magalhães, Marcos Pereira; Marcos Pereira Magalhães.**

⁶ Última atualização do *Currículo lattes* em 24/11/2015.

Ressalte-se que o pesquisador vem desenvolvendo diversas pesquisas ao longo destes dez anos (2005 a 2014). Isso é notado no Gráfico 10, que assinala os tipos de produção desenvolvidos por ele.

Gráfico 10 – Tipos de produção do *Currículo Lattes* de Marcos Pereira.

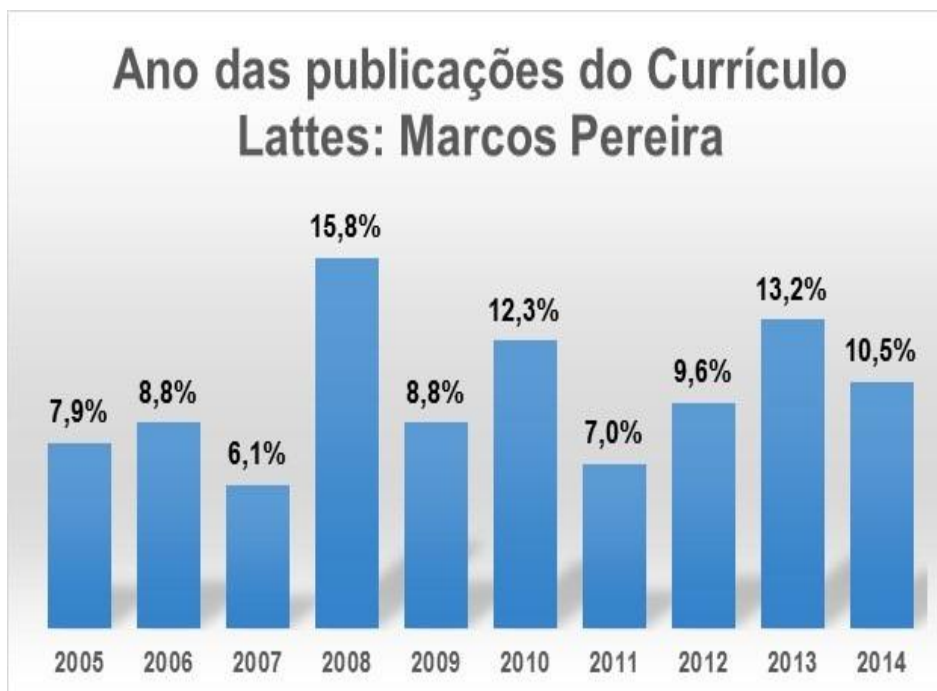


Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

O Gráfico 10, explicita que o tipo de pesquisa com maior quantidade de produção são artigos completos publicados em periódicos com 16,3%. Em segundo lugar, capítulos de livros publicados com 15,1%. E, em terceiro, participação em eventos, congressos, exposições e feiras, com 12,8%.

O Gráfico 11, por seu turno, expressa o que, durante os dez anos determinados nesta pesquisa (2005-2014), o pesquisador produziu em maior número.

Gráfico 11 – Ano de produção do *Currículo Lattes* de Marcos Pereira.

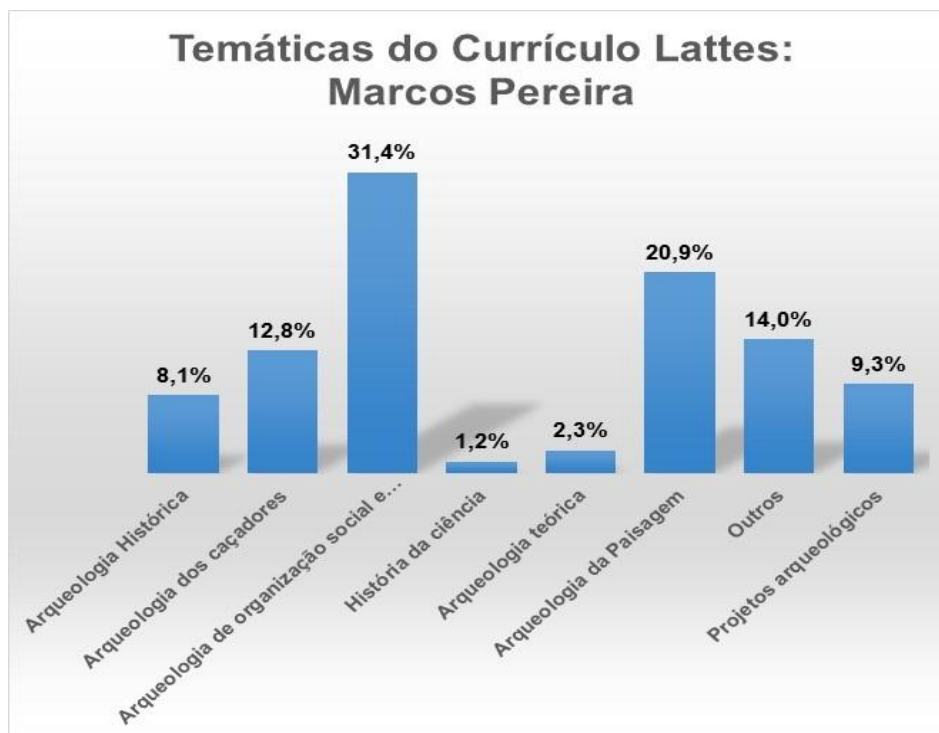


Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

Nesta acepção, o Gráfico11, permite se atestar que o período em que a arqueólogo Marcos Pereira produziu em maior quantidade foi no ano de 2008, com 15,8%. Em segundo lugar, o ano de 2013 com 13,2%. E, por último o ano de 2007 com 6,1% dos dados obtidos.

Mediante a sua experiência na área da Arqueologia desenvolvida na instituição, atenta-se que no âmbito geral, suas pesquisas enfatizam a Arqueologia da Amazônia, operando principalmente nos seguintes temas: Arqueologia histórica, Arqueologia dos caçadore-coletores remotos, Arqueologia da organização social e política das remotas sociedades amazônicas (sociedades simples e complexas). E também: História da ciência, Arqueologia teórica e Arqueologia da paisagem.

Gráfico 12 – Temáticas do *Currículo Lattes* de Marcos Pereira.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

A partir dos temas instituídos no âmbito de pesquisa do arqueólogo, discerne-se via o Gráfico 12, que durante estes dez anos de produções, a temática mais representativa foi a Arqueologia da organização social e política das remotas sociedades amazônicas (sociedades simples e complexas) com 31,4%. Em segundo lugar, Arqueologia da Paisagem, com 20,9%. Em terceiro, outros tipos, como: membro editorial, relatório de atividades e produções artísticas não identificados a temática, apresentando 14% dos dados obtidos. Em quarto, Arqueologia dos caçadores-coletores remotos, com 12,8%. Em quinto, projetos arqueológicos com 9,3%. Em sexto, a Arqueologia Histórica com 8,1%. Em sétimo, observamos a Arqueologia Teórica com 2,3%. E, em último lugar a temática da História da Ciência com 1,2%.

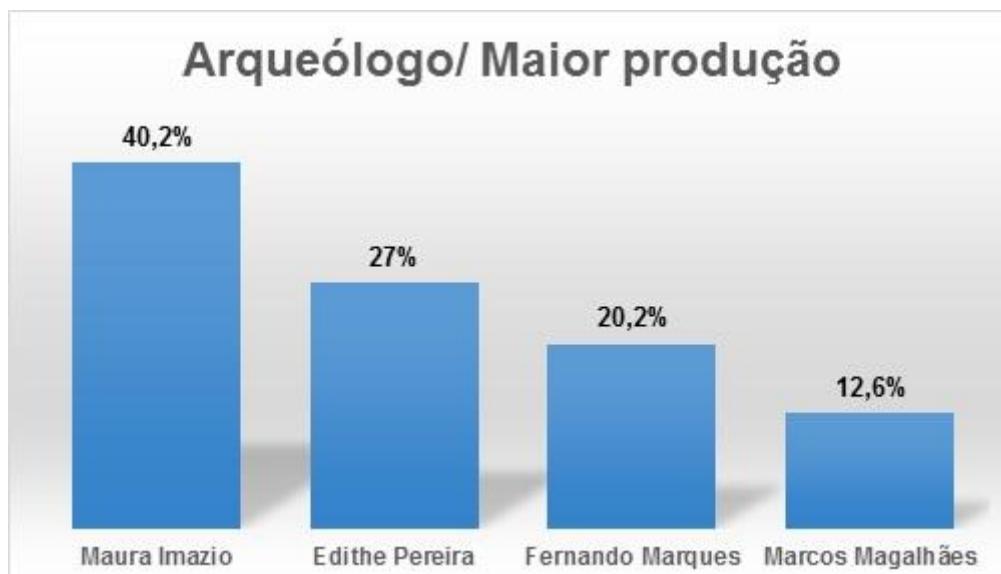
Sobre as temáticas mais estudadas por **Marcos Pereira**, têm-se que suas particularidades de estudo, sobressaem nas seguintes campos:

- 1- **Arqueologia da organização social e política das remotas sociedades amazônicas (sociedades simples e complexas):** Sítio Greig – Projeto Arqueológico Trombetas, coord. por Vera Guapindaia; Região Amazônica; Marajó; Gruta do Piquiá;
- 2- **Arqueologia da Paisagem:** Sítio Greig II;
- 3- **Arqueologia dos caçadores-coletores remotos:** região do Carajás;
- 4- **Projetos Arqueológicos:** PACA SUL; Carajás; Fortaleza São José de Macapá; Trombetas – Mina Saracá W e Mina Saracá V; Sítio PA-ST-43: Paraná do Arau-E-PA; PACA NORTE; Projeto Ferro Carajás S11D; Sítio Greig II; Alto do Rio Madeira;
- 5- **Arqueologia Histórica:** região Amazônia;
- 6- **Arqueologia Teórica:** não há menção sobre alguma localidade específica, pois apenas discute aspectos relacionados às teorias da arqueologia;
- 7- **História da Ciência:** não há menção sobre alguma localidade específica.

Subsequente a descrição do panorama geral sobre a análise do *Currículo Lattes* dos quatro arqueólogos ativos no MPEG ficou patente que os dados obtidos foram essenciais para esclarecer o contexto em que se encontra a produção científica dos 4 (quatro) pesquisadores nos anos de 2005 a 2014.

A resultante geral encontra-se discriminada no Gráfico 13, onde está expressa, como fonte de informação, que o arqueólogo que mais produziu durante o período que foi estipulado na pesquisa, no caso, 2005 a 2014, foi **Maura Imazio** com 40,2%, em segundo lugar, a pesquisadora **Edithe Pereira** com 27%, em terceiro, **Fernando Marques** com 20,2% e por último, **Marcos Magalhães** com 12, 6%.

Gráfico 13 – Arqueólogo que possui maior produção no *Currículo Lattes*.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

Fundamentando tudo o que foi explanado, Carvalho (2000 *apud* GORDENS, 2007, p. 20) reverbera o cenário exposto ressaltando que:

[...] a avaliação do que é publicado pelos cientistas é tarefa das mais complexas e tem sido um desafio para todas as nações. No Brasil, esse desafio não tem sido menor. A necessidade de qualificação da produção científica passa pelo aprimoramento das instituições de pesquisa, que também, muitas vezes, são de ensino, pela avaliação dos seus pesquisadores, pela distribuição de fomentos e pelo incentivo à publicação de qualidade que enaltece uma nação.

Volpato (2002, p.72) complementa que:

Não publicar os resultados de pesquisas caracteriza-se como irresponsabilidade social, pois, para que uma pesquisa seja desenvolvida, desde a idéia inicial até a elaboração da conclusão, gasta dinheiro de várias formas (matérias, viagens, horas de serviço), ocupa-se pessoas, sacrifica-se organismos e todo esse dispêndio no sentido de gerar conhecimento quando não disponibilizado para a comunidade de interesse, perde-se todo empenho feito. [...] Nas instituições de pesquisa, raramente o dinheiro vem da própria instituição. O cientista deve buscar recursos fora, e para consegui-lo, a regra mais comum é: diga-me o que fez e verei se confio em sua proposta. Por isso o currículo do pesquisador é importante.

Notadamente, há provas evidenciando que a produção científica é um instrumento de grande importância na avaliação do desenvolvimento da pesquisa nos anseios de uma nação. E, que é a partir dela que os pesquisadores disponibilizam um retorno sobre o que é gerado à sociedade. Neste sentido, ela é considerada uma atividade bastante complexa, tendo em vista a relevância da plataforma e possivelmente do *Currículo Lattes* na busca de organizar e filtrar estas informações, a fim de que tornem disponíveis e, também, possíveis a mensuração de dados como os que foram demandados nesta pesquisa.

Em consonância com Alves (2009, p. 104-105) a produção científica é algo “tangível, que pode ser avaliado e contado, pois, a atividade científica que, após sua criação, não é escrita e comunicada, perde o sentido, já que as instituições de pesquisa e os pesquisadores são julgados pelo que conseguem publicar”. Assim, conclui-se que assume papel de destaque avaliar o número das produções de alguma área específica, no caso pertinente, a Arqueologia no MPEG e seus pesquisadores, aqui analisados os quatro arqueólogos ativos na instituição.

5.2 Documentação Museológica

Sabe-se que os documentos por si são grandes indicativos de informação e possivelmente de memória. Diante disso, Oliveira e Rodrigues (2010) asseveram a importância que eles têm para os registros da memória social e sua preservação é justificada pela:

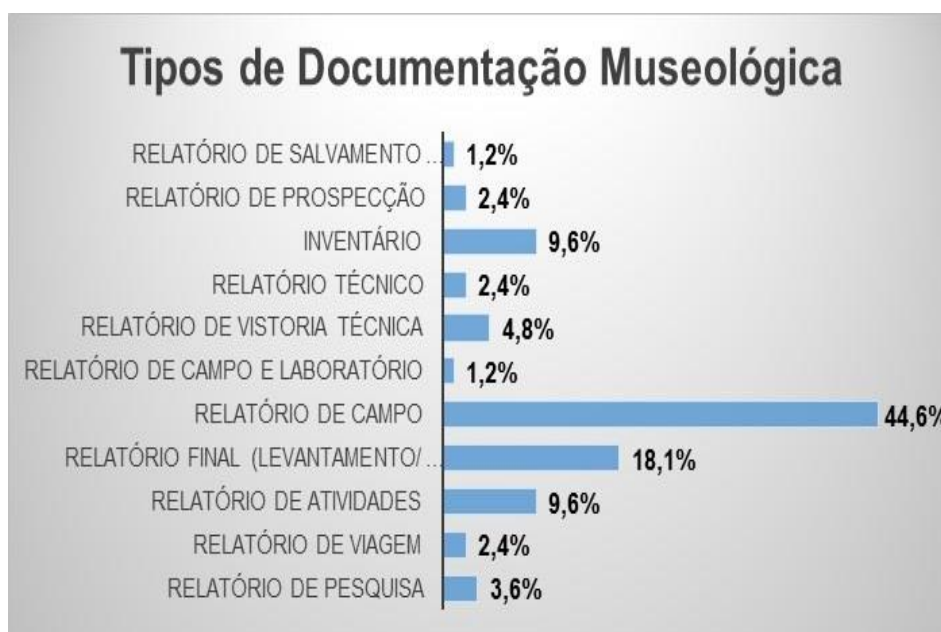
[...] possibilidade de reconstituição da memória e de formação da identidade a partir desses registros, o que exige sua organização, preservação e divulgação. Essas operações incluem um aspecto seletivo, que envolve o binômio lembrar e esquecer operações onde a decisão sobre o que constituirá a memória é compreendida como uma disputa ou negociação, entre grupos sociais, permeada por questões políticas e ideológicas, por vezes antagônicas (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2010, p. 18).

A respeito da Documentação Museológica, Loureiro (1998) nos esclarece que este tipo de documentação busca mais do que localizar artefatos disponibilizados em uma coleção, constituindo-se: uma fonte de informação que contribui de forma significativa para a produção científica da instituição e daqueles que se propõem em compreender melhor aquele patrimônio enquanto processo social de uma comunidade e de determinado local que se considere pertencente a este artefato. Tendo em vista que ele também gera este tipo de documentação desde até mesmo antes destes artefatos chegarem ao museu.

Em decorrência deste tirocínio de Loureiro (1998), este tópico irá discorrer sobre a análise realizada na Documentação Museológica produzida no MPEG durante os anos de 2005 a 2014, no sentido de discernir como suas coleções foram formadas. Diga-se que se localizou um total de 83 documentos, os quais foram devidamente analisados.

No Gráfico 14 encontra-se as suas diversas peculiaridades.

Gráfico 14 – Tipos de Documentação Museológica.



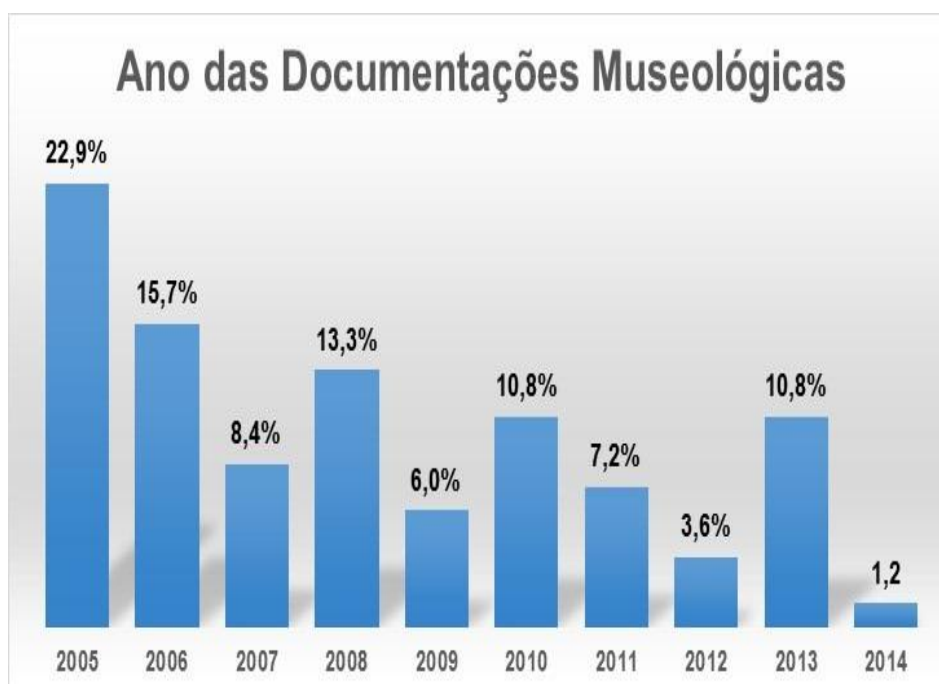
Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

O Gráfico 14, espelha que dos 83 documentos analisados, os relatórios de campo estão em primeiro lugar, com 44,6%. Em segundo lugar, os relatórios finais

(levantamento/laboratório), com 18,1%. Em último lugar e empatados, estão os relatórios referentes ao salvamento arqueológico e aqueles advindos de campo e laboratório com 1,2%.

No Gráfico 15, manifesta que durante esses dez anos estabelecidos nesta pesquisa (2005-2014) essas documentações foram mais geridas nos seguintes aspectos:

Gráfico 15 – Ano das Documentações Museológicas.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

Pode-se notar que o ano de 2005 foi o que mais se produziu informações nas Documentações Museológicas, com 22,9%. Em segundo lugar, o ano de 2006 com 15,7%. E, em último lugar o ano de 2014 com 1,2%.

O Gráfico 16 reproduz que dos 83 documentos analisados, cada um possui informações a respeito do arqueólogo(s) responsável(eis) pela produção desses. Sendo assim, essas informações apresentaram os quatro pesquisadores propostos na pesquisa: **Edithe da Silva Pereira, Fernando Luiz Tavares Marques, Maura Imazio da Silveira e Marcos Pereira Magalhães**. Em contrapartida, foram desconsiderados os documentos que possuíam outros pesquisadores que não os propostos na pesquisa, e aqueles que não identificaram o arqueólogo responsável.

Gráfico 16 – Arqueólogos Responsáveis.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

No caso das Documentações Museológicas, o Gráfico 16, demonstra que a arqueóloga que mais produziu informações arqueológicas foi **Maura Imazio da Silveira**, com 33%. Em segundo, a pesquisadora **Edithe da Silva Pereira**, com 25%. Em terceiro, o arqueólogo **Marcos Pereira Magalhães** com 14,8%. E, por último, o pesquisador **Fernando Luiz Tavares Marques** com 8%.

No *Currículo lattes* dos pesquisadores notou-se as temáticas que estes arqueólogos mais produziram durante os dez anos analisados. Igualmente, essas mesmas temáticas foram analisadas na Documentação Museológica com o intuito de verificar a relação entre essas duas fontes de informação e, do mesmo modo, discernir a partir dessas temáticas, a formação das coleções dentro do MPEG. Portanto, o Gráfico 17 mostra as temáticas desenvolvidas na documentação pela pesquisadora **Edithe da Silva Pereira**.

Gráfico 17 –. Temática da Documentação Museológica de Edithe Pereira.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

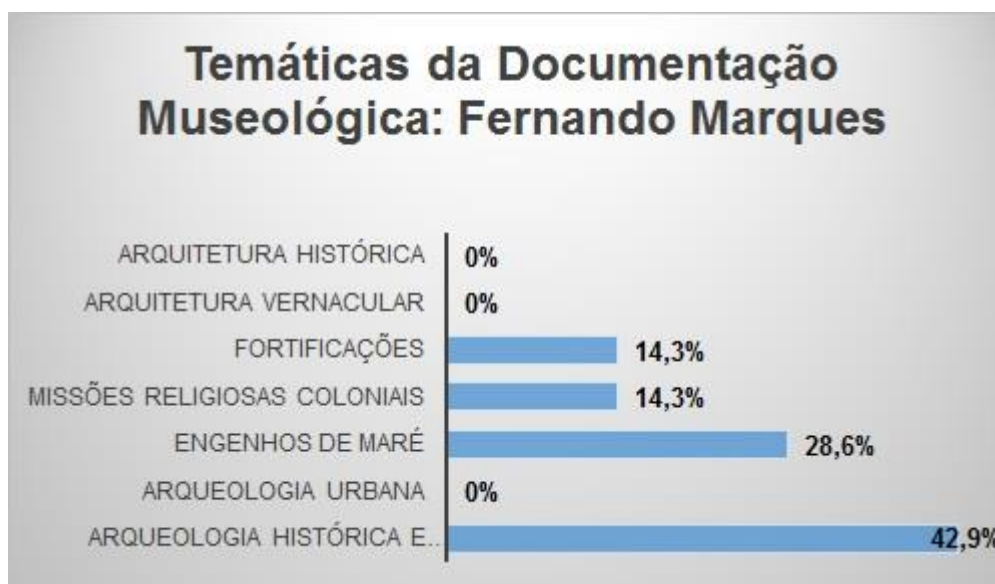
A partir dos temas preconizados no âmbito de pesquisa da arqueóloga, está detalhado no Gráfico 17 que durante estes dez anos de produções a temática mais representativa é a Carta Arqueológica com 45,5%. Em segundo lugar, o Arqueoturismo com 36,4%. Em terceiro e último, a Pré-história da Amazônia com 18,2%. Ainda no Gráfico 17, viu-se que a temática Arte Rupestre não possui nenhum documento analisado, porém é relevante frisar que a temática Carta Arqueológica, relacionada ao “Projeto Inventário dos Sítios Arqueológicos de Óbidos, Oriximiná, Juruti, Almeirim, Prainha, Monte Alegre, Alenquer e Curuá” (informação retirada da Documentação Museológica) apresentem informações sobre a Arte Rupestre, mas não como temática principal. Ressalte-se que talvez a partir desses inventários se permita gerar produtos como os visualizados no *Currículo lattes* da pesquisadora que remetem a Arte Rupestre.

Sobre as temáticas encontradas na Documentação Museológica e referentes à pesquisadora **Edithe Pereira**, as especificidades encontradas foram:

- 1- **Carta Arqueológica:** Projeto Serra do Sossego, Canaã dos Carajás, Sudeste do Pará; Coleção Protássio Friel; Projeto Inventário dos Sítios de Óbidos, Oriximiná, Juruti, Almeirim, Prainha, Monte Alegre, Alenquer e Curuá;
- 2- **Arqueoturismo:** Projeto Bauxita de Paragominas/PA (Abaetetuba e Moju); Projeto Serra do Sossego (Canaã dos Carajás); Região do Trombetas: Sítio PA-OR-63: Boa Vista e PA-OR-70: Horta; Pacoval do Curuá (Prainha, PA); Projeto Bauxita de Paragominas: Sítio Bitterncourt, Alunorte e Jambuaçu;
- 3- **Pré-história da Amazônia:** Projeto de Pesquisa do Baixo Amazonas (Ilha do Marajó, Santarém, Monte Alegre); Sítio PA-OR-124: Greig I e Sítio PA-OR-125: Greig II; Distrito de Pacoval – Rio Curuá-Uma (Prainha-PA).

O Gráfico 18, por sua vez, mostra as temáticas desenvolvidas na documentação pelo pesquisador **Fernando Luiz Tavares Marques**.

Gráfico 18 –. Temática da Documentação Museológica de Fernando Marques.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

A partir dos temas estabelecidos no âmbito de pesquisa do arqueólogo, verifica-se no Gráfico 18, que durante os dez anos de produções, a temática mais representativa é Arqueologia histórica e industrial com 42,9%. Em segundo lugar, Engenhos de Maré com

28,6%. E, por último e empatados as temáticas Missões Religiosas Coloniais e Fortificações, ambas com 14,3%.

Deve ser realçado que no que as temáticas Arqueologia Urbana, Arquitetura Vernacular e Arquitetura Histórica não são encontradas em nenhum documento analisado. Porém deve ser frisado que as outras temáticas as quais são encontradas nesta fonte de informação possam apresentar informações geradoras de produtos como os visualizados no *Currículo lattes* do pesquisador que remetem a estes temas.

Sobre as temáticas encontradas na Documentação Museológica referentes ao pesquisador **Fernando Marques**, as peculiaridades encontradas foram:

- 1- **Arqueologia Histórica e Industrial:** Empresa Alumina Brasil China (ABC) – Barcarena – PA; Empresa Alumina do Norte do Brasil S.A. (Alunorte) – Barcarena – PA; Sítio PA-BA-85: Jambuaçu – Moju, Microrregião de Tomé-Açu, Mesorregião do Nordeste Paraense;
- 2- **Engenhos de Maré:** Hidrelétricas Santo Antônio e Jirau, Alto do Rio Madeira, Rondônia – AHE JIRAU/AHE SANTO ANTÔNIO;
- 3- **Missões Religiosas Coloniais:** Sítio PA-BA-83: Bittencourt – Abaetetuba – PA;
- 4- **Fortificações:** Forte Príncipe da Beira, município de Costa Marques, Sudoeste de Rondônia.

O Gráfico 19 reproduz as temáticas desenvolvidas na documentação pela pesquisadora **Maura Imazio da Silveira**.

Gráfico 19 – Temática da Documentação Museológica de Maura Imazio.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

A partir dos temas determinados no âmbito de pesquisa da arqueóloga, observa-se no Gráfico 19 que durante estes dez anos de produções, a temática mais representativa é o Salvamento Arqueológico com 48,3%. Em segundo lugar, Sudeste do Pará com 20,7%. Em terceiro lugar, Arqueologia Amazônica com 17,2%. E, por último, Arqueologia do Litoral com 13,8%. É visto que no Gráfico 19, a temática Arqueoastronomia não é encontrada em nenhum documento analisado. Reporte-se que outras temáticas que são encontradas nesta fonte de informação apresentam informações geradoras dos produtos como os visualizados no *Currículo lattes* da pesquisadora que remetem a este tema.

Sobre as temáticas encontradas na Documentação Museológica referentes a pesquisadora **Maura Imazio**, as particularidades encontradas foram:

- 1- **Salvamento Arqueológico:** Porto de Santarém; Projeto Salobo (Sítio Alex, Sequeiro, Marcos, Pau Preto, P32, 4Alfa, Araras, Perdido do Mirim, Cachoeira do Borges, Marinaldo, Reginaldo, Mirim, Abraham, Orlando, Edinaldo, Ocorrências: Castanheira, Nascente e Cinzento, Dique BF2 e Bitoca 1); FLONATA – Floresta Nacional

Tapirapé-Aquiri (Marabá); Sítio Cachorro Cego e Ocorrência NEI; LT230Kv, Mineroduto e Estrada de acesso do Projeto Salobo;

- 2- **Sudeste do Pará:** Projeto Salobo – Vila Sanção e Paulo Fonteles, Parauapebas (PA); Área do Projeto Salobo: Marabá (22 sítios: BF1, BF2, Bitoca 1, Bitoca 2, Pau Preto, 4Alfa, P32, Araras, dentre outros); Ocorrência Marinaldo, Cachoeira do Borges, Cinzento, Nascente, Marcos, Castanheira, Nei, Abraham e Cachorro Cego; Sítio Mirim, Araras, Alex, Ocorrência Pau Preto, 4Alfa, E32, Reginaldo, Perdido;
- 3- **Arqueologia Amazônica:** Estudos Microbotânicos (Projeto Salobo) – Sítio Bitoca 2: PA-AT-278; Estudos Arqueobotânicos (Projeto Salobo) – Bitoca 2, Cachoeira do Borges, Sequeiro e Barfi; MPEG: Largo do Carmo (Projeto EASCA) e na reserva técnica; Projeto de Pesquisa do Baixo Amazonas: Integração: Arqueologia do campo e pesquisa de coleção (Ilha do Marajó, Cidade de Santarém, Fazenda Taperinha – Sambaqui e assentamentos associados, nas proximidades de Santarém e Monte Alegre; Sítio PA-BA-84: Alunorte (Barcarena, PA);
- 4- **Arqueologia do Litoral:** Prospecção arqueológica (Alpha Ville Belém 3) – Ilha de Outeiro – Belém, PA; Sítio Jabuti (Bragança, PA); Projeto “Piatam Mar” (Sítio PA-SA-750: Jabuti – Bragança, PA e Sítio PA-BB-37: Maraú – Ilha do Mosqueiro, PA); Pré-história Litorânea: cerâmica Mina (Região do Salgado Paraense – Praia do Marajó.

O Gráfico 20 mostra as temáticas desenvolvidas na documentação pelo pesquisador **Marcos Pereira Magalhães**.

Gráfico 20 –. Temática da Documentação Museológica de Marcos Pereira.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

A partir dos temas existentes no âmbito de pesquisa do arqueólogo, o Gráfico 20 mostra que durante estes dez anos de produções, a temática mais representativa é a Arqueologia de organização social e política das remotas sociedades amazônicas (sociedades simples e complexas) com 46,2%. Em segundo lugar, Projetos Arqueológicos com 30,8%. Em terceiro lugar e último lugar, Arqueologia da Paisagem com 23,1%.

É notado no Gráfico 20, que as temáticas Arqueologia Histórica, Arqueologia dos caçadores-coletores remotos, Arqueologia Teórica e História da Ciência não são encontradas em nenhum documento analisado. Entretanto diga-se que outras temáticas são encontradas nesta fonte de informação o qual evidenciam informações que possam ter gerado produtos como os visualizados no *Currículo lattes* do pesquisador que remetem a estes temas.

Sobre as temáticas encontradas na Documentação Museológica referentes ao pesquisador **Marcos Magalhães**, os detalhamentos encontrados foram:

- 1- **Arqueologia de organização social e política das remotas sociedades amazônicas (sociedades simples e complexas):** Sítio PA-OR-127: Cipoal Araticum – Terras Baixas – Floresta Ombrófila Densa (Projeto Arqueológico Trombetas) – Porto

Trombetas; Baixo Amazonas: Ilha do Marajó (Teso Guarajá, Fazenda Campo Limpo), Santarém (Porto de Santarém e Fazenda Taperinha) e Monte Alegre; Sítio PA-BA-83: Bittencourt; Sítio PA-BA-84: Alunorte; Sítio PA-BA-85: Jambuaçu, localizados em Abaetetuba, Barcarena e Moju;

- 2- **Projetos Arqueológicos:** Projeto de Educação Ambiental e Patrimonial; Prospecção e Salvamento dos sítios Bela Cruz I e II; Salvamento Arqueológico em Porto Trombetas; Sítio PA-ST-43: Paraná do Arau-É-PA – Projeto Antares Mineração e Consórcio LTDA – Programa Arqueológico – Aveiro, PA;
- 3- **Arqueologia da Paisagem:** Sítio PA-OR-124: Greig I e Sítio PA-OR-125: Greig II.

Pelo que foi disponibilizado, pode-se discorrer de acordo com a visão de Yassuda (2009, p. 10) que o “museu é uma unidade de informação” e, por isto, possui diversos formatos documentais, os quais acarretam diversas informações como as apresentadas nesta análise. Pode-se, então definir que a Documentação Museológica se incube de realizar o “tratamento informacional das coleções, desde o registro até a disseminação da informação” (YASSUDA, 2009, p. 10).

Baseado no pensamento da autora assevera-se a importância das Documentações Museológicas encontradas no MPEG, cujas possibilitaram principalmente a geração de novos conhecimentos (produção científica) como os visualizados no tópico anterior e, do mesmo modo, a contribuição significativa na preservação da memória social enquanto instituição-memória abordada por Fragoso (2009).

Assim, de acordo com Barbuy (2008, p. 35) a Documentação Museológica é a “organização da informação sobre os acervos de museus, como base para todos os demais trabalhos institucionais, bem como para tornar a informação acessível a pesquisadores e público externos”. Ou seja, este tipo de documentação auxilia na formação das coleções disponibilizadas no museu tanto para os pesquisadores internos, quanto externos e além do público em geral.

Entretanto, há de ser destacado que patrimônio deve ser disponibilizado em uma exposição, lembrando que antes desse processo são necessárias informações concretas e organizadas que o embase. Daí a relevância das informações acima para buscar entender como as coleções dentro do MPEG foram formadas.

5.3 Currículo lattes X Documentação Museológica

Compreender a formação de coleções dentro de instituições como o MPEG requer planejamento. Por essa causa Maciel e Mendonça (2000, p.16), discorrem que este processo predispõe “o reconhecimento da comunidade a ser servida e suas características culturais e informacionais oferecerão a base necessária e coerente para o estabelecimento de políticas de seleção [...]”. No caso, esta comunidade no museu pode ser considerada aquelas provenientes da região amazônica, tendo em vista a missão institucional.

Outrossim, deve ser levado em conta que as características culturais e informacionais, ao menos no âmbito da arqueologia, são aquelas advindas das temáticas da Arqueologia Pré-histórica e Arqueologia Histórica. Assim:

a estrutura para formação de coleções funciona como um esqueleto para abrigar cada parte específica das coleções. Assim, cada item selecionado deve exercer uma função clara no acervo, tal como cada parte do esqueleto: para pesquisa, para o estudo, para o trabalho, para o lazer etc., correspondendo ao que foi estabelecido na estrutura (WEITZEL, 2012, p. 182).

Face às discussões travadas acima, neste tópico se estabelece a analogia de fato das duas fontes de informação (*Currículo Lattes* e Documentação Museológica) proposta da pesquisa.

A primeira pesquisadora inserida nesta relação é **Edithe da Silva Pereira** e as temáticas por ela desenvolvida nas duas fontes.

A primeira temática estabelecida é **Arte Rupestre**, o qual não se estabelece nenhuma relação devido este assunto possuir particularidades o apenas na fonte *Currículo Lattes* e não encontrada na Documentação Museológica. Além disso, Pereira (2009) discorre que este tema retomou os estudos apenas na década de 90 e de forma sistemática, já que foi esquecida durante certo período dentro do MPEG.

A segunda temática **Pré-História na Amazônia**, que segundo Amorim (2010) é um dos temas mais trabalhados pelo MPEG, apresentou particularidade relacionada ao Baixo Amazonas, referenciando o município de Monte Alegre (PA), o qual o Quadro 9 abaixo expõe as informações referentes a formação de coleções existentes nesta temática e particularidade.

Quadro 9 – Formação de Coleções da Temática Pré-História.na Amazônia.

Proveniência	Natureza do Material	Situação do Material	Produto	Datação	Finalidade do Material	Volume	Indicações/Menção de extroversão	Outras informações
Monte Alegre	Cerâmica	Não informa	Documentação Museológica: diversos relatórios, artigos e dois livros. Propõe também: curso de arqueologia de campo intensivo, seminários. Esse curso tem como proposta gerar outros produtos: referente ao município de Monte Alegre um livro relacionado a Taperinha a respeito dos caçadores-coletores da Amazônia. Currículo lattes: projeto de pesquisa, textos em	Não informa	Não informa	Não informa	Não informa	-Projeto Baixo Amazonas: projeto integrado de arqueologia do campo e pesquisa de coleção. Objetivo: entender melhor a adaptação humana ao ambiente de terras baixas tropicais do Baixo Amazonas, o impacto dessa adaptação tanto nas sociedades humanas quanto no ambiente; -Não identifica quem realizou

			jornais de notícias/revistas, outras produções bibliográficas e educação e popularização de C&T – livros e capítulos de livros					a coleta e a data/período da mesma.
--	--	--	--	--	--	--	--	-------------------------------------

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

A terceira temática, **Carta Arqueológica**, apresenta na sua particularidade uma relação entre as duas fontes de informação sobre os seguintes itens: Coleção Protássio Friel e o Projeto inventário do sítios de Óbidos, Oriximiná, Juruti, Almeirim, Prainha, Monte Alegre, Alenquer e Curuá. Assim, o Quadro 10 expõe as informações referentes a formação de coleções existentes nesta temática e particularidade.

Quadro 10 – Formação de Coleções da Temática Carta Arqueológica.

Proveniência	Natureza do Material	Situação do Material	Produto	Datação	Finalidade do Material	Volume	Indicações/Menção de extroversão	Outras informações
Regiões de Ponta do Jaruari, rios Itacaiúnas e Caiteté, Paru do Leste, Paru de Oeste e Cururu, no Estado do Pará, além de Ponta Negra no Amazonas.	Fragmentos e artefatos cerâmicos e material lítico.	Reserva técnica.	Documentação Museológica: cursos, participação em eventos, participação de trabalho de campo e outras atividades. Currículo lattes: orientações e supervisões concluídas – orientações de outra natureza.	Não informado.	Reorganização do acervo arqueológico do Museu Goeldi, coordenado por Edithe Pereira e Vera Guapindaia logo após a instalação da nova reserva técnica da instituição: Reserva Mário Simões.	Reúne mais de 50 mil amostras de material arqueológico de várias regiões do Estado do Pará e Amazonas.	Apresentar o estudo histórico contextual, análise, descrição, catalogação do material arqueológico e a sistematização das informações em banco de dados da coleção arqueológica formada por Protásio Friel das regiões de Ponta do Jaruari, rios Itacaiúnas e Caiteté, Paru de Leste, Paru de Oeste e Cururu, no Estado do Pará, além de Ponta Negra no Amazonas.	-Coleção Protásio Friel, contribuiu para formação de outras coleções: Coleção Ponta do Jaruari, Coleção Paru Leste, Coleção Cururu, Coleção Itacaiúnas e Coleção Ponta Negra; -Não identifica quem realizou a coleta e a data/período da mesma.
Município de Óbidos	Gravuras rupestres, material cerâmico e lítico, objetos de	Doados, coletados e registro por meio de fotografias	Documentação Museológica: não informado. Currículo lattes: projetos de pesquisa,	Não informado.	Não informado.	Informa apenas o volume dos seguintes sítios: Sítio PA-OB-19: Andirobal	Realizar o inventário sistemático dos sítios arqueológicos dos municípios do Estado do Pará para	-Foram registrados 13 sítios; -Não identifica quem realizou

	vidro, fragmentos de louças históricas, faianças, garrafa de grés, apêndices zoomorfos.	as gravuras rupestres.	apresentação de trabalhos, demais tipos de produção técnica e Educação e popularização de C&T – livros e capítulos.			(Comunidade Andirobal): 1 lâmina de machado. Sítio PA-OB-24: Mocambo (Quilombo São José, Mocambo): 134 peças (fragmentos cerâmicos com e sem decoração, fragmentos de lâmina de machado, cerâmica de torno, cerâmica vidrada, fragmentos de garrafa de grés, garrafas de vidro e tijoleiras).	contribuir para pesquisas, gestão e proteção desses patrimônios além de colaborar com as políticas públicas do estado.	a coleta e a data/período da mesma.
Município de Oriximiná	Fragmentos cerâmicos, pinturas rupestre, lítico, apliques, afiadores, polidores.	Coletados e as pinturas foram registradas em fotografias.	Documentação Museológica: livro. Currículo lattes: projetos de pesquisa, apresentação de trabalhos, demais tipos de	Não informado.	Não informado.	Informa apenas o PA-OR-31: Kantársi III: 1 artefato lítico.	Realizar o inventário sistemático dos sítios arqueológicos dos municípios do Estado do Pará para contribuir para pesquisas, gestão e proteção desses	-Foram encontrados 205 sítios registrados; -Não identifica quem realizou a coleta e a data/período

			produção técnica e Educação e popularização de C&T – livros e capítulos.				patrimônios além de colaborar com as políticas públicas do estado.	da mesma.
Município de Juruti	Fragmentos cerâmicos e líticos, polidores, lâminas de machado, afiador de pedra, estrutura de forno.	Coletado.	Documentação Museológica: não informado. Currículo lattes: projetos de pesquisa, apresentação de trabalhos, demais tipos de produção técnica e Educação e popularização de C&T – livros e capítulos.	Não informado.	Não informado.	Informa apenas as seguintes ocorrências: Da Ordem (Comunidade da Ordem, margem direita do Igarapé Juruti Grande): 1 afiador de pedra. Jauari (Comunidade Jauari): 1 estrutura de forno.	Realizar o inventário sistemático dos sítios arqueológicos dos municípios do Estado do Pará para contribuir para pesquisas, gestão e proteção desses patrimônios além de colaborar com as políticas públicas do estado.	-Foram registrados 45 sítios; -Não identifica quem realizou a coleta e a data/período da mesma.
Município de Almeirim	Gravuras rupestres, material e vestígios cerâmicos e líticos, ossos humanos, faianças, lâminas de machado.	Coletados, doados e realizado registro das gravuras rupestres e encontram-se na reserva técnica.	Documentação Museológica: não informado. Currículo lattes: projetos de pesquisa, apresentação de trabalhos, demais tipos de produção técnica e Educação e	Não informado.	Não informado.	Informa apenas os seguintes sítios: Sítio PA-AM-9: Pinaré (margem esquerda do rio Paru, Sítio Pinaré): 2 fragmentos de lâminas de machados em	Realizar o inventário sistemático dos sítios arqueológicos dos municípios do Estado do Pará para contribuir para pesquisas, gestão e proteção desses patrimônios além de colaborar com as políticas públicas	-Foram encontrados 25 sítios registrados; -Não identifica quem realizou a coleta e a data/período da mesma.

			popularização de C&T – livros e capítulos.			superfície e 1 pequena vasilha foi doada ao MPEG	do estado.	
Município de Prainha	Material cerâmico e fragmentos, gravuras rupestres, fragmento de lâmina de machado e de rocha, faiança, material lítico.	Coletado, registro das gravuras supestres e encontram-se na reserva técnica.	Documentação Museológica: não informado. Currículo lattes: projetos de pesquisa, apresentação de trabalhos, demais tipos de produção técnica e Educação e popularização de C&T – livros e capítulos.	Não informado.	Não informado.	Informa apenas esses sítios: Sítio PA-MT-7: Pedra do Noé: 1 pintura rupestre. Sítio PA-MT-17: Jatuarana: 1 fragmento de lâmina de machado, 1 fragmento de rocha com gravura rupestre. PA-MT-29: Lago Geral 1: 1 lítico. PA-MT-28: Pitanga: 2 fragmentos cerâmicos. PA-MT-34: São João: 1 batedor e 1 lâmina de machado.	Realizar o inventário sistemático dos sítios arqueológicos dos municípios do Estado do Pará para contribuir para pesquisas, gestão e proteção desses patrimônios além de colaborar com as políticas públicas do estado.	-Foram encontrados 49 sítios registrados; -Não identifica quem realizou a coleta e a data/período da mesma.
Município de Monte Alegre	Diversos lajedos com gravuras rupestres,	Coletados, registrado a gravuras e na	Documentação Museológica: não informado. Currículo	Não informado.	Não informado.	Informa apenas o seguinte sítio: Itajuri (Serra Itajuri,	Realizar o inventário sistemático dos sítios arqueológicos	-Foram encontrados 55 sítios registrados;

	fragmentos cerâmicos e líticos., fragmento de lâmina de machado.	reserva técnica.	lattes: projetos de pesquisa, apresentação de trabalhos, demais tipos de produção técnica e Educação e popularização de C&T – livros e capítulos.			Lagoa Azul): um fragmento de lâmina de machado.	dos municípios do Estado do Pará para contribuir para pesquisas, gestão e proteção desses patrimônios além de colaborar com as políticas públicas do estado.	-Não identifica quem realizou a coleta; Data/registo: 2012.
Município de Alenquer	Gravuras rupestres, fragmentos cerâmicos e líticos.	Coletados, registrado a gravuras e na reserva técnica.	Documentação Museológica: não informado. Currículo lattes: projetos de pesquisa, apresentação de trabalhos, demais tipos de produção técnica e Educação e popularização de C&T – livros e capítulos.	Não informado.	Não informado.	Informa apenas o seguinte sítio: PA-OB-3: Cidade dos Deuses: 2 fragmentos cerâmicos; PA-OB-08: São Raimundo (Comunidade Tanques, Fazenda São Raimundo): 6 fragmentos cerâmicos e 1 lítico.	Realizar o inventário sistemático dos sítios arqueológicos dos municípios do Estado do Pará para contribuir para pesquisas, gestão e proteção desses patrimônios além de colaborar com as políticas públicas do estado.	-Foram encontrados 11 sítios registrados; -Não identifica quem realizou a coleta e a data/período da mesma.
Município de Curuá	Sambaqui fluvial, fragmentos cerâmicos e líticos.	Coletados e na reserva técnica.	Documentação Museológica: não informado. Currículo lattes: projetos de pesquisa,	Não informado.	Não informado.	Não informado.	Realizar o inventário sistemático dos sítios arqueológicos dos municípios do Estado do Pará para	-Encontrados apenas 5 sítios registrados; -Não identifica quem realizou

			apresentação de trabalhos, demais tipos de produção técnica e Educação e popularização de C&T – livros e capítulos.				contribuir para pesquisas, gestão e proteção desses patrimônios além de colaborar com as políticas públicas do estado.	a coleta e a data/período da mesma.
--	--	--	---	--	--	--	--	-------------------------------------

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

Quanto à última temática, **Arqueoturismo**, se constata que as particularidades estabelecidas nas duas fontes de informação são: região Oeste e do Trombetas (Sítio PA-OR-63: Boa Vista, PA-OR-70: Horta e Pacoval do Curuá – Prainha) e Canaã dos Carajás (Projeto Serra do Sossego). Portanto, o Quadro 11 expõe as informações referentes à formação de coleções existentes nesta temática e particularidades.

Quadro 11 – Formação de Coleções da Temática Arqueoturismo.

Proveniência	Natureza do Material	Situação do Material	Produto	Datação	Finalidade do Material	Volume	Indicações/Menção de extroversão	Outras informações
Região Oeste – Rio Trombetas: Sítio PA-OR-63: Boa Vista	Cerâmica, objetos líticos (lâminas de machado, raspadores, afiadores, percutores, quebra-coquinhos e contas-de-colar, além de núcleos, lascas diversas, seixos e pequenos blocos de rocha), fragmentos de ossos, carvão vegetal, sementes carbonizadas e amostras de solo.	Coletado, embalado em sacos plásticos e identificado de acordo com a sua procedência.	Documentação Museológica: não informado. Currículo lattes: participação em eventos, congressos, exposições e feiras.	Dois contextos cerâmicos: a Fase Pocó, mais antiga, e o Estilo Konduri, mais recente. Duas ocupações distintas, ou se resultam de um processo de mudanças culturais ao longo de uma mesma ocupação, isso é uma questão, entre tantas outras, a ser ainda estudada.	Não informado.	Não informado.	Incluiu-se entre os resultados positivos dos trabalhos desenvolvidos pela equipe do projeto de Educação Ambiental e Patrimonial, coordenado e executado por técnicos do MPEG, com a colaboração dos técnicos da MRN. Destaca-se, entre outras realizações desse projeto, a visita que membros de ambas as comunidades – do Moura e do Boa Vista – fizeram ao MPEG, em Belém, onde tiveram oportunidade de conhecer o acervo arqueológico, de	-Formação das coleções arqueológicas provenientes da região do Trombetas; -Não identifica quem realizou a coleta; Data coleta/registo: no período de 14 de outubro a 14 de novembro de 2003.

							modo geral e, particularmente, as coleções arqueológicas provenientes da região do Trombetas.	
Região Oeste – Rio Trombetas: PA-OR-70: Horta	Fragmentos cerâmicos (corpo, bordas e bases), lítico (implementos – lâminas de machados, quebra-coquinhos, raspador, afiador e batedor; núcleos, lasca líticas, seixos), sementes carbonizadas, estrutura de fogão e carvão vegetal.	Doados, coletado e futuramente analisado.	Documentação Museológica: não informado. Currículo lattes: participação em eventos, congressos, exposições e feiras.	Sementes carbonizadas com identificação de espécimes consumidas pelas populações pré-históricas locais. Datações adquiridas por C14. dois contextos cerâmicos: a Fase Pocó, mais antiga, e o Estilo Konduri, mais recente.	Não informado.	Não informado.	Incluiu-se entre os resultados positivos dos trabalhos desenvolvidos pela equipe do projeto de Educação Ambiental e Patrimonial, coordenado e executado por técnicos do MPEG, com a colaboração dos técnicos da MRN. Destaca-se, entre outras realizações desse projeto, a visita que membros de ambas as comunidades – do Moura e do Boa Vista – fizeram ao MPEG, em Belém, onde tiveram oportunidade de conhecer o acervo arqueológico, de modo geral e, particularmente, as	-Não identifica quem realizou a coleta; Data coleta/registro: no período de 12 de julho a 11 de agosto de 2004.

							coleções arqueológicas provenientes da região do Trombetas.	
Pacoval do Curuá, município de Prainha (PA)	Material cerâmico e lítico.	Coletado.	Documentação Museológica: não informado. Currículo lattes: projetos de pesquisa, trabalhos técnicos, demais tipos de produções técnica.	Não informado.	Não informado.	Não informado.	Projeto de educação patrimonial, pretende-se que a ação educativa com foco no patrimônio cultural, especialmente arqueológico, seja gerada nos processos de percepção e vivência cultural, na mobilização e mediação de práticas que instiguem os atores sociais a reconhecerem os próprios bens culturais e protagonizarem os processos de valorização, usufruto e proteção desse patrimônio, bem como a geração de redes de integração para o exercício da cidadania.	-Não identifica quem realizou a coleta; Data coleta/registro: 26 de novembro a 01 de dezembro de 2007.

Canaã dos Carajás, Sudeste do Pará	Fragmentos cerâmicos e líticos, artefatos líticos inteiros e amostras do solo, carvão, argila, sementes, pólen, resina, ossos, dentes e material malacológico.	Analisado no laboratório.	Documentação Museológica: não informado. Currículo lattes: projetos de pesquisa, demais tipos de produções técnicas.	Não informado. Porém, informa que o material analisado pertence à Tradição Tupiguarani, uma vez que suas principais características técnicas e morfológicas apresentam semelhanças com a cerâmica da fase Itacaiúnas	Reserva técnica.	Mais de 6 mil fragmentos de cerâmica, artefatos líticos inteiros e amostras do solo, carvão, argila, sementes, pólen, resina, ossos, dentes e material malacológico.	Informatização do acervo arqueológico para tornar acessível ao curador, pesquisadores e estudantes interessados na arqueologia do sudeste do Pará.	-Foram identificados seis sítios arqueológicos e sete ocorrências na área de influência direta da atividade mineradora. Informa também, a coleção arqueológica Serra do Sossego; -Não identifica quem realizou a coleta e a data/período da mesma.
---	--	---------------------------	---	--	------------------	--	--	---

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

Adiante, a relação estabelecida nas duas fontes será do pesquisador **Fernando Luiz Tavares Marques** a partir das temáticas por ele desenvolvida nas mesmas.

A primeira temática estabelecida é **Arqueologia Histórica e Industrial**, na qual não foi encontrada nenhum tipo de particularidade que pudesse ser relacionada. Esta constatação chama bastante atenção, tendo em vista que esta temática é a segunda mais estudada no âmbito do MPEG, de acordo com Amorim (2010). Do mesmo jeito, ocorreu com os temas **Arqueologia Urbana, Missões Religiosas Coloniais, Arquitetura Vernacular e Arquitetura Histórica**.

Por outro lado, inerente às temáticas supracitadas se encontra **Engenhos de Maré e Fortificações** que apresentam uma relação estabelecida entre as duas fontes de informação propostas na pesquisa. No primeiro tema se acha a particularidade indicada pelas Hidrelétricas AHE Santo Antônio e AHE Jirau, Alto do Rio Madeira, Rondônia (ver Quadro 12).

Quadro 12 – Formação de Coleções da Temática Engenhos de Maré.

Proveniência	Natureza do Material	Situação do Material	Produto	Datação	Finalidade do Material	Volume	Indicações/Menção de extroversão	Outras informações
Hidrelétrica AHE Jirau, Alto do Rio Madeira, Rondônia	Fragmentos de louça, garrafas de vidro e grés além de moedas antigas, panela de ferro e canecas, fragmentos de vasilhas de louças, foram identificados vestígios de	Não identificado.	Documentação Museológica: fotografia. Currículo lattes: projeto de pesquisa e trabalhos técnicos.	Cita apenas esta informação: os vestígios remanescentes de época até anterior a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, como	Identificação das potencialidades do patrimônio arqueológico, histórico e cultural da área em estudo.	Não informado.	Executar o diagnóstico do Patrimônio Arqueológico na área de influência direta e indireta da construção do AHE Jirau, definida no trecho entre a cachoeira do Jirau e proximidades da Vila de Abunã. Elaborar a avaliação	-Não identifica quem realizou a coleta e a data/período da mesma.

	sepultamentos, como cruzeiros de madeira e parte de uma estrutura em alvenaria.			possíveis acampamentos de colonos ingleses, de fins do século XIX. Assim como algumas arquiteturas e utensílios domésticos, remetem e podem estar vinculadas à cultura das sociedades indígenas ou caboclas da região, assim como alguns vestígios associados à atividade de garimpo.			de impactos ambientais sobre os sítios arqueológicos históricos, considerando a implantação do empreendimento.	
Hidrelétrica AHE Santo Antônio, Alto do Rio Madeira, Rondônia	Pequenos objetos como garrafas e louças antigas, fragmentos de grés, faianças e vidros, fragmentos de faianças finas.	Não identificado.	Documentação Museológica: fotografia. Currículo lattes: projeto de pesquisa e trabalhos técnicos.	Final do século XIX e início do século XX no Vila Santo Antônio e origem europeia.	Compreender as diferentes etapas do processo histórico ocorrido naquela área do atual Estado de Rondônia.	Não informado.	Executar o diagnóstico do Patrimônio Arqueológico na área de influência direta e indireta da construção do AHE Jirau, definida no trecho entre a cachoeira do Jirau e proximidades da	-Não identifica quem realizou a coleta e a data/período da mesma.

							Vila de Abunã. Elaborar a avaliação de impactos ambientais sobre os sítios arqueológicos históricos, considerando a implantação do empreendimento.	
--	--	--	--	--	--	--	---	--

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

A segunda temática, **Fortificações**, apresenta como particularidade o Forte Príncipe da Beira, localizado no município de Costa Marques, sudoeste de Rondônia. Assim, o Quadro 13, expõe melhor sua relação na formação de coleções advinda desta temática.

Quadro 13 – Formação de coleções da Temática Fortificações.

Proveniência	Natureza do Material	Situação do Material	Produto	Datação	Finalidade do Material	Volume	Indicações/Menção de extroversão	Outras informações
Forte Príncipe da Beira, município de Costa de Marques, sudoeste de	Cerâmica vermelha não torneada, cerâmica construtiva e torneada, faianças,	Coletados, analisados e classificados.	Documentação Museológica: fotografia e palestra na escola local. Currículo lattes: projeto	Apenas expõe que: os materiais arqueológicos encontrados são recorrentes em	Não informado.	No total foram encontrados 920 fragmentos de material arqueológico.	-Desenvolver ações de acompanhamento arqueológico em prospecções e sondagens a serem executadas no Forte	-Não identifica quem realizou a coleta e a data/período da mesma.

Rondônia	faianças-Finas, Grés, metais e vidros.		de pesquisa, apresentações de trabalhos, demais tipos de produção técnica, participação em eventos, congressos e exposições e feiras.	sítios históricos do período colonial.			Príncipe da beira; -Identificação e caracterização dos materiais e técnicas construtivas empregadas na fortificação; -Análise e descrição dos elementos da cultura material arqueológica indicadora sociocultural da ocupação humana ocorrida no sítio; -Fornecer subsídios para valorização do monumento e sua integração com a comunidade local, através de ações posteriores, como por exemplo, de educação patrimonial.	
-----------------	--	--	---	--	--	--	--	--

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

Prosseguindo, a relação estabelecida nas duas fontes será a da pesquisadora **Maura Imazio da Silveira**, a partir das temáticas por ela desenvolvida nas mesmas.

A primeira temática estabelecida é **Arqueologia Amazônica**, que apresentou particularidade relacionada ao Projeto Salobo, a partir de estudos arqueobotânicos nos sítios Bitoca 2, Cachoeira do Borges, Sequeiro e Barfi. Também relaciona os estudos referentes ao projeto de pesquisa do Baixo Amazonas (Ilha do Marajó, cidade de Santarém, Fazenda Taperinha e Monte Alegre), salientando os sambaquis desta região e em especial remetendo ao Porto de Santarém. Igualmente, remonta como outra particularidade o Sítio PA-BA-84: Alunorte em Barcarena (PA). O Quadro 14 abaixo expõe as informações referentes a formação de coleções existentes nesta temática e particularidade.

Quadro 14 – Formação de Coleções da Temática Arqueologia Amazônica.

Proveniência	Natureza do Material	Situação do Material	Produto	Datação	Finalidade do Material	Volume	Indicações/Menção de extroversão	Outras informações
Projeto Salobo – Sítio Bitoca 2 – Marabá (PA)	Cerâmica, líticos (lascas, lâminas de machado), corantes e polidores e fragmentos botânicos carbonizados (fragmento de frutos e sementes).	Coletado e análises carpológica e antracológicas	Documentação Museológica: palestras, capítulo de livro, um trabalho completo, apresentação do relatório, artigo e vídeo. Currículo lattes: artigos completos publicados em periódicos, resumos publicados em anais de	Não identificado.	Comparar a espécimes devidamente coletadas e identificadas da carpoteca do MPEG. Continuação das análises dos restos de frutos e sementes. Também análise antracológica dos fragmentos carbonizados poderá fornecer importantes	2839 fragmentos de vestígios arqueobotânicos (semente) e 100 (lenho).	A comunidade científica de Belém.	Não identifica quem realizou a coleta; Data coleta/ registro: no ano de 2003.

			congressos, apresentação de trabalhos, participação em eventos, congressos, exposições e feiras, orientações e supervisões concluídas – Monografia de conclusão de curso de aperfeiçoamento /especialização e iniciação científica.		dados sobre paleovegetação, bem como informações sobre o uso da madeira como combustível e até mesmo sobre o uso do fogo pelas populações desta área da Amazônia no passado.			
Projeto Salobo – Sítio Cachoeira do Borges, – Marabá (PA)	Cerâmico e fragmentos botânicos carbonizados (fragmento de frutos e sementes).	Coletado e análises carpológica e antracológicas	Documentação Museológica: palestras, capítulo de livro, um trabalho completo, apresentação do relatório, artigo e vídeo. Currículo lattes: artigos completos publicados em periódicos, resumos publicados em anais de	Não identificado .	Comparar a espécimes devidamente coletadas e identificadas da carpoteca do MPEG. Continuação das análises dos restos de frutos e sementes. Também análise antracológica dos fragmentos carbonizados poderá fornecer importantes	425 vestígios arqueobotânicos (fragmentos de lenho, endocarpos de palmeira e semente dicotiledônea);	A comunidade científica de Belém.	Não identifica quem realizou a coleta; Data coleta/registo: no ano de 2005.

			congressos, apresentação de trabalhos, participação em eventos, congressos, exposições e feiras, orientações e supervisões concluídas – Monografia de conclusão de curso de aperfeiçoamento /especialização e iniciação científica.		dados sobre paleovegetação, bem como informações sobre o uso da madeira como combustível e até mesmo sobre o uso do fogo pelas populações desta área da Amazônia no passado.			
Projeto Salobo – Sítio Sequeiro – Marabá (PA)	Cerâmico e lítico e fragmentos botânicos carbonizados (fragmento de frutos e sementes);	Coletado e análises carpológica e antracológicas	Documentação Museológica: palestras, capítulo de livro, um trabalho completo, apresentação do relatório, artigo e vídeo. Currículo lattes: artigos completos publicados em periódicos, resumos publicados em anais de	Não identificado .	Comparar a espécimes devidamente coletadas e identificadas da carpoteca do MPEG. Continuação das análises dos restos de frutos e sementes. Também análise antracológica dos fragmentos carbonizados poderá fornecer importantes	13 fragmentos de vestígios arqueobotânicos (7 de palmeiras e 6 de lenho de dicotiledônea);	A comunidade científica de Belém.	Não identifica quem realizou a coleta; Data coleta/registo: no ano de 2005.

			congressos, apresentação de trabalhos, participação em eventos, congressos, exposições e feiras, orientações e supervisões concluídas – Monografia de conclusão de curso de aperfeiçoamento /especialização e iniciação científica.		dados sobre paleovegetação, bem como informações sobre o uso da madeira como combustível e até mesmo sobre o uso do fogo pelas populações desta área da Amazônia no passado.			
Projeto Salobo – Sítio Barfi – Marabá (PA)	Cerâmico e lítico e fragmentos botânicos carbonizados (fragmento de frutos e sementes).	Coletado e análises carpológica e antracológicas	Documentação Museológica: palestras, capítulo de livro, um trabalho completo, apresentação do relatório, artigo e vídeo. Currículo lattes: artigos completos publicados em periódicos, resumos publicados em anais de	Não identificado .	Comparar a espécimes devidamente coletadas e identificadas da carpoteca do MPEG. Continuação das análises dos restos de frutos e sementes. Também análise antracológica dos fragmentos carbonizados poderá fornecer importantes	36 fragmentos de restos macro botânicos (em maior quantidade palmeiras, sementes de dicotiledôneas e fragmentos de lenho).	A comunidade científica de Belém.	Não identifica quem realizou a coleta; Data coleta/registo: no ano de 2003.

			congressos, apresentação de trabalhos, participação em eventos, congressos, exposições e feiras, orientações e supervisões concluídas – Monografia de conclusão de curso de aperfeiçoamento /especialização e iniciação científica.		dados sobre paleovegetação, bem como informações sobre o uso da madeira como combustível e até mesmo sobre o uso do fogo pelas populações desta área da Amazônia no passado.			
Projeto de Pesquisa do Baixo Amazonas - Ilha do Marajó	Pisos e fogões.	Não informado.	Documentação Museológica: relatórios, artigos e dois livros. Proposta: curso de arqueologia de campo intensivo. Currículo lattes: artigos completos publicados em periódicos, entrevistas, mesas redondas, programas e comentários na	Pisos: conjunto mais recente de pisos intactos com fogões dataram aproximadamente 700-900 AD.	Não informado.	Não informado.	Não informado.	-Projeto baixo amazonas: projeto integrado de arqueologia do campo e pesquisa de coleção-objetivo: entender melhor a adaptação humana ao ambiente de terras baixas tropicais do

			mídia, participação em bancas de trabalhos de conclusão – Qualificação de Mestrado, monografias de cursos de aperfeiçoamento – Especialização, participação em eventos, congressos, exposições e feiras.					Baixo Amazonas, o impacto dessa adaptação tanto nas sociedades humanas quanto no ambiente; -Não identifica quem realizou a coleta e a data/período da mesma.
Projeto de Pesquisa do Baixo Amazonas - cidade de Santarém	Pisos de casas intactos e superpostos, um poço em forma de sino rico em remanescente s biológicos e artefatos. No poço parece ser um bolsão, e seu conteúdo de carapaças de tartarugas		Documentação Museológica: relatórios, artigos e dois livros. Proposta: curso de arqueologia de campo intensivo. Currículo lattes: artigos completos publicados em periódicos, entrevistas, mesas redondas, programas e	Estilo de decoração plástica clássica de Santarém data aproximada mente 1300 e 1450 AD.	Não informado.	Não informado.	Não informado.	-Projeto baixo amazonas: projeto integrado de arqueologia do campo e pesquisa de coleção- objetivo: entender melhor a adaptação humana ao ambiente de terras baixas

	e fragmentos cerâmicos finamente decorados.		comentários na mídia, participação em bancas de trabalhos de conclusão – Qualificação de Mestrado, monografias de cursos de aperfeiçoamento – Especialização, participação em eventos, congressos, exposições e feiras.					tropicais do Baixo Amazonas, o impacto dessa adaptação tanto nas sociedades humanas quanto no ambiente; -Não identifica quem realizou a coleta e a data/período da mesma
Projeto de Pesquisa do Baixo Amazonas - Fazenda Taperinha – Santarém	Cerâmica, sambaquis, conchas, ossos de peixes e carvão e espesso refugo rico em conchas.		Documentação Museológica: relatórios, artigos e dois livros. Proposta: curso de arqueologia de campo intensivo. Currículo lattes: artigos completos publicados em periódicos, entrevistas, mesas redondas, programas e	A ocupação mais antiga começa por volta de 7000 anos atrás e dura até 6000 anos atrás.	Não informado.	Não informado.	Não informado.	-Projeto baixo amazonas: projeto integrado de arqueologia do campo e pesquisa de coleção-objetivo: entender melhor a adaptação humana ao ambiente de terras baixas

			comentários na mídia, participação em bancas de trabalhos de conclusão – Qualificação de Mestrado, monografias de cursos de aperfeiçoamento – Especialização, participação em eventos, congressos, exposições e feiras.					tropicais do Baixo Amazonas, o impacto dessa adaptação tanto nas sociedades humanas quanto no ambiente; -Não identifica quem realizou a coleta e a data/período da mesma
Projeto de Pesquisa do Baixo Amazonas - Monte Alegre	Não informa.		Documentação Museológica: relatórios, artigos e dois livros. Proposta: curso de arqueologia de campo intensivo. Currículo lattes: artigos completos publicados em periódicos, entrevistas, mesas redondas, programas e	Não informa.	Não informado.	Não informado.	Não informado.	-Projeto baixo amazonas: projeto integrado de arqueologia do campo e pesquisa de coleção-objetivo: entender melhor a adaptação humana ao ambiente de terras baixas

			comentários na mídia, participação em bancas de trabalhos de conclusão – Qualificação de Mestrado, monografias de cursos de aperfeiçoamento – Especialização, participação em eventos, congressos, exposições e feiras.					tropicais do Baixo Amazonas, o impacto dessa adaptação tanto nas sociedades humanas quanto no ambiente; -Não identifica quem realizou a coleta e a data/período da mesma
Sítio PA-BA-84: Alunorte (Barcarena, PA)	Restos de material arqueológico com fragmentos cerâmicos e artefatos líticos.	Coletado e analisado.	Documentação Museológica: não informa. Currículo lattes: participação em bancas de trabalho de conclusão – Mestrado, monografias de cursos de aperfeiçoamento – Especialização.	Não informado.	Não informado.	Não informado.	Não informado.	- Escavação: Metodologia utilizada de forma a analisar os aspectos ambientais e paisagísticos, além da recuperação dos artefatos enfatizando-se a fisiografia e a atuação humana

								naquele espaço; -Não identifica quem realizou a coleta e a data/período da mesma.
--	--	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

A outra temática que explicita a relação entre as fontes é **Sudeste do Pará**, que tem como particularidades os seguintes aspectos: Área do Projeto Salobo (Marabá, PA), abordando alguns sítios como o Bitoca 1 e 2, 4 Alfa e P32). O Quadro 15 expõe melhor as informações pertinentes para a formação de coleções sobre esta temática.

Quadro 15 – Formação de Coleções da Temática Sudeste do Pará.

Proveniência	Natureza do Material	Situação do Material	Produto	Datação	Finalidade do Material	Volume	Indicações/Menção de extroversão	Outras informações
Área do Projeto Salobo (Marabá, PA): Sítio	Material cerâmico, lítico lascado e polidores.	Coletado.	Documentação Museológica: não informado. Currículo lattes: artigos	Séc. V, IX, XI.	Não informado.	Foram coletados fragmentos de bordas, corpos e bases	Não informado.	Não identifica quem realizou a coleta; Data coleta/registro: no ano de

Bitoca 1			completos publicados em periódicos, capítulos de livros publicados, resumos publicados em anais de congressos, apresentação de trabalhos, demais tipos de produção, participação em eventos, congressos, exposições e feiras, orientações e supervisões concluídas – orientações de outra natureza.			totalizando 28.623 fragmentos, dos quais 20.443 simples, 3.864 decorados, e 4.318 micro-fragmentos.		2003; .
Área do Projeto Salobo (Marabá, PA): Sítio Bitoca 2	Material cerâmico, lítico lascado e polidores.	Coletado.	Documentação Museológica: não informado. Currículo lattes: artigos completos publicados em periódicos, capítulos de livros publicados,	Séc. VI, VII, IX.	Não informado.	Foram coletados fragmentos de bordas, corpos e bases totalizando 6180 fragmentos, dos quais 5.002 simples, 905 decorados,	Não informado.	Não identifica quem realizou a coleta; Data coleta/registo: no ano de 2003.

			resumos publicados em anais de congressos, apresentação de trabalhos, demais tipos de produção, participação em eventos, congressos, exposições e feiras, orientações e supervisões concluídas – orientações de outra natureza.			e 283 micro-fragmentos.		
Área do Projeto Salobo (Marabá, PA): Sítio 4 Alfa	Fragmentos cerâmicos e o material lítico são compostos de lascas em geral de quartzo e quartzito, micro lascas de quartzo, núcleos, fragmentos de rocha, batedor, raspador e fragmentos de rocha.	Coletado.	Documentação Museológica: não informado. Currículo lattes: artigos completos publicados em periódicos, capítulos de livros publicados, resumos publicados em anais de congressos, apresentação de trabalhos,	Séc. VI.	Não informado	820 fragmentos coletados (bordas, copos e bases) dos quais 723 simples e 97 decorados. Lítico: 30 vestígios líticos.	Não informado.	- Não identifica quem realizou a coleta; Data coleta/registro: no ano de 2004.

			demais tipos de produção, participação em eventos, congressos, exposições e feiras, orientações e supervisões concluídas – orientações de outra natureza.					
Área do Projeto Salobo (Marabá, PA): Sítio Bitoca P32	Fragmentos cerâmicos, carvões e concreções laterísticas, pequenos líticos lascados, lascas de quartzo, fragmento de núcleo, alguns cristais de quartzo, fragmentos de rocha, fragmentos de vasilhame, quartzito (Sítio Acampamento).	Coletado.	Documentação Museológica: não informado. Currículo lattes: artigos completos publicados em periódicos, capítulos de livros publicados, resumos publicados em anais de congressos, apresentação de trabalhos, demais tipos de produção, participação em eventos, congressos, exposições e	Séc. V.	Não informado	Cerâmico: 1485 fragmentos (bordas, copos e bases), dos quais 1236 simples e 249 decorados. Em separado foi coletado em um setor de fragmento cerâmico com pequenos furos, trata-se de um fragmento de vasilhame provavelmente utilizado como coador. Lítico: não informado.	Não informado.	- Não identifica quem realizou a coleta; Data coleta/registro: no ano de 2004.

			feiras, orientações e supervisões concluídas – orientações de outra natureza.					
--	--	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

A próxima temática que concretiza a relação entre as fontes é **Salvamento Arqueológico**, o qual segundo Amorim (2010), atualmente encontra-se como aquele que mais se destaca no âmbito da arqueologia dentro do MPEG. Este assunto possui como particularidades os seguintes aspectos: Porto de Santarém, Projeto Salobo (Marabá, PA), abordando alguns sítios como o Pau Preto, P32, 4 Alfa, Araras, Dique BF1, Dique BF2, Bitoca 1 e Bitoca 2. O Quadro 16 expõe melhor as informações pertinentes para a formação de coleções sobre esta temática.

Quadro 16 – Formação de coleções da Temática Salvamento Arqueológico.

Proveniência	Natureza do Material	Situação do Material	Produto	Datação	Finalidade do Material	Volume	Indicações/Menção de extroversão	Outras informações
Porto de Santarém	Abrassadores, fragmentos cerâmicos de apliques	Coletado.	Documentação Museológica: não informado. Curriculo	Não identificado, porém informa que os vestígios são provenientes da	Análises, restauração, conservação e guarda.	Não informado.	Não informado.	-Não identifica quem realizou a

	modelados, com engobo vermelho, pintura e incisões (cultura de Santarém Clássica) / materiais frágeis: sementes queimados, corões, ossos e conchas.		lattes: entrevistas, mesas redondas, programas e comentários na mídia, participação em bancas de trabalhos de conclusão – qualificações de mestrado.	Cultura Clássica, Precursora e Formativa/intervenções modernas de Santarém.				coleta e a data/período da mesma.
Projeto Salobo - Marabá, PA: Pau Preto	Fragmentos cerâmicos, lítico (lasca de quartzo leitoso) e pequeno e fino disco de plagio clássico, fragmento de plagio clássico, carvão e sementes. Concreções laterísticas e terra queimada, estrutura de combustão (fogueiras), resinas, fragmentos de rocha, adorno-	Coletado.	Documentação Museológica: através do livro, artigos publicados em periódicos especializados, de trabalhos apresentados em Congressos e pesquisas acadêmicas de especialização, mestrado e doutorado. Currículo lattes: artigos completos publicados em periódicos,	Séc. XI	Serão realizadas mais análises para obtenção de mais dados concretos sobre datação, dentre outros. E também encontra-se na reserva técnica.	Foram coletados fragmentos de bordas, corpos e bases totalizando 1222 fragmentos, dos quais 1178 simples e 44 decorados. - lítico: 2 objetos de formato discoidal.	Não informado.	Com número de catálogo: 2692; Não informa quem realizou coleta; Data coleta/registo: no ano de 2004;

	conta. (Sítio Acampamento).		textos em jornais de notícias/revistas, apresentações de trabalhos, outras produções bibliográficas, demais tipos de produções técnicas, participação em eventos, congressos, exposições e feiras.					
Projeto Salobo - Marabá, PA: P32	Fragmentos cerâmicos, carvões e concreções laterísticas, pequenos líticos lascados, lascas de quartzo, fragmento de núcleo, alguns cristais de quartzo, fragmentos de rocha, fragmentos de vasilhame, quartzito (Sítio Acampamento).	Coletado.	Documentação Museológica: através do livro, artigos publicados em periódicos especializados, de trabalhos apresentados em Congressos e pesquisas acadêmicas de especialização, mestrado e doutorado. Curriculo lattes: artigos completos publicados em	Séc. V.	Serão realizadas mais análises para obtenção de mais dados concretos sobre datação, dentre outros. E também encontra-se na reserva técnica.	Cerâmico: 1485 fragmentos (bordas, copos e bases), dos quais 1236 simples e 249 decorados. Em separado foi coletado em um setor de fragmento cerâmico com pequenos furos, trata-se de um fragmento de vasilhame provavelmente	Não informado.	Com número de catálogo: 2693; Não informa quem realizou coleta; Data coleta/registo: no ano de 2004.

			periódicos, textos em jornais de notícias/revistas, apresentações de trabalhos, outras produções bibliográficas, demais tipos de produções técnicas, participação em eventos, congressos, exposições e feiras.			utilizado como coador. Lítico: não informado.		
Projeto Salobo - Marabá, PA: 4 Alfa	Fragmentos cerâmicos e o material lítico é composto de lascas em geral de quartzo e quartzito, micro lascas de quartzo, núcleos, fragmentos de rocha, batedor, raspador e fragmentos de rocha.	Coletado.	Documentação Museológica: através do livro, artigos publicados em periódicos especializados, de trabalhos apresentados em Congressos e pesquisas acadêmicas de especialização, mestrado e doutorado. Currículo lattes: artigos completos	Séc. VI.	Serão realizadas mais análises para obtenção de mais dados concretos sobre datação, dentre outros. E também encontra-se na reserva técnica.	820 fragmentos coletados (bordas, copos e bases) dos quais 723 simples e 97 decorados. Lítico: 30 vestígios líticos.	Não informado.	Com número de catálogo: 2694; Não informa quem realizou coleta; Data coleta/registo: no ano de 2004.

			publicados em periódicos, textos em jornais de notícias/revistas, apresentações de trabalhos, outras produções bibliográficas, demais tipos de produções técnicas, participação em eventos, congressos, exposições e feiras.					
Projeto Salobo - Marabá, PA: Araras	Fragmentos cerâmicos, alguns delicados, com inciso “espinha de peixe”, além de corrugado e possível escovado.	Coletado.	Documentação Museológica: através do livro, artigos publicados em periódicos especializados, de trabalhos apresentados em Congressos e pesquisas acadêmicas de especialização, mestrado e doutorado. Currículo lattes: artigos	Séc. XVII.	Serão realizadas mais análises para obtenção de mais dados concretos sobre datação, dentre outros. E também encontra-se na reserva técnica.	Fragmentos de bordas, copos e bases totalizando 106 fragmentos, 46 simples, 10 decorados e o restante de micro-fragmentos.	Não informado.	Com número de catálogo: 2636; Não informa quem realizou coleta; Data coleta/registo: no ano de 2004.

			completos publicados em periódicos, textos em jornais de notícias/revistas, apresentações de trabalhos, outras produções bibliográficas, demais tipos de produções técnicas, participação em eventos, congressos, exposições e feiras.					
Projeto Salobo - Marabá, PA: Dique BF1	Fragmentos cerâmicos e outros vestígios como carvão.	Coletado.	Documentação Museológica: através do livro, artigos publicados em periódicos especializados, de trabalhos apresentados em Congressos e pesquisas acadêmicas de especialização, mestrado e doutorado. Currículo	Não informa.	Serão realizadas mais análises para obtenção de mais dados concretos sobre datação, dentre outros. E também encontra-se na reserva técnica.	O material cerâmico constitui-se de fragmentos de bordas e copos simples (30) ou decorados (13).	Não informado.	Com número de catálogo: 2614; Não informa quem realizou coleta; Data coleta/registro: no ano de 2003.

			lattes: artigos completos publicados em periódicos, textos em jornais de notícias/revistas, apresentações de trabalhos, outras produções bibliográficas, demais tipos de produções técnicas, participação em eventos, congressos, exposições e feiras.					
Projeto Salobo - Marabá, PA: Dique BF2	Possui lítico lascado, artefato cerâmico e outros vestígios como carvão e aplique de cerâmica modelado zoomorfo.	Coletado.	Documentação Museológica: através do livro, artigos publicados em periódicos especializados, de trabalhos apresentados em Congressos e pesquisas acadêmicas de especialização, mestrado e doutorado.	Séc. V, VII, IX e X.	Serão realizadas mais análises para obtenção de mais dados concretos sobre datação, dentre outros. E também encontra-se na reserva	Material cerâmico: 683.	Não informado.	Com número de catálogo: 2615; Não informa quem realizou coleta; Data coleta/registro: no ano de 2003.

			Currículo lattes: artigos completos publicados em periódicos, textos em jornais de notícias/revistas, apresentações de trabalhos, outras produções bibliográficas, demais tipos de produções técnicas, participação em eventos, congressos, exposições e feiras.		técnica.			
Projeto Salobo - Marabá, PA: Bitoca 1	Material cerâmico, lítico lascado e polidores.	Coletado.	Documentação Museológica: através do livro, artigos publicados em periódicos especializados, de trabalhos apresentados em Congressos e pesquisas acadêmicas de especialização, mestrado e	Séc. V, IX e XI.	Serão realizadas mais análises para obtenção de mais dados concretos sobre datação, dentre outros. E também encontra-se	Foram coletados fragmentos de bordas, corpos e bases totalizando 28.623 fragmentos, dos quais 20.443 simples, 3.864 decorados, e 4.318 micro-fragmentos.	Não informado.	Com número de catálogo: 2610; Não informa quem realizou coleta; Data coleta/registo: no ano de 2003.

			doutorado. Currículo lattes: artigos completos publicados em periódicos, textos em jornais de notícias/revistas, apresentações de trabalhos, outras produções bibliográficas, demais tipos de produções técnicas, participação em eventos, congressos, exposições e feiras.		na reserva técnica.			
Projeto Salobo - Marabá, PA: Bitoca 2	Material cerâmico, lítico lascado e polidores.	Coletado.	Documentação Museológica: através do livro, artigos publicados em periódicos especializados, de trabalhos apresentados em Congressos e pesquisas acadêmicas de especialização,	Séc.VI, VII e IX.	Serão realizadas mais análises para obtenção de mais dados concretos sobre datação, dentre outros. E também	Foram coletados fragmentos de bordas, corpos e bases totalizando 6180 fragmentos, dos quais 5.002 simples, 905 decorados, e 283 micro-		Com número de catálogo: 2611; Não informa quem realizou coleta; Data coleta/registo: no ano de 2003.

			mestrado e doutorado. Currículo lattes: artigos completos publicados em periódicos, textos em jornais de notícias/revistas, apresentações de trabalhos, outras produções bibliográficas, demais tipos de produções técnicas, participação em eventos, congressos, exposições e feiras.		encontra-se na reserva técnica.	fragmentos.		
--	--	--	--	--	---------------------------------	-------------	--	--

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

Em seguimento, a temática estabelecida à relação entre as fontes é **Arqueologia do Litoral**, que tem como particularidade o Projeto “Piatam Mar”, que aborda os sítios PA-SA-750: Jabuti e o PA-BB-37: Maraú. O Quadro 17 expõe melhor as informações pertinentes para a formação de coleções sobre esta temática.

Quadro 17 – Formação de Coleções da Temática Arqueologia do Litoral.

Proveniênci a	Natureza do Material	Situação do Material	Produto	Datação	Finalidade do Material	Volume	Indicações/Menção de extroversão	Outras informações
Sítio PA- SA-750: Jabuti, Bragança, PA	Fragmentos de cerâmica, alguns artefatos líticos lascados, corantes, ossos de fauna e 1 dente humano, sementes de diversos tipos, carvões e solo (TPA e de estruturas ou feições)	Coleta. Será realizada análise, restauração, conservação e guarda do material no laboratório do MPEG.	Documentação Museológica: será elaborado um artigo com os resultados iniciais da pesquisa. Outros artigos serão elaborados com base nos resultados das análises dos diferentes materiais e na articulação de todos os dados coletados. Currículo lattes: projetos de pesquisa, livros publicados/orga- nizados ou edições, resumos publicados em anais de congressos,	Sítio ocupado há pelo menos 2.900 anos Bp.	Levantar dados para subsidiar a elaboração de um projeto para escavação	Não informado.	Não informado.	-Não informa quem realizou a coleta; -Data da coleta/registr o: 9 a 11 de junho/18 a 28 de agosto de 2008.

			resumos expandidos publicados em anais de congressos, apresentação de trabalhos, outras produções bibliográficas, demais tipos de produções técnicas, organização de eventos, congressos, exposições e feiras, participação em eventos, congressos, exposições e feiras.					
Sítio PA- BB-37: Maraú, Ilha de Mosqueiro	Polidores e afiadores fixos em afloramento rochoso de arenito ferruginoso, artefatos líticos como laminas de machados, enxó,	Não informado.	Documentação Museológica: não informado. Currículo lattes: projetos de pesquisa, artigos completos publicados em periódicos, livros publicados/orga-	Não informado.	Levantamento/prospecção na ilha do Mosqueiro.	É constituído por 18 blocos onde foram registrados 33 polidores e 15 afiadores.	Não informado.	-Não informa quem realizou a coleta; -Data da coleta/regist o: 10 a 13 de dezembro de 2008.

	metades, moedores, quebracocos, entre outros (o atrito com as rochas com a areia e constantes lavagens torna possível à obtenção de superfície regular desses artefatos líticos).		nizados ou edições, resumos publicados em anais de congressos, apresentação de trabalhos, demais tipos de produções técnicas, organização de eventos, congressos, exposições e feiras.					
--	---	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

Por último, a relação estabelecida nas duas fontes será a do pesquisador **Marcos Pereira Magalhães** a partir das temáticas por ele desenvolvida nas mesmas.

Primeira temática estabelecida é **Arqueologia Histórica**, que de acordo com Amorim (2010) é um dos temas mais trabalhados no MPEG, porém não foi encontrado nenhum tipo de particularidade que pudesse ser relacionada. Sobre isto, a literatura mostra, diferentemente da nossa relação, que atualmente o número de produções científicas nesta temática cresceram significativamente, principalmente pelo que tange o aspecto da arqueologia de contrato (PEREIRA, 2009).

Esse fato também ocorreu com os temas **Arqueologia dos caçadores-coletores remotos**, **Arqueologia de organização social e política das remotas sociedades amazônicas (sociedades simples e complexas)**, **Arqueologia Teórica e História da Ciência**.

Por outro lado, concernente às temáticas supracitadas é encontrada a **Arqueologia da Paisagem e Projetos Arqueológicos** que apresentam uma relação estabelecida entre as duas fontes de informação propostas na pesquisa.

Como resultado no primeiro tema encontramos a seguinte particularidade indicadas pelo Sítio PA-OR-125: Greig II. (ver Quadro 18).

Quadro 18 – Formação de coleções da Temática Arqueologia da Paisagem.

Proveniência	Natureza do material	Situação do material	Produto	Datação	Finalidade do material	Volume	Indicação/menção de extroversão	Outras informações
Sítio PA-OR-125: Greig II – Região do Trombetas	Fragmentos cerâmicos (alguns com decorações elaboradas incisa e modelada-incisa-ponteadas, além de bulbos ou suportes cônicos de bases trípodas), carvão, material lítico, laterita.	Coletado.	Documentação Museológica: não informado. Currículo lattes: projetos de pesquisa.	As datações radiocarbônicas obtidas até o momento para o sítio Greig II recuam ainda mais a ocupação Konduri na área do Porto de Trombetas, provando que as atividades de manejo florestal de fato eram antigas no local. A datação Konduri para o Greig II as datas provenientes da escavação 1 estão entre 230 a 1650 A.D., o que tornaria a ocupação da área interfluvial pelos Konduri	o material coletado, até o momento, foi transportado para o MPEG, onde se encontra em processo de análise em laboratório e destinado a Reserva Técnica	Não informa.	Não informa.	- Coleta realizada por Marcos Magalhães; -Data da coleta/registro: etapa de campo: 16 de outubro a 14 de novembro de 2008. Levantamento do sítio foram iniciadas no período de 20 de agosto a 19 de setembro de 2007. Houve período de campo anterior nas datas de 10 de outubro a 12 de novembro de 2007.

				mais antiga que nas margens do rio Trombetas.				
--	--	--	--	---	--	--	--	--

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

A segunda temática, **Projetos Arqueológicos**, evidencia como particularidade o sítio PA-ST-43: Paraná do Arau-É-pa, localizado no município de Aveiro (PA). Assim, o Quadro 19, retrata fielmente essa relação na formação de coleções advinda desta temática.

Quadro 19: Formação de coleções da Temática Projetos Arqueológicos.

Proveniência	Natureza do material	Situação do material	Produto	Datação	Finalidade do material	Volume	Indicação/menção de extroversão	Outras informações
Sítio PA-ST-43: Paraná do Araú-É-Pa – Aveiro/PA	Cerâmica (predominante), lítico (lâminas de machado)	Coletado.	Documentação Museológica: não identificado. Currículo lattes: trabalhos técnicos.	Não informado.	Não informado.	Não informado.	Não informado.	Programa de salvamento/MPEG. Faz menção ao material lítico para “coleccionismo” ou por “curiosidade” da população que vive nas redondezas do sítio; -Não identifica quem realizou a coleta e a data/período da mesma.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

Nesta panorâmica, a relação determinada entre as temáticas nas duas fontes de informação tornaram possível o entendimento sobre como essas coleções foram formadas no âmbito do MPEG, tendo em vista que, Lima (2008) aduz que estes objetos que compõem estes acervos arqueológicos abordados, permitem diversas investigações, o qual a partir delas chega-se a uma interpretação da existência desses patrimônios.

Até mesmo, mostrar que estes objetos, “enquanto elementos da materialização da cultura, [...] estabelecem estreitas relações com os fenômenos memoriais e identitários” (AZEVEDO NETTO, 2005, p. 265). Complementando, Azevedo Netto (2005), Loureiro e Loureiro (2013, p. 2):

Os homens imprimem suas marcas nos objetos que, por se constituírem vestígios da ação humana e sobreviverem a seus criadores, são capazes de ancorar memórias, fazer lembrar, comunicar e transmitir mensagens. Tais mensagens podem ser permanente ou transitórias, intencionais (como lápides) ou involuntárias (como objetos de uso cotidiano).

No caso do MPEG, como evidenciados nos dados desta pesquisa e na sua proposta enquanto unidade de informação (YASSUDA, 2009) e também Instituição-memória (FRAGOSO, 2009) foi constatado, então, a partir da formação das coleções busca a compreensão da “ocupação humana na Amazônia” (VAN VELTHEM; GUAPINDAIA, 2006).

Neste nexos, Lima (2008) completa que “a razão das investigações que cercam os objetos, a relevância das pesquisas, por conseguinte, concentram-se nos atores sociais, nos grupos produtores” (LIMA, 2008, p. 37).

Em conformidade com Araujo (2014, p. 7-8):

Os objetos museológicos contribuem para o fortalecimento da identidade das formações nacionais, sociais, comunitárias, etc. a que pertencem, e para o desenvolvimento científico e cultural da humanidade como um todo. Podemos dizer que a aquisição, sendo uma busca ordenada e com critérios, de objetos com potencial para serem musealizados, é um dos principais pilares dos museus. Essas instituições usam o processo de aquisição com o objetivo de preservarem para futuras gerações, os marcos que documentam o modo de pensar e viver das sociedades presentes e passadas. Mas como afirmamos acima, esse processo precisa ser ordenado e com critérios, além de precisar ser revisado de tempos em tempos.

A compreensão emergente é a de que a formação das coleções por meio dos objetos remete a ideia de um patrimônio que retroage a um passado ou mais precisamente a uma memória, a qual é vista nos museus como o caso do MPEG, produzindo a identidade e reconhecimento daqueles atores sociais que permeiam este patrimônio.

Daí se estabelece tanto as construções identitárias pessoais e coletivas. Assim, essas ideias permeiam as concepções trabalhadas no estudo imanente, como a de Loureiro e Loureiro (2013) em identificar que as coleções apontam para conservação, acesso e identificação/descoberta, as concepções de Pedrão e Murguia (2013) com relação ao patrimônio, estabelecendo que ele possui valores que representam memórias” e por último, discorrer que essas coleções possibilitam “reviver o passado ou se projetar no futuro através de objetos ou suas representações.

De tal modo, as formações de coleções comportam ser um indicativo de memória, que permeiam as representações, o qual “partir do momento que as instituições museológicas se tornam um espaço público onde a nação também é proprietária das coleções” (ARAÚJO, 2014, p. 13).

Por fim, infere-se que os dados coletados, analisados e interpretados neste capítulo tornaram visíveis o objetivo alcançado em estabelecer um alinhamento entre as coleções arqueológicas apresentadas e a produção científica dos pesquisadores estudados pelo período de 2005 a 2014.

Neste sentido tornou-se possível constatar e considerar que sobre o MPEG, enquanto Instituição-memória, a partir de Fragoso (2009), estabelece-se ligação direta com a memória individual a partir dos estudos de Bergson (1990) e Atkinson (2007). A partir de uma memória social definida por Jardim (1994), Dodebei (1997, 2005) e Silva e Oliveira (2014). Além disso, possibilita o estabelecimento por meio de uma memória coletiva ligada ao esquecimento e patrimônio evidenciados na formação de coleções, trabalhadas pelas concepções de Ricoeur (2007), Catroga (2001, 2011), Weinrich (2001), Candau (2012, 2013) e Halbwaches (1990).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada tratando do tema “Memória e produção científica: a relação entre a Documentação Museológica e a produção acadêmica dos arqueólogos do MPEG”, teve sua consecução exitosa.

Isso porque, alcançou os objetivos fundamentais propostos, ao apresentar um estudo: levantando as possíveis temáticas que se encontram bastante presente nas duas fontes de informação analisadas; - verificando a abrangência dos campos existentes na Documentação Museológica; - mensurando a quantidade de coleções arqueológicas que foram desenvolvidas a partir das temáticas selecionadas nas duas fontes de informação; e, - Examinando a cronologia existente na Documentação Museológica que formam as coleções arqueológicas do MPEG.

Ressalte-se que o objetivo geral logrou êxito devido às partes específicas de o referencial teórico terem sido desenvolvidas de maneira coerente e coesa, reproduzindo todo o conteúdo proposto. Para isso, o capítulo Procedimentos metodológicos percorreu sobre os principais métodos que envolveram a pesquisa propriamente dita, tratando, neste caso, sobre a Caracterização da pesquisa; o *Locus* da pesquisa; as Etapas da pesquisa.

No capítulo subsequente traçou-se com sucesso o contexto que é pertinente à totalidade dos aspectos concernentes à Memória, tendo sido particularizado, o cenário da Memória Científica.

O capítulo posterior descreveu de modo efetivo os principais elementos constitutivos dos MUSEUS COMO *LOCUS* DA MEMÓRIA, através do estudo referente à Cultura Material; à Concepção sobre patrimônio; e à Memória do MPEG, sendo que esta apresentou explicações sobre a Produção científica; Coleções; Documentação Museológica.

Por fim, foi executada a Análise dos Resultados obtidos, com a ulterior Discussão da pesquisa, cuja embasada em diversos autores conhecedores do assunto abordado, que sob o prisma de Arruda (2002, p. 99) “designam todos os tipos de meios (suportes) que contêm informações suscetíveis de serem comunicadas”, já que possibilitou a verificação, de como são desenvolvidas a formação das coleções arqueológicas no MPEG por meio dos estudos sobre *Currículo Lattes*, Documentação Museológica e *Currículo Lattes x Documentação Museológica*. Isso significa dizer que através desses objetivos constituiu-se um estudo qualitativo compondo um referencial teórico de conteúdo relevante,

Não obstante, foi por intermédio do estudo quantitativo concretizado em uma pesquisa documental, que se promoveu o levantamento, coleta, compilação e análise e dos dados, tornando possível responder afirmativamente ao problema suscitado, no caso, que os pesquisadores estudados e as produções científicas geradas nas duas fontes de informação no período proposto foram de extrema valia para a formação das coleções arqueológicas para o MPEG.

Neste sentido, conseguiu-se evidenciar o alinhamento existente entre a coleção arqueológica e a produção de seus pesquisadores, cuja resultante demonstrou concretamente, que as coleções estão embasadas e são derivadas das experiências imanentes aos pesquisadores analisados.

Assim, alcançadas as propostas elencadas por meio do desenvolvimento temático e baseados nos resultados advindos da análise e interpretação dos dados, com a o debate junto aos autores com conhecimentos sobre o assunto em questão, retira-se em caráter de inferência, os seguintes pontos do texto:

- A memória pode ser usada como um mecanismo de bloqueio às lembranças maléficas para nossa mente, e abertura na produção de novos pensamentos, novas formas de viver o momento presente;
- Os museus são instituições responsáveis por diversos documentos os quais, têm sob sua égide o intuito de preservá-los para sociedades futuras, além de participar das divulgações científicas produzidas por eles;
- A cultura material é um suporte de informação dos comportamentos humanos, e quando inserida dentro do universo museológico, passa a ser um referente de memória;
- Todo patrimônio tem seu caráter material e imaterial em sincronismo, pois o primeiro só existe a partir de uma demanda simbólica, sendo ela, imaterial, e o segundo é percebido por meio de suas manifestações, englobando assim, a materialidade. Essa junção de sincronismo é o que nós entendemos por memória;
- A produção científica faz parte do âmbito da ciência e tudo o que é produzido/instituído pela comunidade científica. Portanto, de maneira geral quando esta produção científica encontra-se vinculada a um País, envolve outros aspectos, tais como: econômicos ou até científico-tecnológico;
- A coleção nada mais é do que a organização de objetos que possuam algo em comum e possibilitem transmitir informações sobre ela;

- Um fator relevante a ser abordado sobre coleções, diz respeito às funções que elas desempenham ao seu usuário, principalmente em locais que permeiam a disseminação da informação, como os Museus;

- O MPEG, mesmo com diferentes administrações, vem, consideravelmente, diminuindo o esquecimento da arqueologia, uma vez que é disponibilizada até os dias atuais no museu uma seção para a coleção de acervos arqueológicos. Desse modo, fazendo com que esta coleção seja um importante elemento aos projetos relacionados à memória arqueológica e mais precisamente a memória científica da região.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Bruno Henrique. Abordagens métricas: análise da produção científica de artigos e rede de colaboração científica dos docentes do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, na linha de Pesquisa, Organização da Informação da UNESP/Marília. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v. 9, n. 2, p. 104-115, 2009.
- AMORIM, Lilian Bayma de. **Cerâmica Marajoara**: a comunicação do silêncio. Belém: MPEG, 2010.
- ARAUJO, Vivian Greco Cavalcanti de. **O Século XXI coletado**: um estudo sobre a política de aquisição de acervo do Museu Histórico Nacional, seu uso, seus critérios e sua aplicação. 2014. 259 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- ARRUDA, Susana Margaret de. **Glossário de Biblioteconomia e Ciências afins**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.
- ATKINSON, Rita L. et al. **Introdução à psicologia de Hilgard**. 13. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Informação e memória – as relações na pesquisa. **Revista História em Reflexão**, Dourados, MS, v. 1, n. 2, p. 1-20, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/julho_dez_2007/arquivos/informacao-e-memoria-2013-as-relacoes-na-pesquisa>. Acesso em: 09 jun. 2014.
- _____. Memória, Identidade e Cultura Material: a visão arqueológica. **Revista Vivência**, n. 28, 2005, p 265 – 276.
- _____. Memória e identidade: a representação através da cultura material. **Cadernos de Estudos e Pesquisas**, São Gonçalo, v. 8, n. 19, p. 13-24, 2004.
- _____. Preservação do patrimônio arqueológico – reflexões através do registro e transferência da informação. **Ci.Inf.**, Brasília, DF, v.37, n.3, p.7-17, set./dez. 2008.
- _____. Pensando um conceito de paisagem: por um outro olhar sobre o espaço e sua interface com a informação, In: SEABRA, G.; MENDONÇA, I. **Educação ambiental: responsabilidade para a conservação da sociobiodiversidade**. João Pessoa: Editora UFPB, 2011.
- BARBUY, H. Documentação museológica e a pesquisa em museus. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lucia N. M. **Documentação em Museus**. Rio de Janeiro: MAST, 2008.
- BARBUY, H.; CARVALHO, V.; LIMA, S.F. (Coord.). “O sistema documental do Museu Paulista: a construção de um banco de dados e imagens num museu universitário em transformação”. In: OLIVEIRA, C.H.S.; BARBUY, H. (Org.). **Imagem e produção de conhecimento**. São Paulo: Museu Paulista da USP, 2002. p. 13-29.

BARRETO, Mauro Vianna. História da pesquisa arqueológica no Museu Paraense Emílio Goeldi. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, Pa, v. 8, n. 2, p. 203-294, dez. 1992. (Série Antropológica).

BECKER, Howard S. **Método de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

BELTRÃO, Jane Felipe; CAROSO, Carlos. Patrimônio. Linguagens e memória social: problemas, estudos e visões no campo da antropologia. In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; ECKERT, Cornelia; BELTRÃO, Jane Felipe (Org.). **Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos**. Blumenau, SC: Nova Letra, 2007.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BRAGANÇA GIL, Fernando. Museus de ciência: preparação do futuro, memória do passado. **Revista de Cultura Científica**, Lisboa, n. 3, p. 72-89, out., 1988.

BRAVO, Ana Lúcia. **Curadoria**. 2011. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/curadoria/>>. Acesso em: 08 maio 2015.

BRIGIDI, Fabiana Hennies. **Fotografia: uma fonte de informação**. 2009. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul). UFRGS: Porto Alegre, 2009.

CANDAU, Joel. **Antropologia da memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

_____. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação museológica. **Caderno de Diretrizes Museológicas 1**, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus/Associação dos Amigos do Museu Mineiro, 2002. p. 29-76.

CANEDO, Daniele. “Cultura é o quê?” – reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 5., 2009, Salvador. **Anais...** Salvador, 2009.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto Editora, 2001.

CHAGAS, Mário de Souza; NASCIMENTO, Júnior José do. Diversidade museal e movimentos sociais. In: NASCIMENTO Júnior, José do (Org.). **IBERMUSEUS 2: Reflexões e comunicações**. Brasília, DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2008.

CHAGAS, Mário. **Museália**. Rio de Janeiro: JC Editora, 1996.

CERAVOLO, Suely Moraes; TÁLAMO, Maria de Fátima. Os museus e a representação do conhecimento: uma retrospectiva sobre a documentação em museus e o processamento da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador, 2007.

CERTAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; DA SILVA, Roberto. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson, 2007.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de: Teresa Castro. Lisboa: Edições 70, 2000.

CLARKE, David L. **Arqueologia analítica**. 2. ed. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 1984.

CNPq. **Plataforma Lattes**. 2007. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/internas/noticias-carta.htm>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

CRIPPA, Giulia. Entre paixão e necessidade: a arte de colecionar, os espaços da memória e do conhecimento na história. In: FURNIVAL, Ariadne Chloë; COSTA, Luzia Sigoli Fernandes (Orgs.). **Informação e conhecimento: aproximando áreas de saber**. São Carlos, SP: EduFSCar, 2005.

CRISPINO, Luís Carlos Bassalo; BASTOS, Vera Burlamaqui; TOLEDO, Peter Mann de (Org.). **As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi: aspectos históricos e iconográficos (1860-1921)**. Belém: Para-Tatu, 2006.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DIAS, Cláudia Augusto. **Comunicação científica**. 1999. Disponível em: <<http://www.cipedya.com/web/FileDetails.aspx?IDFile=175942>>. Acesso em: 20 out. 2015.

DODEBEI, Vera. Memória, circunstância e movimento. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.

_____. **O sentido e o significado de documento para a memória social**. 1997. 185f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

DOMINGUES, I. Em busca do método. In: _____. **Conhecimento e transdisciplinaridade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG/IEAT, 2004. p. 17-40.

EIRÃO, Thiago Gomes. **A disseminação seletiva da informação e a tecnologia RSS nas bibliotecas de Tribunais em Brasília**. 2011. 122 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2011.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 5. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. Patrimônio: discutindo alguns conceitos. **Diálogos**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 79-88, 2006.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação Museológica: Teoria para uma Boa Prática. In: Estudos de Museologia. **Caderno de Ensaio**, n.2. Rio de Janeiro: MINC/IPHAN, 1994, p. 65 -74.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRAGOSO, Ilza da Silva. **Instituições-Memória**: modelos institucionais de proteção ao patrimônio cultural e preservação da memória na cidade de João Pessoa, PB. 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

FUNARI, Pedro Paulo; CARVALHO, Aline Vieira de. Cultura material e patrimônio científico: discussões atuais. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio F. **Cultura material e patrimônio da ciência e tecnologia**. Rio de Janeiro: MAST, 2009. p. 3-13.

GARVEY, W. D.; LIN, N.; NELSON, C. E. Comunicação nas ciências físicas e sociais. In: GARVEY, W. D. **Comunicação**: a essência da ciência; facilitando informação entre bibliotecários, cientistas, engenheiros e estudantes. Oxford: Pergamon, 1979.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

_____. _____. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GRIFFITH, B. Compreender a ciência: estudos de comunicação e informação. **Comunicação e Pesquisa**, Newbury Park, v. 16, n. 5, p. 600-614, out. 1989.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOMES, Ângela Maria de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, 1998.

GOMES, Cristina Maria. **Comunicação científica**: alicerces, transformações e tendências. Covilhã: UBI, 2013.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GORDENS, Jacy Bastos. **Avaliação da produção científica dos egressos, bolsistas e não bolsistas de iniciação científica, do curso de...** 2007. 59f. Tese (Doutorado em Saúde da Mulher) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. (Biblioteca Vértice, Sociologia e Política).

HOEBEL, E. A.; FROST, E. L. **Antropologia cultural e social**. Tradução de Euclides Carneiro da Silva. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

JARDIM, José Maria. **Cartografia de uma ordem imaginária**: uma análise do sistema nacional de arquivos. 1994. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação da Escola de Comunicação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

JEUDY, Henry-Pierre. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

JULIÃO, Letícia. **Apontamentos sobre a história do Museu**. 2002. Disponível em: <<http://www.cultura.mg.gov.br/arquivos/Museus/File/cadernodiretrizes/cadernodiretrizes.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2014.

KAPLAN, Norman; STORER, Norman W. Scientific communication. In: SILLS, David L. **International Encyclopedia of the Social Sciences**, New York: The Macmillan Co & The Free Press, v. 13. p. 112-117, 1968.

LE COADIC, Y.-F. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Herança cultural (Re)Interpretada ou a Memória Social e a Instituição Museu: Releitura e Reflexões. In: _____. **Revista Eletrônica do Programa de PósGraduação em Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2008.

LINHA do tempo: Museu Goeldi. 2013. Disponível em: <http://www.museu-goeldi.br/portal/sites/default/files/linhatempo/lt_fs.htm>. Acesso em: 28 out. 2014.

LOPES, Cintia Alberton Corrêa. **Desenvolvimento de coleções**: interpretações a partir da produção científica brasileira no período de 2000-2013. 61 f. 2013. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

LOUREIRO, José Mauro Matheus. **Labirinto de paradoxos**: informação, museu e alienação. 1996. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

_____. Museu de ciência, divulgação científica e hegemonia. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 32, n. 1, p. 88-95, jan./abr. 2003.

LOUREIRO, José Mauro Matheus; SILVA, Sabrina Damasceno. Gênese e singularidades nos processos curatoriais nos espaços de história natural: dos gabinetes aos museus como espaços discursivos da ciência e da “ideia de nação”. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., 2013. Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2013.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Fragmentos, modelos, imagens: processos de musealização nos domínios da ciência. **DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação**, v. 8, n. 2, abr. 2007.

_____. **Museu, informação e arte**: a obra de arte como objeto museológico e fonte de informação. 1998. 85 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Documento e musealização: entretecendo conceitos. **Midas – Museu e Estudos Interdisciplinares**, v. 1, p. 1, 2013.

MACIEL, Alba Costa; MENDONÇA, Marília Alvarenga Rocha. **Bibliotecas como organizações**. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2000.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

_____. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas; amostragens e técnicas de pesquisa; elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MAROEVIC, Ivo. 2004. “The museum message: between the document and the information”. In: **Museum, media, message**. London: Routledge, 2004.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1999.

MENESES, Paulo. “Etnocentrismo e relativismo cultural: algumas reflexões”. **Revista Symposium**, Recife, v. 3, Número Especial, 1999.

MENESES, Ulpiano B. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, B. G.; VIDAL, Diana Gonçalves. **Museus**: dos Gabinetes de curiosidades à museologia moderna. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2005, p. 18-84.

METZGER, Jean-Paul. A informação-documentação. In: OLIVESI, S. et al (Ed.). **Ciência da Informação e da Comunicação – objetos, conhecimento, disciplina**. Grenoble: Imprensa Universitária de Grenoble, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementariedade? **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set. 1993.

MPEG. O Museu da Amazônia. 2013. Disponível em: <<http://www.museu-goeldi.br/portal/content/apresenta%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 27 fev. 2015.

MUELLER, S. P. M. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura. In: CAMPELLO, B.S.; CEDÓN, B.V.; KREMER, J. M. (Org). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed/UFMG, 2000.

MURGUIA, Eduardo Ismael. O colecionismo bibliográfico: uma abordagem do livro para além da informação. **Enc. Bibli.: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. esp., jan./jul. 2009.

OLIVEIRA, Andréia Machado; SIEGMANN, Christiane; COELHO, Débora. As Coleções como duração: o colecionador coleciona o quê? **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, jan./jun. 2005.

OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg. O conceito de memória na ciência da informação: análise das teses e dissertações dos programas de pós-graduação no

Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: IBICT, 2010.

OTLET, P. **Traité de Documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique.** Bruxelles: Mundaneum, 1934.

PASSOS, Edilenice; BARROS, Lucivaldo Vasconcelos. **Fontes de informação para pesquisa em direito.** Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2009.

PEDRÃO, Gabriela Bazan; MURGUIA, Eduardo Ismael. Formação das bibliotecas: uma abordagem desde a perspectiva do colecionismo. **Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS**, v. 19, n. 2, jul./dez. 2013.

PEDROCHI, Mara Angélica; MURGUIA, Eduardo Ismael. **O dever de uma coleção: a institucionalização do Museu “Eduardo André Matarazzo” de armas, veículos e máquinas.** In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 8., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador, BA, 2007.

PEREIRA, Edithe. O Museu Goeldi e a pesquisa arqueológica: um panorama dos últimos dezessete anos (1991-2008). **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 4, n. 1, p. 171-190, jan./abr. 2009.

PINTO, Júlia Rocha. O papel social dos museus e a mediação cultural: conceitos de Vygotsky na arte-educação não formal. **Palíndromo**, Santa Catarina, n. 7, 2012. Disponível em: <<http://ppgav.ceart.udesc.br/revista/edicoes/7>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização.** Trad. de Ana Thorell. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

POMIAN, Krzysztof. **Colecção.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1984. (Enciclopedia Einaudi, v. 1).

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento.** Campinas: UNICAMP, 2007.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si, ou... **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 35-42, 1998.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Metodologia científica.** São Paulo: Avercamp, 2006.

SAMPAIO, Débora Adriano; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. Memória, museus e ciência da informação: uma perspectiva interdisciplinar. **Biblios – Revista de Bibliotecología y Ciencia de la información**, n. 52, 2013.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia da pesquisa.** 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SANJAD, Nelson. **A coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907).** Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: MPEG; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2010.

SANJAD, Nelson. Emílio Goeldi e o Museu Paraense. In: SANJAD, Nelson; VAN VELTHEM, Lúcia Hussak. **Reencontro: Emílio Goeldi e Museu Paraense**. Belém: MPEG, 2006.

SANJAD, Nelson. **Emílio Goeldi (1859-1917): a aventura de um naturalista entre a Europa e o Brasil**. Rio de Janeiro: EMC, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SCHACTER, D. L. Memória. In: POSNER, M. I. (Org.). **Fundamentos da ciência cognitiva**. Cambridge: MIT Press, 1991.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. A “eras dos museus de etnografia” no Brasil: o Museu Paulista, o Museu Nacional e o Museu Paraense em finais do século XIX. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna**. 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

SILVA, Elsa Peralta da. Patrimônio e identidade. Os desafios do turismo cultural. **Antropológicas**, n. 4, 2000a. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/view/932/734>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

SILVA, Luiz Eduardo Ferreira da; OLIVEIRA, Bernardina Juvenal Freire de. Mnemosyne infor-comunicativa: a possibilidade axiomática de construção de um conceito de memória para a ciência da informação. **Inf.&Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 24, n.1, p. 135-143, jan./abr. 2014.

SILVA, Maurila Bentes de Mello e. **Estudo bibliométrico da produção científica do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará**. 2000. 159 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000b.

SOTO, Moana. Os museus e a sociedade em rede. **Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/65/109>>. Acesso em: 08 jan. 2015.

SOUZA, Sheila Mendonça. **Relatório sobre bioarqueologia de campo e laboratório**. Relatório técnico referente ao componente Antropologia Física. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2003.

SOUZA, Sheila Mendonça; GUAPINDAIA, Vera Lúcia Calandrini; CARVALHO, Cláudia Rodrigues. Necrópole Maracá e os problemas interpretativos em um cemitério sem enterramentos. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, série Antropologia, v. 17, n. 2, p. 479-520, 2001.

SOUZA, Willian Eduardo Righini de; CRIPPA, Giulia. O patrimônio como processo: uma ideia que supera a oposição material-imaterial. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 237-251, jul./dez. 2011.

STRÁNSKÝ, Zbynek Z. **Originals versus substitutes**. ICOFOM Study Series, 1985.

TARGINO, Maria das Graças. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 1-27, 2000.

TEIXEIRA COELHO. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1999.

VAN VELTHEM, Lucia Hussak; GUAPINDAIA, Vera. Patrimônios entrelaçados: coleções arqueológicas e etnográfica. In: SANJAD, Nelson; VAN VELTHEM, Lúcia Hussak.

Reencontro: Emílio Goeldi e Museu Paraense. Belém: MPEG, 2006.

VOLPATO, G. L. **Publicação científica**. Botucatu: Santana, 2002.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Tradução de Marcela Coelho e Alexandre Morales. São Paulo: Editora Casac Naify, 2010.

WEINRICH, Harald. **Lete**: arte e crítica do esquecimento. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

WEITZEL, Simone da Rocha. Desenvolvimento de coleções: origem dos fundamentos contemporâneos. **TransInformação**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 179-190, set./dez., 2012.

WITTER, G. P. O ambiente como fonte de produção científica. **Informação & Informação**, Londrina, v.1, jan./jun. 1996.

WOLEDGE, G. Bibliography and documentation: words and ideas. **Journal of Documentation**, v. 39, n. 4, p. 266-279, 1983.

YASSUDA, Sílvia Nathaly. **Documentação museológica**: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto do objeto no Museu Paulista. 2009. 124f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2009.

ZIMAN, John. **Conhecimento público**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1979.